UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

VALÉRIA DE JESUS LEITE

Os fios da vida:
Memórias e lutas de trabalhadores têxteis em Montes Claros/MG
(1975-2008)

Uberlândia

2010

VALÉRIA DE JESUS LEITE

Os fios da vida:
Memórias e lutas de trabalhadores têxteis em Montes Claros/MG
(1975-2008)

Dissertação apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Linha de Pesquisa: Trabalho e Movimentos Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto de Almeida.

Uberlândia

2010

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L533f Leite, Valéria de Jesus, 1972-
Os fios da vida: memórias e lutas de trabalhadores têxteis em Montes Claros/MG (1975-2008)./ Valéria de Jesus Leite. - 2010.
152 f. : il.

Orientador: Paulo Roberto de Almeida.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em História.
Inclui bibliografia.

1. História social - Teses. 2. Trabalhadores têxteis - Montes Claros (MG) - História - Teses. 3. Trabalhadores têxteis – Vida e costumes sociais - Teses. 4. Trabalhadores têxteis - Aspectos sociais - Minas Gerais - Teses. I. Almeida, Paulo Roberto. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

CDU: 930.2:316

Elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UFU/ Setor de Catalogação e Classificação

VALÉRIA DE JESUS LEITE

Os fios da vida:
Memórias e lutas de trabalhadores têxteis em Montes Claros/MG (1975-2008)

Dissertação de Mestrado apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Linha de Pesquisa: Trabalho e Movimentos Sociais.

Uberlândia, 26 de fevereiro de 2010

Banca Examinadora

_____

Prof. Dr. Paulo Roberto de Almeida

_____

Prof. Dr. Laurindo Mékie Pereira

_____

Prof. Dra. Sheille Soares de Freitas

Dedico este trabalho a minha mãe, Cida, pela confiança, compreensão e esforços empreendidos para esta conquista, à memória de meu pai, João Avelino, ambos trabalhadores deste Brasil.

AGRADECIMENTOS

A realização de um trabalho como este exige muita dedicação e muitos momentos de solidão, mas o silêncio foi somente um momento de sua feitura. Este trabalho se fez ao longo da estrada percorrida, nas aulas, nos debates, nas conversas com os colegas de curso, nas entrevistas realizadas, nas leituras diárias e na imensa pluralidade de nosso dia a dia. Portanto, essa foi uma viagem que não fiz sozinha e aproveito a oportunidade para agradecer a todas as pessoas que viajaram comigo, contribuindo para a realização deste trabalho.

A Deus, por sua presença constante em todos os momentos de minha vida.

A minha família, meu porto seguro, pela compreensão e ajuda incondicional.

Ao CNPq, pela ajuda financeira durante o desenvolvimento deste trabalho.

No período do processo seletivo, devo muitos agradecimentos. Especialmente aos professores Laurindo Mékie Pereira e Rejane Meireles pela disponibilidade em me ajudar com a elaboração do projeto, pela indicação e empréstimo de livros. Agradeço ainda a Cipriano Mendes e aos colegas Clarice, Rosana, Rejane, Valmiro e Tadeu que me acolheram em suas casas durante as minhas idas a Uberlândia.

No período em que morei em Uberlândia, devo agradecimentos ao amigo Tadeu, pela inestimável ajuda com as questões que envolviam a nossa moradia, pelas informações sobre a cidade. Sua ajuda foi valiosa e nunca será esquecida.

Agradeço, especialmente, aos meus colegas de república, Andrey, João de Deus, Leandro e Meire, que dividiram comigo os momentos de solidão e de alegria no período em que lá morei, pelas muitas conversas que tivemos sobre os nossos trabalhos, pela troca de informações e material.

Aos amigos que fiz no curso de mestrado, Olívia, Mariana, Tiago, pelos debates profícuos e pelos momentos de descontração.

Durante a realização deste trabalho, muitas pessoas me ajudaram, indicando amigos para entrevistas, auxiliando com as fontes. Assim, quero agradecer aos amigos, Delva Lúcia, Cibele, Clarice, Wanderson, Roberto, D. Loura.

Agradeço a todos os trabalhadores com quem conversei e que se dispuseram a partilhar comigo suas experiências, especialmente Humberto, Joanes, João Batista, Jaqueline, Maria, Lourival, Laurilene, Clarice, Valdirene, Vinícius, Joana Isabel, José

Adão, Vilson, Élcio, Ivani, Valdomiro, José Mendes, Márcio e tantos outros com quem conversei. Vocês são os protagonistas desta história.

Ao senhor Américo Martins Filho por colocar a minha disposição o seu arquivo.

Agradeço também aos professores Sheille Soares de Freitas e Sérgio Paulo Morais, pela disponibilidade em participar da banca de qualificação.

Especialmente, agradeço ao meu orientador, o professor Paulo Roberto de Almeida, que pacientemente me suportou nesses dois anos de curso, pela sua competente orientação, apontando perspectivas e caminhos, dividindo comigo sua experiência que muito contribuiu para que eu avançasse na compreensão do processo histórico.

Aos demais professores do Mestrado em História da Universidade Federal de Uberlândia, da Linha de Pesquisa “Trabalho e Movimentos Sociais”, em especial às professoras Dilma de Paula, Regina Ilka e Marta Emísia, o meu reconhecimento pela valorosa colaboração através das disciplinas.

Enfim, a todas as pessoas que de alguma forma me ajudaram nesse período meus sinceros agradecimentos.

“A luta de classes (...) é uma luta pelas coisas brutas materiais, sem as quais não existem as coisas finais e espirituais. Seria, entretanto, equivocado pensar que estas só estariam presentes na luta de classes como presa que toca ao vencedor. Elas estão vivas nesta luta como confiança, como coragem, como humor, como astúcia, como tenacidade e elas operam retroativamente até os tempos remotos. Elas não cessarão de por em questão cada vitória que couber cada vez aos dominantes. Como flores que voltam suas corolas que o sol, assim o que é passado aspira, por um secreto heliotropismo a voltar-se para o sol que está em ascensão no firmamento da história. O materialismo histórico deve saber discernir esta mudança, a mais imperceptível de todas”.

Walter Benjamim.

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo tratar de aspectos relativos às vivências de trabalhadores têxteis em Montes Claros, MG. Tentamos alargar nossa visão sobre a classe trabalhadora, extrapolando a relação entre esse trabalhador e a fábrica, para chegar ao seu modo de vida, examinando mais de perto as relações sociais que se formam entre eles e a sociedade, o que nos levou a reconhecer no social uma diversidade mais ampla. Nesse enfoque, o que fizemos foi tentar conhecer mais sobre as lutas dos trabalhadores, e não apenas de suas organizações oficias. Portanto, a ênfase recaiu sobre a maneira como esses trabalhadores vivem, quais suas aspirações, valores, como lidam com os problemas referentes à moradia, à educação, ao lazer e quais significados dão a essas conquistas; que dimensão têm para eles as questões religiosas, qual seu envolvimento com os problemas de seu bairro, como se relacionam no trabalho e que importância este adquire em sua vida e como são formados os seus espaços de sociabilidades. Assim sendo, abordar as movimentações dos trabalhadores têxteis, seus sonhos, desilusões, foi fundamental para verificarmos como acontecem os enfrentamentos das questões cotidianas na busca pela constituição de territórios de expressão sociopolítica.

Palavras-chave: Trabalhadores, trabalho, relações sociais, modos de vida, Montes Claros.

ABSTRACT

This study aimed to address issues relating to the experiences of textile workers in Montes Claros, MG. We have tried to expand our view of the working class, surpassing the relationship between the worker and the factory, to get to their way of life, examining in a closer way the social relationships that form between them and society, which led us to recognize the social diversity in a broader way. In this approach, what we did was try to get to know more about the worker's problems, not just their official organizations. Therefore, the emphasis was on how these workers live, what were their aspirations, values, how they dealt with problems related to housing, education, leisure and what meanings they gave to these achievements, how much importance they gave to religious questions and their involvement with problems from their neighborhood, how they socialized with each other at work and the importance it purchased in their lives and how their sociability spaces were formed. This way making it possible to address the movement of textile workers, their dreams, disappointments, it was essential for us to verify how they faced the day to day life issues in search for the establishment of territories of sociopolitical expression.

Keywords: Workers, work, social relations, ways of life, Montes Claros.

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO 11

2 CAPÍTULO I
Tecendo a vida e a luta:
condições de vida e reivindicações de trabalhadores têxteis em Montes Claros 29

3 CAPÍTULO II
Trabalho e trabalhadores:
cotidiano e trabalho fabril na industria têxtil em Montes Claros 65

4 CAPÍTULO III
Os trabalhadores e a cidade:
por onde andam os trabalhadores têxteis 106

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 140

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 143

Os fios da vida:
Memórias e lutas de trabalhadores têxteis em Montes Claros/MG (1975-2008)

Apresentação

Este trabalho tem como objetivo tratar dos modos de vida dos trabalhadores têxteis em Montes Claros/MG. Compreender, portanto, como esses trabalhadores vivem, quais suas aspirações, seus valores, como lidam com os problemas referentes à moradia, à educação, ao lazer e quais significados dão a essas conquistas; que dimensão têm as questões religiosas em sua vida, qual seu envolvimento com os problemas de seu bairro, como se relacionam no trabalho e que importância este adquire em sua vida.

Inicialmente, a proposta para o mestrado objetivava tratar do tema "flexibilização das leis trabalhistas" e as vivências de trabalhadores na cidade de Montes Claros/MG, notadamente os trabalhadores da indústria têxtil e química. A intenção era confrontar posicionamentos e experiências dos trabalhadores têxteis e químicos em relação ao processo de flexibilização da legislação trabalhista. Esse tema foi delineado ainda na graduação, ocasião em que as discussões sobre cidadania estavam em voga, tanto nas universidades brasileiras, quanto na mídia. Assim, o trabalho monográfico se pautou em uma análise macro, pois, naquele momento, minha intenção era compreender um pouco mais sobre a formação política e social do Brasil. De certa forma, optei por dar continuidade à pesquisa iniciada na graduação, buscando desenvolver um estudo direcionado ao entendimento que os trabalhadores tinham sobre a legislação trabalhista.

Minha intenção não era somente avaliar o projeto que propunha a flexibilização da Confederação das Leis Trabalhistas – CLT –, mas também conhecer o pensamento e o posicionamento de alguns trabalhadores de duas grandes indústrias de Montes Claros, têxtil e química, sobre tal assunto, haja vista que minha maior preocupação era desenvolver um trabalho comprometido com as questões sociais do

nosso tempo. Hoje, ao revisitar minhas lembranças, acredito que, em grande medida, a escolha desse tema se deve também ao fato de eu ter trabalhado durante quinze anos em indústrias de confecção de pequeno e médio porte em Montes Claros. A proximidade com os assuntos da produção e com os setores de contratação e demissão de funcionários me colocou em contato direto com as questões relativas aos direitos trabalhistas, e isso, de certa forma, influenciou as minhas escolhas.

Todavia, ao aprofundar o contato com as fontes, não encontrava as respostas para as minhas questões. Meus entrevistados me falavam sobre outras coisas, mesmo que minhas perguntas fossem direcionadas para aquilo que eu queria que eles falassem. Nesse sentido, o contato com as fontes, associado às leituras, me fez repensar minhas escolhas, meus supostos e objetivos no mestrado. A partir de então, as mudanças aconteceram. Percebi, então, a importância de se estabelecer esse diálogo, que consiste em aprender a perguntar, aprender a ouvir e, em se tratando das fontes orais, aprender a ouvir não só as palavras, mas os silêncios, a expressão de dor ou alegria e, principalmente, ter a ciência de que essas questões podem ser modificadas, caso seja necessário, ao longo da pesquisa. Essas são práticas importantes para o ofício do historiador.

Foi nesse sentido a entrevista que fiz com o senhor José Adão, seu Dedé, como os familiares e os amigos o chamam. Tive com o senhor Dedé várias conversas. A primeira, no entanto, foi mais significativa, porque me sinalizou para outros referenciais, me levou a perceber outros caminhos. Quero chamar a atenção para o fato de que, diante das minhas primeiras perguntas, os meus entrevistados me diziam muito mais do que fora perguntado. Em um primeiro momento, isso foi um enfrentamento muito difícil para mim, porque não sabia como lidar com essas questões. Vejamos a seguir uma das questões que pontuei para seu Dedé e a resposta que ele me deu.

> _ Valéria. E o senhor começou trabalhar lá em que setor?
> _ S. Dedé. Tecelagem, na mesma máquina, chamava urdideira...
> _ Valéria. O senhor operava a urdideira?
> _ S. Dedé. Operava a urdideira...
> _ Valéria. E como era o serviço que o senhor fazia?
> _ S. Dedé. O serviço lá era operadô da urdideira, eu trabaiava de operadô e tinha dois ajudante, ficava parado ali na máquina urdino a linha. Urdino, sabe, quando enchia os rolo, a gente tirava, ia pra ingomadera, pra ingomar. As ingomadera ingomava, ingomava e ia pra tecelagem, lá fazia o pano. *Quê dizer que de ingomadera pro tecido eu num tinha experiênça, experiênça só de urdi, chama*

> *urdideira a máquina, trabaiei muitos ano lá depois modificô tudo, as máquina véia que nós trabaiava foi tirada tudo pra sucata, colocô tudo nova, só máquina moderna, igual essas moderna que tava lá eu já num trabaiava nelas...*
> _ Valéria. Não?
> _ S. Dedé. Não trabaiava nelas porque dependia de experiênça, o cara tê mais istudo, e eu quando eu vim da roça, eu num... quase num istudei, intão outro já trabaiava, intão eu fiquei lá enrolano, já tava apusentano... apusentei, o chefe me perguntou: cê vai continuar ou vai imbora? Eu falei: quero imbora. Ele falô: uai, eu sô aposentado, meu chefe né, eu sô apusentado e tô aí até hoje, e eu falei: é, mais eu num quero ficá não, quando acabô foi mandá eu, mandô ele também.[1] (Grifos meus).

Tentei direcionar a conversa para as questões relativas ao trabalho que ele desempenhava na fábrica, o que era feito e como era feito, enquanto sua resposta se referia às suas dificuldades de vida. Por mais que questões como essas advenham de uma perspectiva metodológica, em que temos a oportunidade e a liberdade de escolher o caminho que queremos seguir, entendo que o que está presente nessa fala e em muitas outras é aquilo que mais interessa a essas pessoas. São suas próprias interpretações sobre as suas vidas, sobre a maneira como enfrentaram e como enfrentam situações adversas, ou a maneira como lidaram com coisas mais simples, ou mesmo os grandes embates. E é nesse sentido que as fontes orais se apresentam como essenciais, quando se quer perceber as questões que emergem na vida dessas pessoas, para além dos muros da fábrica. Não que o ambiente fabril seja menos importante, pois é certo que ele também é parte da vida dessas pessoas.

Assim sendo, experiências passadas foram avaliadas, novos valores emergindo, escolhas foram feitas e um novo conhecimento está sendo construído. Portanto, optei por desenvolver um estudo que contemplasse as trajetórias e memórias dos trabalhadores têxteis. Pois era sobre isso que eles me falavam, sobre suas dificuldades, sobre seus sonhos, suas lutas, suas perspectivas de vida na cidade e no trabalho. Assim, foi possível enxergá-los se relacionando com os diversos sujeitos que compõem a cidade, vivendo e construindo a sua história, disputando e construindo a cidade.

Os nossos entrevistados – os trabalhadores do grupo Companhia Têxtil Norte de Minas (Coteminas), cujas trajetórias e memórias estamos tentando trazer à tona – são pessoas comuns, simples e que sempre precisaram trabalhar para viver;

[1] ADÃO, J. 31 de jul. 2008, Montes Claros, formato mp3, (1h 30 min). Entrevista concedida à autora.

ocupam diferentes lugares na cidade e, em sua maioria, cerca de 80%, saíram da zona rural e de pequenos municípios da região do Norte de Minas e vieram para Montes Claros em busca de melhores condições de vida. Essas pessoas moram nos bairros mais carentes e mais afastados do centro, como o Santos Reis, Nova Morada, Eldorado, Vila Atlântida, Independência, Santo Antônio, Vila Ipiranga, Conjunto Joaquim Costa, Monte Carmelo, entre outros. Aqueles que continuam trabalhando no grupo Coteminas recebem mensalmente um salário mínimo acrescido de benefícios e não dispõem de outra fonte de renda. Os demais são ex-funcionários que atualmente desenvolvem outras atividades ou são aposentados.[2]

É preciso dizer também que essas pessoas não foram unicamente trabalhadores da indústria têxtil. São trabalhadores cujas exigências de sua época os levaram a diversas ocupações. Alguns já trabalharam no campo, muitos já atuaram na construção civil, como mestre de obras ou ajudantes, mas, em um determinado momento de suas vidas, partilharam o mesmo trabalho nas unidades têxteis do grupo Coteminas. Alguns dos entrevistados que não trabalham mais nessa Companhia vivem de "bicos" ou trabalham em outros setores do comércio; outros conseguiram ser patrão de si mesmo montando o próprio negócio.

Para seguir adiante com esta proposta de trabalho, a história oral foi uma importante aliada. Uma ferramenta que me permitiu adentrar de maneira mais intensa no cotidiano desses trabalhadores, para aí tentar perceber como são criadas as estratégias de sobrevivência, as lutas, as resistências, as sociabilidades. Dessa forma, foi possível compreender como os fios da vida se entrelaçam e se arrebentam, em relações muitas vezes tensas e conflituosas, e também como se fortalecem com o companheirismo, com a amizade e com os enfrentamentos próprios da classe. Portanto, para que a pesquisa fosse levada a cabo, foi de extrema importância manter um diálogo com esses sujeitos sociais.

O espaço comum compartilhado por esses trabalhadores é a cidade de Montes Claros e, em algum momento de suas vidas, as unidades têxteis do grupo Coteminas. Montes Claros é uma cidade considerada de porte médio, com uma população de 352.384 mil habitantes[3], localizada na parte norte do Estado de Minas

---

[2] Aqui deixo claro que a minha intenção não foi desenvolver uma pesquisa que tratasse somente dos migrantes. Contudo, as pessoas que entrevistei eram, em sua maioria, trabalhadores rurais que vieram morar em Montes Claros.

[3] **Montes Claros Potencialidades**. Associação Comercial, Industrial e de Serviços de Montes Claros. Associação Comercial, Industrial e de Serviços de Montes Claros. Montes Claros: Unimontes, 2008. 80 p.

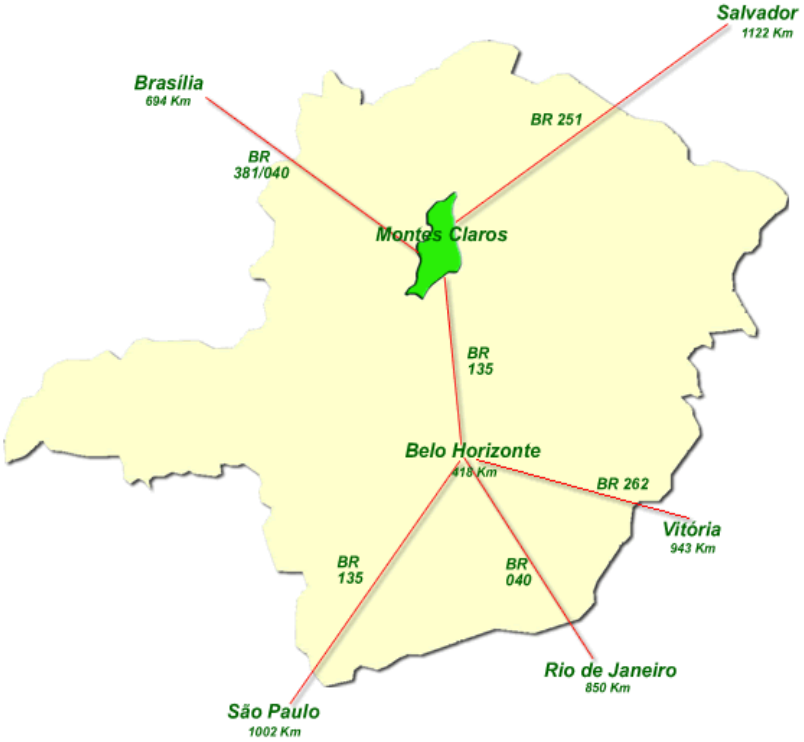
Gerais. É definida pela atual administração como "cidade pólo de uma importante região; sede de grandes indústrias de renome nacional; centro universitário em franco crescimento; cidade da arte e da cultura e com uma infraestrutura invejável".[4] Muitos autores que tratam de Montes Claros sugerem que foi a partir da década de 1960 que Montes Claros e o Norte de Minas tiveram seu desenvolvimento impulsionado pelo governo federal. Contudo, décadas antes, as elites locais já se articulavam para fazer de Montes Claros um importante centro urbano.[5] Assim, a criação da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE – em 1959 – projeto do governo federal que pretendia alavancar o crescimento do país, corrigindo as disparidades regionais, sobretudo dos estados que hoje conhecemos como Nordeste, em relação ao Centro-Sul – foi importante no sentido de consolidar o objetivo dos grupos políticos locais. Veja abaixo mapa contendo a localização e Montes Claros em relação aos grandes centros e, em seguida, a localização da cidade na área mineira da SUDENE.[6]

---

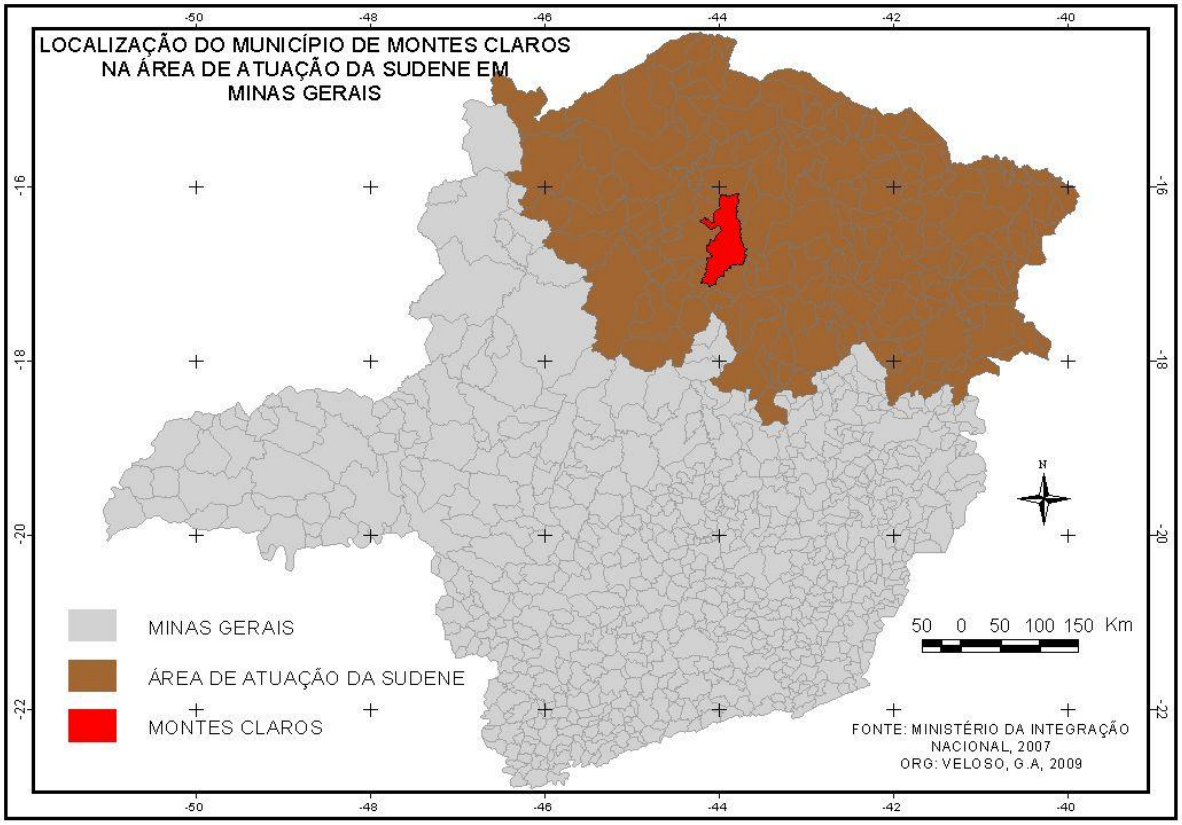
[4] Prefeitura Municipal de Montes Claros. Disponível em: Disponível em:http://www.montesclaros.mg.gov.br/cidade/chegar.htm. A construção de Montes Claros como cidade pólo do Norte de Minas Gerais foi uma construção da elite local. Através da imprensa criou-se uma enorme expectativa com relação aos projetos industriais aprovados pela SUDENE para a cidade. Contudo, o fato de Montes Claros sediar inúmeras indústrias não significou desenvolvimento social para sua população.

[5] PEREIRA, L. M. **Em nome da região, a serviço do capital**: o regionalismo político norte-mineiro. 2007. 242 f. Tese (Doutorado em História Econômica) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Laurindo Mékie Pereira, em sua tese de doutorado, analisa o papel desempenhado pelos grupos políticos locais e observa que antes do surgimento da SUDENE as elites regionais, compostas por profissionais liberais, médicos, advogados, fazendeiros, já se mostravam organizadas e indicavam as linhas gerais de sua atuação nas décadas seguintes.

[6] Disponível em:http://www.montesclaros.mg.gov.br/cidade/chegar.htm.



Mapa 1: localização de Montes Claros em relação aos grandes centros.



Mapa 2: localização de Montes Claros na da área mineira da SUDENE.

A “Revolução Industrial” montes-clarense foi manchete em muitos jornais e revistas da cidade. Inúmeras reportagens foram feitas saudando o progresso tão almejado. Isso pode ser notado pelas manchetes nos jornais: “Peugeot vem aí com mais duas indústrias” ou “Este ano mais três indústrias devem ser inauguradas na cidade”.[7] No entanto, essas manchetes serviram somente para vender jornais e disseminar uma euforia ilusória. Quando lemos a matéria que compõe o título “Peugeot vem aí com mais duas indústrias”, o que temos no texto da reportagem é uma remota “possibilidade da implantação de mais duas indústrias em Montes Claros”.[8]

Dessa forma, a mídia contribuiu para a construção de um ideal de cidade, que possuía um atraente parque industrial com emprego para todos, que segundo ela mesma anunciou, prometia, até o final da década de 1970, ser “um dos maiores pólos industriais do Estado”[9], mas duas décadas depois o que se viam eram leilões públicos de empresas falidas com enormes dívidas trabalhistas.[10]

Muitos dos trabalhos que tratam de Montes Claros privilegiaram as transformações econômicas e estruturais do município a partir da atuação da SUDENE. Foram pesquisas importantes que tentaram entender a nova dinâmica social da cidade e responder às questões daquele momento histórico. Nesse sentido, as transformações ocorridas com a industrialização e, consequentemente, com a urbanização da cidade foram o ponto de partida para tais análises.[11] Ângela Braga, analisando o processo de desenvolvimento de Montes Claros a partir da criação da SUDENE, observou que a sua industrialização foi encarada como “eixo de todo o processo que aceleraria o desenvolvimento da região”. O incremento da infraestrutura, somado a um sistema de apoio e uma promoção eficaz, enfatiza a autora, chamou a atenção de investidores para a região.[12] Dessa maneira, para Braga, o desenvolvimento da região por meio da industrialização foi um dos fatores que atraíram o homem do campo para a cidade.

---

[7] Essas frases são constantes nos jornais pesquisados, principalmente no jornal Diário de Montes Claros, nos anos de 1974 e 1975.

[8] Peugeot veio, viu e gostou. **Diário de Montes Claros.** Montes Claros, 7 fev. 1974. Arquivo particular do senhor Américo Martins Filho.

[9] Este ano, mais três indústrias devem ser inauguradas na cidade. **Diário de Montes Claros**. Montes Claros, 28 fev. 1975. Arquivo particular do senhor Américo Martins Filho.

[10] Frigonorte vai a leilão em breve. **Jornal do Norte**. Montes Claros, 5 set. 1989. Arquivo particular do senhor Américo Martins Filho.

[11] Destacamos: BRAGA, M. A. F. **Industrialização da área mineira da SUDENE**. Um estudo de caso: Montes Claros. OLIVEIRA, M. F. M; RODRIGUES. L. (*et all*). **Formação Social e Econômica do Norte de Minas.** Montes Claros: Editora Unimontes, 2000. OLIVEIRA. E. A. F. Nova Cidade, Velha política. Poder local e desenvolvimento regional na área mineira do nordeste. Maceió: Edufal, 2000.

[12] BRAGA, M. A. F. **Industrialização da área mineira da SUDENE**. Um estudo de caso: Montes Claros. 128 p.

Falando de outro período e buscando captar os significados das relações estabelecidas entre população e lideranças locais, a dissertação de mestrado desenvolvida por Laurindo Mékie Pereira foi pioneira por pensar as relações sociais e reclames dos moradores da cidade. Assim, estudantes, donas de casa, lavadeiras, pessoas comuns passaram a compor o complexo jogo das relações sociais, revelando outra cidade muito diferente daquela protagonizada pelas elites locais.[13]

A abordagem desenvolvida por Evelina Antunes F. de Oliveira sobre Montes Claros leva em conta, em suas palavras, "a não transformação do grupo de poder local/regional e a manutenção de seu projeto conservador e patrimonialista", ou seja, a autora tem como ponto de partida a permanência das velhas práticas políticas face ao projeto desenvolvimentista da região. Isso quer dizer que ela também tem como base o processo de desenvolvimento industrial proporcionado via SUDENE.

Cândida Maria Santos Veloso, através de um conjunto de fontes que englobava, além da imprensa, relatos orais e dados estatísticos, buscou entender como se formaram as periferias em Montes Claros. A autora apresentou os problemas que surgiram com a industrialização e urbanização. Assim, os novos bairros carentes em infraestrutura e o eterno problema dos "lotações" fizeram parte de sua discussão. O que a autora definiu como "Outros modos de viver" indica outra cidade que não é a mesma da industrialização, mas sim da contradição.[14]

Este trabalho, que chamo de "Os fios da vida: Memórias e lutas de trabalhadores têxteis em Montes Claros/MG", pretende ir além. O que pretendo é também mostrar que Montes Claros não é somente a cidade da SUDENE que trouxe as indústrias e o desenvolvimento, ou simplesmente a cidade da pobreza e do desemprego. Esses elementos compõem o social, mas não necessariamente definem o que é vivido e a forma como as pessoas vivem. O social é muito mais complexo, contraditório e amalgamado e vai além dessa industrialização. Por isso trazer à tona as trajetórias e lutas de pessoas que julgamos representativas de uma realidade social. Por isso abordar as movimentações dos trabalhadores têxteis, seus sonhos, desilusões, bem como o enfrentamento das questões cotidianas na busca pela constituição de territórios de expressão sociopolítica.

---

[13] PEREIRA, L. M. **A cidade do favor**: Montes Claros em meados do século XX. Montes Claros: Ed. Unimontes, 2002. 241 p.

[14] VELOSO, C. M. S. **Outros modos de viver:** pobreza urbana em Montes Claros 1960 a 1980. 2002. 185 f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002. Temos ainda muitos outros trabalhos falando de Montes Claros, a partir das perspectivas da Geografia e principalmente da Economia.

Assim, fugindo das condições precárias no campo, ou simplesmente correndo atrás da possibilidade de outra vida, esse camponês de que trata este trabalho se estabeleceu na cidade em busca de oportunidades para si e sua família. Alguns chegaram sozinhos e foram abrindo o caminho para os irmãos, primos, amigos; para outros, o projeto de mudança englobou toda a família. No entanto, nem todos que aqui chegaram permaneceram. Muitos voltaram para casa, outros ainda seguiram viagem indo para Belo Horizonte ou São Paulo. Percebemos que o que mais importava para esses trabalhadores era encontrar um lugar onde pudessem construir suas vidas.

No que diz respeito à Companhia Têxtil Norte de Minas, ela foi mais um dos grandes projetos aprovados pela SUDENE na década de 1960. Idealizada por Luís de Paula Ferreira, político e empresário local, em seu início tinha como sócio o também empresário José Alencar da Silva e Ivan Muller Botelho. Com 14.368 acionistas; classificada em prioridade A pela SUDENE, com todos os incentivos fiscais e creditícios que a lei oferece e investimentos que somavam mais de 130 milhões de cruzeiros, a Coteminas só foi possível graças aos investimentos públicos.[15]

A Revista *Montes Claros em Foco*, em Agosto de 1979, dedicou uma de suas páginas para falar da Coteminas. A empresa foi apontada como "um exemplo dos novos tempos" e também "exemplo para renovação do parque têxtil nacional". A reportagem chamava a atenção para a modernidade de suas máquinas e o sucesso de seu empreendimento.[16] A Coteminas foi oficialmente inaugurada em 28 de fevereiro de 1975, com a presença do então governador do Estado, Rondon Pacheco. Mas já estava em atividade desde dezembro de 1974, conforme noticiou a imprensa local. Para saudar a Coteminas, sinônimo de "progresso" e "desenvolvimento" para a cidade, o *Diário de Montes Claros* dedicou várias de suas páginas para contar "como tudo começou". As qualidades da nova empresa foram exaltadas e todos foram convidados a conhecer suas instalações "para se orgulhar depois de ser montes-clarense", enfatizou o repórter Jorge Silveira em texto escrito especialmente para a ocasião.[17]

Inicialmente com 308 funcionários, hoje o Grupo Coteminas possui cinco unidades em Montes Claros, empregando aproximadamente três mil e seiscentas

---

[15] COTEMINAS: um exemplo dos novos tempos. **Montes Claros em Foco.** Belo Horizonte, n. 36, p. 41, ago. 1979.

[16] COTEMINAS: um exemplo dos novos tempos. **Montes Claros em Foco**. Belo Horizonte, n. 36, p. 41, ago. 1979.

[17] SILVEIRA, J. Todos devem conhecer a Coteminas. Para se orgulhar depois de ser montesclarense. **Diário de Montes Claros.** Montes Claros, 28 fev. 1975. Caderno especial. Arquivo particular do senhor Américo Martins Filho.

pessoas. Ao todo, são onze unidades no Brasil e nove unidades no exterior. Seus produtos estão presentes nos Estados Unidos, Europa e Mercosul (Mercado Comum do Sul). Em 2005, adquiriu o controle acionário de um grupo americano, a Springs. Essa união fez da Coteminas "a maior empresa de cama, mesa e banho no mundo", segundo o seu presidente Josué Gomes da Silva.[18] Dessa forma, o grupo Coteminas em Montes Claros foi o ponto de partida para que chegássemos à dinâmica das relações sociais que de fato nos interessa, ou seja, o *modus vivendi* dos trabalhadores têxteis e suas relações. É nesse sentido que queremos ressaltar, mais uma vez, que nosso objetivo é conhecer mais sobre as trajetórias e memórias dessas pessoas. Significa apreender a maneira como se portam diante das questões que envolvem a Igreja, os problemas no bairro onde moram, como lidam com as transformações ocorridas na sociedade, como encaram o trabalho, a educação escolar dos filhos, como organizam suas festas. Assim, poderemos apreender um pouco sobre as várias realidades presentes na cidade de Montes Claros, abordando a maneira como essas pessoas vivem, interpretam, reelaboram e como constroem significados para as suas relações.

O enfoque nos trabalhadores têxteis foi parte de uma escolha. A Coteminas possui cerca de 3600[19] pessoas trabalhando em suas unidades, número significativo para a cidade de Montes Claros. Para aqueles trabalhadores provenientes da zona rural que um dia migraram para Montes Claros, em busca de uma vida melhor, foi e é mais fácil conseguir emprego nessa área. Isso porque, para se trabalhar na produção, a empresa não exige um elevado grau de instrução, dessa maneira, é possível que trabalhadores pobres e menos qualificados encontrem uma maior facilidade para conseguir emprego. Assim, o ingresso em uma indústria de porte tem um significado muito maior para esses trabalhadores. É a possibilidade de uma melhora substancial na qualidade de vida que os leva a buscar esses empregos. E isso significa a possibilidade de ter sua casa própria, um veículo próprio, seja um carro ou uma moto, de poder oferecer uma melhor educação para os filhos. Esses valores são caros para os trabalhadores e estão presentes em seus relatos.

Foi conversando com João Batista, que trabalhou na indústria têxtil entre 1994 e 2005 que percebemos como isso é importante na vida dessas pessoas. Perguntamos a ele sobre como foi construir a sua casa. Ao que ele respondeu:

---

[18] CASTANHEIRA, J. **Coteminas vai aos EUA**: como e porque a companhia brasileira uniu-se com a americana Springs. Disponível em: http://www.terra.com.br/istoedinheiro/423/negocios/coteminas.htm Acesso em 07 set. 2009.

[19] Dados fornecidos pelo sindicato dos trabalhadores da empresa no ano 2007.

> É.. antes.. assim eu não tinha nada né, era dependente dos pais, o que eu fazia assim trabalhando como ajudante na oficina não dava pra nada, era só mesmo pra custear alguma coisa, não tinha condição de ter algum bem nenhum. Então os bens que eu adquiri assim foi durante o período que eu trabalhei na indústria mesmo, eu tive essa oportunidade, fazendo economia bastante mesmo, ralando bastante, fazendo bastante hora extra. (...) Então nessa época... um ano e meio que eu tava lá, tinha comprado meu próprio veículo né.. minha moto, mais uns três anos que eu tava consegui comprar meu lote.. eu comecei a construir nele, depois eu mudei de idéia achei outro negócio melhor. Vendi lá e comprei a outra casa que eu tinha. A segunda que eu tive. A outra era menor, o lote era maior, porém a casa era menor. Aí a família cresceu, minha filha foi crescendo e eu vi que tava precisando de uma casa maior.[20]

Esse comportamento não é exclusividade de João. O trabalho é o elemento norteador da vida dos demais trabalhadores dessa indústria, mas o é na medida em que precisam desse trabalho para viver. Assim, seguem "fazendo economia bastante mesmo, ralando bastante, fazendo bastante hora extra". Dentro da mesma lógica agiram o senhor Humberto, o senhor Joanes, o senhor José Adão, a senhora Maria. Aqui, tanto João quanto os outros são representativos da maneira como vive o conjunto dos trabalhadores têxteis em Montes Claros. São, pois, as condições de desigualdade em que vivem, a condição de classe que fazem com que o trabalho direcione as suas vidas.

Quando nos propomos trazer à tona trajetórias e memórias de trabalhadores, estamos comprometidos em pensar a articulação entre "trabalho, sociedade, classe, dominação e exploração, cotidiano, educação, família, religião". Dessa forma, como ensina a professora Déa Fenelon, estamos ampliando a própria noção de política. Pensar essas articulações nos possibilita abranger todo o campo da luta de classes em suas múltiplas formas e instâncias, que vai desde a luta política organizada até as lutas específicas, que acontecem em diversos setores e em momentos vários. Ampliar a noção de política significa ir além dos partidos, dos processos eleitorais, das lideranças, para compreender os propósitos, os objetivos e interesses por meio dos quais a sociedade é organizada e governada. [21]

---

[20] SILVA, J. B. F. 30 jul. 2008, Montes Claros, formato mp3, (20 min). Entrevista concedida à autora.

[21] FENELON, D. Trabalho, cultura e história social: perspectivas de investigação. *In*: **Revista Projeto História.** pg. 21-36.

Escolhi as perspectivas da História Social vista de baixo para orientar esta pesquisa. Isso significa que parti do suposto de uma sociedade de classes, de tensão e conflito, de dominação, mas também de luta e resistência, com limites e pressões. Nesse sentido, estabeleci um diálogo com historiadores comprometidos com o enfrentamento dos problemas advindos dessa sociedade desigual e que, por meio das práticas sociais, buscam renovar o materialismo histórico. Aqui, especialmente as proposições de Thompson lançam para mim o desafio de construir um diálogo fundamentado no entendimento de que:

> a prática histórica está, [...] empenhada nesse tipo de diálogo, que compreende: um debate entre, por um lado, conceitos ou hipóteses recebidos, inadequados ou ideologicamente informados, e, por outro, evidências recentes ou inconvenientes; a elaboração de novas hipóteses; o teste dessas hipóteses face às evidências, o que pode exigir o interrogatório das evidências existentes, mas de novas maneiras, ou uma renovada pesquisa para confirmar ou rejeitar as novas noções; a rejeição das hipóteses que não suportam tais provas e o aprimoramento ou revisão daquelas que a suportam, à luz desse ajuste.[22]

Essa perspectiva me fez perceber a importância de se construir uma história em que os sujeitos sociais estejam presentes, de se construir uma história em que a relação entre teoria e fonte seja constante, e, principalmente, em que a teoria não seja objeto de reverência servil, mas que sirva para aprimorar cada vez mais a prática histórica. E, sobretudo, considero que esses instrumentos devam ser investigados seguindo o desafio proposto por Williams de que todo conceito deve ser encarado não como um conceito, mas como um problema.[23]

Assim, foi possível compreender que os sujeitos que pretendo investigar – mulheres e homens que vivem em Montes Claros e partilham o mesmo local de trabalho, neste caso, as unidades têxteis do grupo Coteminas – não são seres passivos ou alienados. Mas conservam valores e aspirações, fazem emergir outros valores e outras necessidades a partir de suas vivências e experiências. Eles se movimentam, vivem e, dentro de suas possibilidades, lidam com os limites e pressões exercidos por um social tenso e conflituoso.

---

[22] THOMPSON, E. P. Intervalo: a lógica histórica. In: **A miséria da teoria.** p. 54.
[23] WILLIAMS, R. Cultura. In: **Marxismo e Literatura.** p. 15-26.

As pessoas deixam de ser conduzidas e passam a ser sujeitos de ação que conduzem suas vidas e constroem as suas histórias. Histórias repletas de significados, de disputas e de valores, como foi possível perceber pelas entrevistas realizadas. Assim, é preciso considerar que, para além da fábrica, os trabalhadores constroem estratégias, que são alternativas para se viver numa sociedade profundamente desigual. Apreender essas estratégias é colocar em movimento as relações sociais.

Sobre o tempo deste trabalho, a ideia foi justamente não ficar preso aos marcos estabelecidos. Essa preocupação me instigou a estar em constante contato com as fontes e esse exercício me levou a repensar os marcos estabelecidos fazendo com que outras referências fossem captadas. Portanto, se em minha pesquisa me detive mais em algum momento específico foi para tentar apreender a complexidade das relações que se apresentam e, consequentemente, o seu significado para os sujeitos sociais. Nesse sentido, tomei como ponto de apoio para esta pesquisa os anos de 1970, 1980, 1990 e os anos 2000 até o ano de 2008. Minhas análises não ficaram necessariamente presas a essas datas. Sempre que se fez necessário, dialoguei com outros momentos históricos, tudo para apreender de forma mais completa a dinâmica histórica.

A opção em abordar no trabalho o ano de 2008 é particularmente importante, porque, dentre outras questões, foi em maio desse ano, nos dias 30 e 31, que alguns trabalhadores, descontentes com certas medidas adotadas pela empresa, resolveram fazer uma paralisação. Esse movimento teve como principal motivo o corte e a mudança em alguns benefícios concedidos pela empresa, a saber: as cestas básicas, o convênio com farmácias e o prêmio de maio, ou de assiduidade. Todavia, após a mobilização dos trabalhadores e muitas negociações, a empresa foi obrigada a reconsiderar o seu posicionamento.[24]

Já foi dito que com a criação da SUDENE muitos projetos industriais foram instalados em Montes Claros. Para a população rural ou das cidades vizinhas isso significou uma oportunidade de melhorar a vida. De acordo com Cândida Maria dos Santos Veloso, muitos desses trabalhadores que vinham para Montes Claros já tinham ciência das dificuldades para conseguir trabalho nessas indústrias; contudo, vinham para

[24] SOUZA, J. R. 31 jul. 2008, Montes Claros, formato mp3, (20 min). Entrevista concedida à autora. COTEMINAS aceita dialogar com funcionários. **Jornal de Notícias**, Montes Claros, 07 jun. 2008, Cidade, 7.

a cidade em busca de algum trabalho.[25] Assim, a cidade se transformou, assumiu novos contornos, novos bairros foram formados, vazios urbanos foram ocupados e novas disputas emergiram em virtude disso. Por isso, busquei analisar a cidade como um terreno comum que comporta experiências e expectativas diferentes. É preciso apreender essas expectativas e experiências e a maneira pela qual os trabalhadores, tanto aqueles nascidos em Montes Claros como os que são provenientes do meio rural e de outras cidades – como é o caso de Sr. José Adão, Sr. Humberto, Sr. Joanes, Sra. Maria,[26] entre outros –, viveram, interpretaram e reelaboraram significados vários para essas transformações.

Tais pessoas, uma vez em Montes Claros, passaram a compor relações sociais tensas, disputando trabalho e espaço com os moradores antigos. Enquanto construíam seus espaços de sociabilidades próximos a parentes, amigos ou conterrâneos, estavam também se articulando em busca de trabalho e moradia. Assim, construíam e transformavam as relações sociais. Nesse sentido, é conveniente entender como foi para essas pessoas viver em um ambiente diferente, que exigia novos hábitos e novas maneiras de enfrentar os problemas próprios da vida na cidade e, hoje, tantos anos passados, como reelaboram suas experiências de vida. Tudo isso é extremamente importante quando se pretende rediscutir a dinâmica das relações sociais a partir de uma perspectiva de História Social comprometida com a renovação do materialismo histórico.

Procurei abordar a cidade como parte da vida desses sujeitos. Nessa perspectiva, as pessoas deixaram de ser somente números ou dados estatísticos. De certa forma, esse enfoque me levou a questionar a presença desses sujeitos na cidade e, principalmente, como esses sujeitos estão presentes nos discursos dos intelectuais e nos jornais. Estão presentes nos índices de emprego, desemprego e criminalidade; nas tabelas que detectam a população economicamente ativa; nas taxas que mostram as atividades e ocupação; nos índices que mostram os níveis de instrução; nas tabelas que classificam as suas casas, se são do tipo durável, rústico ou improvisado; nos números que apontam a quantidade dos que são atendidos pelos serviços urbanos: água, esgoto, energia elétrica, coleta de lixo e serviços de saúde. Tal abordagem, embora necessária, é insuficiente se se quer pensar o social com toda a sua complexidade. Assim, buscando

---

[25] VELOSO, C. M. S. **Outros modos de viver:** pobreza urbana em Montes Claros 1960 a 1980. 2002. 185 f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

[26] Entrevistas realizadas entre julho e agosto de 2008 e janeiro de 2009, em Montes Claros. Formato mp3.

enxergar além desses números, é necessário perceber como homens, mulheres e jovens se relacionam com uma cidade em constante modificação. Como observa Eder Sader[27], é preciso voltar nosso olhar para os processos sociais que esses sujeitos registraram, bem como para as transformações na cidade, ou seja, nos bairros, nas ruas e avenidas.

As fontes que utilizei foram os relatos orais de trabalhadores, os jornais que circulavam em Montes Claros nos anos 1970, a saber: *Jornal do Norte*, *Diário do Norte* e *Diário de Montes Claros*, todos os três se encontram no arquivo particular do senhor Américo Martins Filho. Além disso, dois exemplares de *O Informativo Coteminas*, uma espécie de jornal informativo editado trimestralmente pelo grupo Coteminas que tem o objetivo de responder aos questionamentos dos funcionários; informar sobre assuntos diversos como: prevenção de acidentes de trabalho; metodologia organizacional; resultados de torneios esportivos, realizações da empresa nas demais unidades e no centro educacional, entre outros. As edições que discuto se referem aos meses de jan/fev/mar. de 2005 e abr/mai/jun. de 2008.[28] Para o período recente, trabalho com o *Jornal de Notícias*, *Gazeta Norte Mineira* e Jornal *O norte*. Também pesquisei *blogs* e comunidades eletrônicas criadas por ex-funcionários da Coteminas. Através do *Jornal de Notícias*, do jornal *o Norte*, da *Gazeta* e *internet*, levantei informações sobre a paralisação ocorrida em maio último e notícias gerais sobre os funcionários, como férias coletivas, benefícios, grande número de demissões ou mesmo ações coletivas contra a empresa.

Utilizei também alguns exemplares da Revista *Montes Claros em Foco*, fundada em 1956. Essa revista circulou por mais de duas décadas em Montes Claros, além de ter seus exemplares vendidos em Belo Horizonte e nas cidades da região e contar com colaboradores em algumas capitais brasileiras, como Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília e também no exterior: Paris, Madri e Londres. Era feita por uma elite para um público muito específico. Por isso, será de grande valia para as questões relativas à cidade, sobretudo devido às inúmeras reportagens sobre a região e seus problemas.

Também faz parte de minhas fontes o material produzido pelos membros da chapa 2, a saber: alguns panfletos sobre a eleição, textos, a carta enviada ao vice-presidente José de Alencar, o Boletim Informativo da oposição sindical "Oposição Unida" e algumas fotos e filmagens da manifestação dos trabalhadores. Além disso, tive

---

[27] SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena**. São Paulo: Paz e Terra, 1988.
[28] O jornal informativo da Coteminas foi gentilmente cedido por Maria dos Santos Silva.

acesso ao arquivo da Associação dos Moradores do bairro Nova Morada, através de seu presidente, o senhor Humberto Leal, que gentilmente colocou a minha disposição todo o material produzido pela Associação, a saber: convite para leilões e bingos, atas de reuniões, informativos, ofícios. O senhor Joanes, membro do Conselho de Pastoral do bairro Eldorado também forneceu material sobre a construção da paróquia de São José Operário, são eles: mapa da igreja e uma carta em que os moradores solicitam ajuda a uma entidade católica alemã para custear algumas despesas com a construção da igreja. Também produzi algumas fotos e vídeos da festa do dia do trabalhador na paróquia de São José Operário, no bairro Eldorado e da eleição da Associação de Moradores do bairro Nova Morada no ano de 2009 e da festa de Todos os Santos Reis, no bairro Santos Reis. Também é importante ressaltar que fui a esses bairros, Eldorado e Nova Morada, várias vezes para entrevistas, para a eleição e para as festas da igreja.

Assim, com esse conjunto de fontes tentei perceber como a cidade foi e é vivida e disputada pelos diversos grupos sociais que a compõem. Aqui as reflexões de Déa Fenelon foram significativas, ao sugerirem um novo olhar para a cidade, no sentido de que devemos tentar percebê-la como um espaço plural que comporta diferenças e que, por isso mesmo, "representa e constitui muito mais que o simples espaço de manipulação do poder". Essa percepção da cidade foi possível a partir de uma análise conjunta das fontes, em que percebi, por parte dos novos sujeitos que a compõem, antigos e novos moradores, uma busca para construir seus espaços. Isso foi possível a partir dos testemunhos, que permitiram perceber a importância das redes de sociabilidades na experiência das pessoas.

As fontes orais foram extremamente importantes para este trabalho. Por elas foi possível descortinar relações sociais muitas vezes encobertas pelos dados estatísticos. A chegada de novos moradores supõe uma reconfiguração do espaço urbano que afeta também a vida daqueles que já estão estabelecidos, acirrando a busca por empregos, pelas vagas escolares, por melhorias nos bairros. Assim, uma nova cidade se forma e se transforma. Nesse sentido, as fontes orais foram de fundamental importância para a pesquisa, uma vez que se constituíram em um "instrumento expressivo na construção e afirmação de presenças sociais".[29] Dessa forma, procurei ver em nossas fontes – impressas e orais – o que elas contavam sobre a vida dos

[29] KHOURY, Y. A. Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história. *In*: **Muitas memórias, outras histórias**, 116-138.

trabalhadores, suas relações na fábrica, na igreja, no bairro onde moram e construíram laços de amizade ou formaram suas famílias.

Especialmente para o trato com as fontes orais foram extremamente significativos os textos de Alessandro Portelli, Paulo Roberto de Almeida e Yara Aun Khoury. Portelli chama a atenção para o fato de que através da história oral temos a chance ímpar de ver a vida cotidiana, pois "ao organizarem uma narrativa acerca do seu dia-a-dia os narradores nos dizem muito sobre onde está o sentido desta vida". As memórias, ressalta Portelli, são diferentes, e mais que uma memória coletiva o que vemos é que há um horizonte de memórias possíveis. Portanto, ao utilizar os relatos orais nunca nos esquecemos de que há pessoas, há gente, há vida.

Os textos de Yara Khoury[30] e Paulo Almeida[31] servem de inspiração na medida em que propõem tais fontes como um momento em que os sujeitos sociais exercem o direito de falar. Nesse caso, o seu uso possibilita uma história mais aberta e plural. Isso porque, ao falarem, as pessoas expressam de maneira mais significativa os seus valores, suas expectativas, suas frustrações.

Narrando a partir do momento presente, o senhor Dedé, seu Humberto, Joana Isabel, senhor Joanes, Laurilene, Jaqueline, Ivani, Valdomiro e seu José Mendes falaram sobre suas expectativas, seus problemas, seus valores e sobre os sonhos que norteiam as suas vidas. Dessa forma, as fontes orais se caracterizaram como um meio importante para que fossem percebidas as convergências, as divergências, os direcionamentos apontados por cada um, sempre levando em conta que são pessoas com interesses vários e diferentes. A narrativa faz com que o narrador, ao mesmo tempo em que reorganiza sua experiência de vida na cidade, traga de volta suas expectativas e as razões de sua vinda, formulando assim uma consciência de sua realidade.

O trabalho foi dividido em três capítulos. No primeiro capítulo, cujo título é Tecendo a vida e a luta: condições de vida e reivindicações de trabalhadores têxteis em Montes Claros, apresento os trabalhadores, articulando a paralisação ocorrida nos dias 30 e 31 de maio do ano de 2008, na Companhia Têxtil do Norte de Minas (COTENOR), uma das unidades fabris do grupo Coteminas. Assim, parti desse momento particularmente fecundo para tentar captar os vários significados das relações sociais. O

---

[30] KHOUR, Y. A. Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história. *In*: **Muitas memórias, outras histórias**, p. 116-118.

[31] ALMEIDA, P. R. Encantos e desencantos da cidade: trajetórias, cultura e memória de trabalhadores pobres de Uberlândia – 1970-2000. *In*: **Muitas memórias, outras histórias**, p. 139-154. e ALMEIDA, P. R. "Cada um tem um sonho diferente": histórias e narrativas de trabalhadores no movimento de luta pela terra. *In*: **Outras histórias: memórias e linguagens**, p. 44-60.

que tentei fazer foi compreender como os trabalhadores estão disputando seu espaço e construindo a cidade, as tensões e os conflitos que se manifestam diariamente nas relações sociais vividas dentro do ambiente de trabalho e também fora dele, como se posicionaram diante desse processo, com suas expectativas e necessidades. Dessa maneira, busquei apreender um pouco das estratégias de luta construídas pelos trabalhadores.

No segundo capítulo, Trabalho e trabalhadores: cotidiano e trabalho fabril na indústria têxtil em Montes Claros, enfatizei as dificuldades iniciais enfrentadas pelos migrantes na cidade, a busca por trabalho, os espaços de sociabilidades, a aquisição da casa própria; fatores muito marcantes nas entrevistas realizadas. Uma questão central é a maneira como essas pessoas organizam suas vidas, tendo o trabalho como elemento essencial, pois é somente trabalhando que elas têm a chance de construir a casa, de criar dignamente os filhos e sonhar com a possibilidade de uma vida melhor. São os sonhos, a perspectiva de uma vida diferente e, principalmente, as relações de desigualdade em que vivem esses trabalhadores que colocaram e que colocam o trabalho como elemento norteador de suas vidas. Em outras palavras é a condição de classe em que eles vivem que define qual é o lugar que o trabalho ocupa em suas vidas.

Enfim, no terceiro capítulo Os trabalhadores e a cidade: por onde andam os trabalhadores têxteis, o que procurei fazer foi mostrar quais espaços essas pessoas estão ocupando na cidade; como os trabalhadores estão se articulando, como acontecem as relações sociais no bairro, na igreja e a importância disso em suas vidas; como se articulam para o lazer, como organizam e que importância têm as festas; o envolvimento com os esportes; como lidam com a falta de emprego para os filhos; com a violência; quais expectativas projetam para o futuro e como encaram as transformações em suas vidas – como o fim de uma longa jornada de trabalho (aposentadoria). E nessas relações estão presentes os amigos, os vizinhos, os parentes, as autoridades, enfim, esses trabalhadores não estão sozinhos, eles se relacionam e, dessa forma, constroem e disputam espaço na cidade.

CAPÍTULO I

Tecendo a vida e a luta:
condições de vida e reivindicações de trabalhadores têxteis em Montes Claros

Em fevereiro de 2008, a mídia montes-clarense, através dos jornais impressos e eletrônicos, informava sobre a possibilidade de o grupo Coteminas demitir 20% dos seus funcionários, o que equivalia em média a 800 trabalhadores. Tais notícias fizeram com que o então prefeito de Montes Claros, Athos Avelino, convocasse os diretores da Coteminas para uma reunião em seu gabinete para que explicassem as notícias que circulavam na cidade. O jornal de Notícias, em sua edição de 09 de fevereiro de 2008, informou que nessa reunião os diretores da empresa negaram a paralisação de suas atividades na cidade e frisaram que a demissão dos funcionários acontecia em virtude do processo de modernização por que passava o setor de fiação da unidade Companhia Têxtil Norte de Minas – Cotenor.[32]

Com o intuito de amenizar a situação, no dia 14 de fevereiro foi realizada uma seção especial na Câmara Municipal, momento em que as lideranças políticas da cidade debateram a situação dos trabalhadores demitidos pela empresa. Essa reunião teve a participação dos trabalhadores e também de um dos diretores da Coteminas, Murilo Maciel, que, além de responder aos questionamentos dos parlamentares, justificou as ações da empresa ao dizer que nada podia ser feito para impedir as demissões, uma vez que estas já se encontravam em curso: “Lamentamos essa circunstância. A Coteminas foi criada em 1971 e em 1975 já funcionava com 300 funcionários. Hoje, esse contingente é de 3.700 trabalhadores. A Coteminas sempre

[32] PREFEITO recebe diretores da Coteminas. **Jornal de Notícias.** Montes Claros, 09 de fev. 2008, Cidade. pg. 7.

gerou emprego. Esperamos que esse momento de ajuste seja curto, para retomarmos esse procedimento."[33]

Como previsto, as demissões aconteceram; não de uma só vez, os trabalhadores foram demitidos em grupos. Na esteira desses acontecimentos, a direção do grupo Coteminas, ainda em 2008, informou aos funcionários que cortaria alguns dos benefícios e mudaria a forma de pagamento de outros. Em virtude disso, um grupo de trabalhadores da unidade Cotenor, não satisfeitos com as determinações da empresa, paralisou parcialmente suas atividades, nos dias 30 e 31 de maio de 2008, com o intuito de tentar reverter aquela situação. A movimentação dos trabalhadores prolongou-se durante a semana seguinte com um grupo de trabalhadores protestando em frente à unidade Cotenor. Todo o suporte para a paralisação e manifestação foi dado pelo então vereador Lipa Xavier e pelo Sindicato dos Professores da Rede Particular de Ensino – Sinpro.

Independentemente da maneira como aconteceu a paralisação, da participação de políticos e de outros sindicatos, esse foi um momento particularmente importante para os trabalhadores. Portanto, neste primeiro capítulo, cujo título é Tecendo a vida e a luta: condições de vida e reivindicações de trabalhadores têxteis em Montes Claros, tentaremos, a partir dessa paralisação, captar outros sentidos em torno não somente desse momento, mas também da complexidade das relações sociais vividas no trabalho e fora dele. Por este enfoque, procuraremos apreender, de uma maneira mais abrangente, as estratégias de luta construídas pelos trabalhadores, neste caso específico, a paralisação.

Seguindo este caminho, nosso objetivo é procurar entender como esses trabalhadores estão vivendo, com suas expectativas, com seus sonhos, considerando suas próprias interpretações. O diálogo entre teoria e fonte foi fundamental para que pudéssemos perceber, no decorrer da pesquisa, que as perguntas poderiam ser modificadas. Assim, outras questões emergiram, e, com isso, outros fatores ganharam relevância. O constante descaso da diretoria para com "a nossa classe" foi evidenciado por quase todos os trabalhadores com os quais conversamos, muitas vezes de forma velada; as perdas financeiras sofridas pelos trabalhadores, o sacrifício para não perderem os prêmios, assim como as várias formas de disputa pela cidade. Portanto,

---

[33] BRASIL, E. Sessão especial na Câmara Municipal deixa clara posição de empresa no processo de demissão coletiva. **O Norte.net**, Montes Claros, 16 fev. 2008. Política. Disponível em: http://www.onorte.net/noticias.php?id=13111. Acesso em: 7 set. 2009.

buscamos entender como esses trabalhadores elaboram seu passado a partir do momento em que estão vivendo e, dessa forma, como projetam seu futuro.

Foi por conta da paralisação parcial promovida por alguns trabalhadores que o conjunto dos trabalhadores têxteis do grupo Coteminas, em Montes Claros, ganhou visibilidade na mídia local e também nacional. Inúmeras foram as reportagens nos jornais impressos e eletrônicos que informavam sobre a paralisação dos trabalhadores. Frases como "audiência na câmara para discutir demissões na Coteminas"[34] ou "demissões da Coteminas chegam a Brasília"[35] foram comuns naquele momento. De certa forma, a paralisação chamou a atenção da mídia e da sociedade para as relações sociais tensas e conflituosas vividas no interior da fábrica.

Contudo, para além do que a imprensa veicula, o importante para nós historiadores é perceber como esses trabalhadores, pessoas comuns que se entregam a uma jornada diária de sacrifícios, estão vivendo, estão reinterpretando, reelaborando suas experiências e projetando seu futuro. Dessa forma teremos elementos que nos possibilitem compreender melhor as muitas dimensões do social vivido e compartilhado, além de podermos apreender como esses sujeitos indicam alternativas presentes na realidade social.[36] Entendemos que a paralisação faz parte dessas alternativas.

As notícias veiculadas pelos jornais tendem a opacizar as relações sociais, já que os trabalhadores são tratados pela mídia de forma genérica e isso faz com que as relações sociais construídas em um espaço comum de disputa, de luta, de resistência e, por vezes, de acomodação sejam relegadas, abrindo espaço para questões de maior impacto, como a migração, a pobreza ou a inércia da classe trabalhadora. Com isso os "feitos heróicos", ou seja, a luta diária por casa, por trabalho, por educação, por melhorias no bairro, entre outros são minimizados. A presença dos trabalhadores tanto na mídia quanto em grande parte da produção acadêmica que tratou de Montes Claros é maximizada quando se trata de evidenciar o esvaziamento do campo, a migração e seus efeitos negativos para a cidade.

Foi nesse sentido que, em 1 abril de 1979, o Jornal Diário de Montes Claros, trouxe um artigo assinado por Mércia Maria Fagundes, assistente do GREIS – Grupo

---

[34] AUDIÊNCIA na câmara para discutir demissões na Coteminas. O Norte.net. Montes Claros, 14 fev. 2008. Política. Disponível em: http://www.onorte.net/noticias.php?id=13111. Acesso em: 7 set. 2009.
[35] BRASIL, E. Demissões da Coteminas chegam a Brasília. O Norte.net. Montes Claros, 16 fev. 2008. Política. Disponível em: http://www.onorte.net/noticias.php?id=13111. Acesso em: 7 set. 2009.
[36] KHOURY, Y. A. O historiador, as fontes orais e a escrita da história. *In*: **Outras Histórias: memórias e linguagens**. p. 22-43.

Regional de Integração Social. O título, em letras garrafais, questionava "é este o progresso que Montes Claros queria?" O texto trazia um balanço dos quinze anos de atuação da SUDENE na área Mineira do Nordeste, momento em que a autora criticou duramente a forma como vinha ocorrendo o processo de industrialização na cidade, completamente "inadequada a sua realidade".[37]

A autora apontou as consequências negativas de uma industrialização não planejada, somadas à desilusão do homem do campo que vem para a cidade em busca de melhores condições de vida, que, consequentemente, transformaram Montes Claros numa cidade de favelas. Dentre outras coisas, Mércia Maria Fagundes escreveu:

> Assim começa a chegar o homem do campo, já pressionado por uma estrutura injusta ali; os estímulos da cidade industrial o atraem e ele migra na esperança de satisfazer suas aspirações a um melhor nível de vida. Entretanto a realidade é bem diferente: nem sempre a pessoa que chega de fora está qualificada a trabalhar dentro de uma indústria. Imagine o que o nosso camponês (um homem que durante toda a sua vida lavrou a terra e cuidou de animais) sabe fazer numa Transit, numa Coteminas, numa Fuji Eletric, numa Biobrás. [...] E como reclamar do baixo e injusto salário? Como fazer isso se ele muitas vezes se considera um homem de sorte, "pois mal foi chegando e arrumando colocação"? Como reclamar se ele sabe muito bem como é o processo todo: não está satisfeito com o salário que ganha? Pode sair que tem mais 4 ou 5 de olho na vaga que você vai deixar".[...][38]

Matérias como essas foram comuns na mídia montes-clarense a partir dos anos de 1960 e se intensificaram nos anos de 1970, período considerado como de intensas transformações. Tentando explicar a dinâmica social do momento, as reportagens na imprensa sempre "denunciavam" o aumento da mendicância pelas ruas da cidade, o crescimento das favelas, além de alertar para o fato de Montes Claros ter se transformado no "eldorado" da região.[39] Foi conversando com alguns trabalhadores que

---

[37] FAGUNDES, M. M. É este o progresso que Montes Claros queria? **Diário de Montes Claros.** Montes Claros, 01 abr. 1979. Segundo Caderno, industrialização. Arquivo particular do Senhor Américo Martins Filho. Fagundes salientou que, dos 37 projetos implantados em Montes Claros, apenas 5 foram destinados à agropecuária. Com relação aos 32 projetos industriais aprovados pela SUDENE, enfatiza que "jamais se considerou as tradições econômicas da região e principalmente a mão-de-obra disponível, ávida por melhores oportunidades de emprego".

[38] FAGUNDES, M. M. É este o progresso que Montes Claros queria? **Diário de Montes Claros.** Montes Claros, 01 abr. 1979. Segundo Caderno, industrialização. Arquivo particular do Senhor Américo Martins Filho.

[39] SILVEIRA, J. As causas da mendicância. **Diário de Montes Claros.** Montes Claros, 12 jun. 1977. Flashes e comentários.

entendemos um pouco mais a complexa teia das relações sociais. Falando sobre os primeiros tempos na cidade, muitos desses trabalhadores não deixaram de apontar as dificuldades encontradas, no entanto, ressaltam que se adaptaram e trabalharam por vinte e oito, trinta, trinta e dois anos nas indústrias de Montes Claros, neste caso específico na Coteminas. Seu Dedé, 28 anos de trabalho na Coteminas, ao relembrar os primeiros momentos na cidade e no trabalho, ressaltou que:

> no início eu estranhei né? Estranhei um pouquin... depois eu casei, [...] todo mundo veio pra cá, [a família] eu entrei no serviço, eu pensei: vou ficá não... mas depois eu fui vendo, saí do servição pesado que eu fazia na roça, entrei na firma fazendo quase nada, mexendo com uma máquina lá, depois eu fui acostumano, mais no início a gente, né?[40]

Hoje, ao relembrar e avaliar os primeiros tempos na cidade, Seu Dedé não nega as dificuldades, ao contrário, ressalta o estranhamento inicial, contudo as responsabilidades adquiridas com o casamento e os filhos foram importantes para que ele se adaptasse à nova vida. Nesse sentido, a cidade surge como aquele lugar onde os seus problemas poderiam ser resolvidos. Esse estranhamento inicial é minimizado quando vêm as conquistas, aqui traduzidas na casa, na família, no trabalho, "depois eu casei [...] todo mundo veio prá cá [...] depois eu fui acostumano". Por isso devemos seguir um caminho que nos permita apreender a dimensão das transformações vividas por esses trabalhadores, ao mesmo tempo em que buscamos investigar como eles enfrentaram as mudanças repentinas em suas vidas.

Mércia Maria Fagundes, autora do texto cujo fragmento apresentamos anteriormente, preocupada com as questões daquele momento, não consegue compreender o que "um homem que durante toda a sua vida lavrou a terra e cuidou de animais sabe fazer numa Transit, numa Coteminas, numa Fuji Eletric, numa Biobrás".[41] Para além das críticas feitas por Mércia Maria Fagundes sobre o processo de industrialização de Montes Claros, o importante foi perceber que, mesmo sentindo as agruras de uma mudança abrupta, essas pessoas lutam e vivem e se adaptam à sua nova vida – em geral muito mais leve do que a anterior –, pois, certamente, é muito mais fácil

---

[40] ADÃO, J. 31 de jul. 2008, Montes Claros, formato mp3, (1h 30 min). Entrevista concedida à autora.
[41] FAGUNDES, M. M. É este o progresso que Montes Claros queria? **Diário de Montes Claros**. Montes Claros, 01 abr. 1979. Segundo Caderno, industrialização. Arquivo particular do Senhor Américo Martins Filho.

trabalhar à sombra, com carteira assinada e, em certa medida, com algumas garantias, do que aguentar diariamente, como disse Seu Dedé, “o servição pesado” da roça. Nesse sentido, as entrevistas que realizamos com alguns trabalhadores são significativas e intensas, pois nos permitem apreender singulares vislumbres de uma vida que foi deixada para trás e de outra que ora se conforma.

Por elas pudemos perceber os conflitos e tensões que perpassam as relações sociais construídas na cidade, seja no ambiente de trabalho, seja em outro ambiente como a igreja e a comunidade. Assim sendo, a narrativa de Maria dos Santos Silva chamou-nos a atenção, por se mostrar representativa de um social tenso e conflituoso. Durante o tempo em que trabalhou no grupo Coteminas, Maria percorreu todas as unidades, em virtude das várias reformas implementadas pela empresa. No final de 2007, ela havia sido transferida para a unidade de tecelagem Cotenor, de onde foi demitida em 11 de junho de 2008 por conta de sua participação na manifestação.

Maria estava no grupo Coteminas desde março de 1995, quando resolveu deixar a zona rural de Claro dos Poções, no Norte de Minas, e seguir para Montes Claros em busca de trabalho e uma vida menos sofrida. O contato com Maria se deu através de Lourival Soares Ribeiro, um dos líderes da paralisação. Não foi um encontro planejado. Encontramo-nos por acaso e, diante de um convite para gravarmos uma entrevista, Maria não mostrou interesse algum em partilhar suas experiências conosco: “ah, não... mexer com isso não”, foi sua resposta.

Em uma nova conversa, Maria deixou claro que não tinha a intenção de expor a sua vida. Argumentei que, embora sua história fosse contada, o seu nome não precisaria aparecer, poderíamos arranjar-lhe um codinome, o que evitaria qualquer constrangimento de sua parte. Acertamos as bases da entrevista e combinamos que aconteceria em sua casa. Porém, no momento de gravarmos, Maria surpreendeu-nos ao dizer “ah, não... vou mudar o nome não... não tenho vergonha de nada, vai ser até bom ver meu nome lá”.

Durante uma hora e meia, conversamos em sua casa no Conjunto Joaquim Costa. A entrevista transcorreu de forma tranquila, uma vez que a entrevistada se mostrou com muita disposição, não só para responder aos questionamentos, mas também para ir além, revelando detalhes de sua vivência na fábrica, mesmo que em alguns momentos se mostrasse um pouco nervosa diante do gravador. Questionamos sobre os primeiros momentos na cidade.

> Tudo no início é difícil, é diferente, entendeu? Não deixa de não ser diferente, mas logo eu me adaptei. Hoje, se for pra mim adaptar lá, eu acho mais difícil do que me adaptar aqui. Eu vou pra lá, fico lá três dias, fico doidinha pra voltar, mas eu não esqueci aquela coisa, eu chego lá, eu trabalho na roça, eu ajudo na roça.[42]

Dessa forma, a narradora apresenta sua chegada a Montes Claros, "tudo no início é difícil", porque é "diferente, mas logo eu me adaptei". Embora a vida na cidade exija novos hábitos, Maria enfatiza que "hoje se for pra mim adaptar lá [na roça], eu acho mais difícil do que me adaptar aqui". Essas diferenças também estão presentes no trabalho, e Maria faz questão de ressaltá-las. Quando questionada sobre qual serviço desempenhou quando começou a trabalhar na Coteminas, Maria disse:

> fui trabalhar com as máquinas. Aquele serviço assim que... a única diferença que tinha da roça pra lá era que eu trabalhava na sombra e de carteira assinada. Por que sobre trabalhar... na Coteminas eu trabalhava pra dois entendeu? Eu trabalhava na minha função e na função de outro. No meu início de trabalho foi assim".[43]

O Sr. Joanes, morador do bairro Eldorado e trabalhador da Coteminas há 32 anos faz uma leitura interessante ao se pronunciar sobre quando começou a trabalhar: "até que eu não estranhei não, porque eu... assim... quem trabalhou na roça não estranha nada, porque tudo pra ele é novidade, né? Ele acha um pouco estranho assim porque o serviço é bem mais leve".[44] Portanto, diferentemente do que escreveu Fagundes, essas pessoas se adaptaram ao serviço, não somente na Coteminas, mas também na Transit, na Biobrás, e em outras.

Explorando a narrativa de Maria, encontramos elementos mais significativos. Por eles percebemos como ela dá um significado diferente a alguns momentos específicos de sua vida, principalmente os que foram vividos no ambiente fabril. Por isso, durante toda a sua narrativa, ela sempre buscava o caminho da fábrica. Após perguntarmos sobre sua família, pai, mãe e irmãos, Maria respondeu.

---

[42] SILVA, M. S. 27 apr. 2009, Montes Claros, formato mp3, (1 h 40 min). Entrevista concedida à autora.
[43] SILVA, M. S. 27 apr. 2009, Montes Claros, formato mp3, (1 h 40 min). Entrevista concedida à autora.
[44] JOANES. 15 jan. 2009, Montes Claros, formato mp3, (1 h 20 min). Entrevista concedida à autora.

> Tem; pai e mãe, irmãos. Que mora aqui só tem eu e outra que trabalha lá na Lençol e essa aí [na hora uma das irmãs entrou em casa] elas são gêmeas, ela e a outra, eu sou mais velha. Aí eu vim e ela veio. É igual.. **voltando ao caso**.. eu jamais vou falar mal da empresa, cê ta entendendo? A empresa é uma empresa boa, emprega muita gente, ajuda muita gente. A única coisa que eu falo é das pessoas que têm como direção a empresa, que dirige a empresa, que podia assim ser mais digno, ser mais educado. [...].[45]

Ao narrar, as pessoas definem níveis e modos em torno dos quais organizam suas histórias. Cada pessoa organiza sua fala tendo como referencial uma trajetória específica para ser contada. Isso depende muito da maneira como o entrevistador conduz a entrevista, daquilo que ele quer ouvir, e, principalmente, depende também do que o narrador deseja contar. Também por esse prisma, a entrevista com Maria foi muito interessante. Sempre que tentávamos direcionar a narrativa para outros assuntos, que não os do trabalho, ela fazia o caminho da fábrica. "É igual... voltando ao caso... eu jamais vou falar mal da empresa [...]". Isso aconteceu muitas vezes no decorrer de sua narrativa. Voltar a este caso específico, às experiências vividas no trabalho, significa trazer à tona toda uma historicidade que não se inicia e tampouco se encerra com a paralisação. Esse ir e voltar no tempo, essa constante necessidade em voltar para a fábrica evidencia de forma clara o seu ressentimento com as pessoas "que têm como direção a empresa, que dirige a empresa".

Por conta disso, a fala de Maria soa mais como uma denúncia, um desabafo, um momento para expressar toda a sua indignação com o grupo Coteminas. Sua narrativa está toda voltada para os acontecimentos relacionados a este momento específico de sua vida. O seu espaço de referência está circunscrito ao ambiente de trabalho e as relações sociais experimentadas nele. Isso é muito significativo se considerarmos que ela acabou de ser demitida e é em virtude disso que ela traz para a narrativa todo esse histórico de exploração, de indignação e revolta, por isso ela faz o caminho de volta para a fábrica. Suas respostas sempre foram além, descortinando relações tensas e conflituosas. Ao perguntarmos sobre família, filhos e casamento, sua resposta foi rápida: "tenho uma mocinha, não sou casada, sou amasiada. Amasiada

[45] SILVA, M. S. 27 apr. 2009, Montes Claros, formato mp3, (1 h 40 min). Entrevista concedida à autora.

não... amasiada é quando cê é casada e ajuntada de novo... então eu sou só juntada". Em seguida, ela retoma o assunto de seu interesse, sempre em tom de denúncia e revolta.

> Mas é isso aí... aí eu saí de lá dia 11 de junho de 2008... referente.. não, eu já tava tendo alguns problema lá dentro entendeu? Toda vida eu tive problema dentro da empresa. Eu sou o tipo da pessoa.. não é falar que.. é o tipo da pessoa.. aquela que não leva desaforo pra casa, é o modo de dizer, entendeu? A gente via muita irregularidade dentro da empresa, tinha muitos que tinham coragem de falar e muitos que não tinham, entendeu? E eu sou daquelas que não deixa pra amanhã, o que tem de resolver hoje nós vão resolver hoje. Muitas vez eu cheguei a entrar em atrito com encarregado por causa de outros funcionário, entendeu? Por que eu via, eu via a irregularidade, eu via eles prejudicando as pessoas, eles via também, mas não tinha coragem de se tocar e se reclamar, cê ta entendendo? Eu já fui à briga, eu já fui à luta por causa dos outros.. e não me arrependo. Eu arrependia assim, se eu ficasse calada e deixasse o erro na minha frente sem eu bater com a língua... modo de dizer. É tanto que eu trabalhei esse tempo inteiro por causa dos outros e de mim também, lógico.. nós fizemo a manifestação no dia 30.. acho que foi dia 30 de maio de 2008, entendeu? É... como é que fala? Reivindicando.. reivindicando uma coisa que era nossa.. não que eles dava pra nós, mas que nós lutava pra conseguir.. o que simplesmente chega e fala de hoje em diante acabou... a mesma coisa de cê tirar o peito da boca do menino.. não vai mamar mais, cê entendeu? E a gente fez uma reivindicação lá.. reivindicação essa que foi muita gente pra rua. Só que antes, em fevereiro de 2008, eles tinha mandado 800 funcionário embora, como saiu na mídia, saiu no jornal, saiu ni tudo, entendeu, então eu como já tava com o pé pro lado de fora mesmo, que eu sabia que eles iam me mandar embora a qualquer momento, que eu tava tendo problema lá dentro com encarregado. Sabe aquela coisa que todo dia cê chega e tem um lugar pra trabalhar? Hoje cê vai fazer isso... hoje cê vai fazer aquilo... é tipo assim... aquela pessoa que cobre a falta dos outro, entendeu?[46]

Ao dialogar com as fontes orais, sobretudo com a narrativa de Maria, foi possível compreender o que Portelli fala sobre "as funções do tempo na história oral". Ele nos alerta para as diferenças nos interesses de entrevistados e narradores. Enquanto os primeiros buscam, através das narrativas, elementos que permitam reconstruir um determinado momento passado, os narradores "estão mais interessados em projetar uma imagem". Dessa maneira, continua Portelli "os narradores podem estar mais interessados em buscar e reunir conjuntos de sentidos, de relacionamentos e de temas, no transcorrer de sua vida". Por mais que insistimos com este ou com outro tema, os

[46] SILVA, M. S. 27 apr. 2009, Montes Claros, formato mp3, (1 h 40 min). Entrevista concedida à autora.

entrevistados obstinadamente retornam para aquilo que lhes interessa.[47] Nesse sentido, Maria construiu sua narrativa. Em muitos momentos a fala foi direcionada para os assuntos que ela julgou pertinentes.

Observemos também que à medida que Maria fala e denuncia a exploração, ela também constrói uma imagem de si. Isso fica evidenciado quando ela enfatiza, "eu sou o tipo da pessoa [...] aquela que não leva desaforo pra casa, é o modo de dizer, entendeu?" Continua afirmando

> é tanto que eu trabalhei, esse tempo inteiro por causa dos outros e de mim também lógico.. nós fizemo a manifestação no dia 30 [...] reivindicando uma coisa que era nossa, não que eles dava pra nós, mas que nós lutava pra conseguir [...] E a gente fez uma reivindicação lá... reivindicação essa que foi muita gente pra rua.[48]

Essa foi a forma encontrada por ela para se colocar diante de alguém estranho e, dessa forma, determinar o seu espaço na conversa.

Outro momento em sua fala que nos chamou a atenção se refere à forma como a narradora utiliza o tempo em seu relato. Sua narrativa não apresenta uma sequência cronológica dos acontecimentos. Isso porque Maria lida com o tempo de uma maneira muito própria, sempre de acordo com sua necessidade, indo e voltando com muita naturalidade e isso está presente em toda a sua narrativa. Por isso sua resposta, quando questionamos sobre como organizaram e iniciaram a paralisação, foi muito mais significativa, pois girou em torno de mudanças importantes para a classe trabalhadora, mudanças que transformaram o dia a dia daquelas pessoas. Mais uma vez as questões abordadas por Maria nos dizem muito mais sobre o processo vivido do que sobre o momento da paralisação.

> A manifestação foi uma paralisação. Foi uma paralisação. Chegamos na... não, na quinta feira eles chamaram todos os funcionários e falou assim: gente....quando eu entrei a gente tinha um subsídio, em 1995 tinha um subsídio de 30%. O que que era subsídio de 30%? Se eu... vale armazém na época.. se cê comprasse 100,00 real, cê tinha um

[47] PORTELLI, A. "O momento da minha vida": funções do tempo na história oral. *In*: **Muitas memórias, outras histórias.** p. 297-313.
[48] SILVA, M. S. 27 apr. 2009, Montes Claros, formato mp3, (1 h 40 min). Entrevista concedida à autora.

subsídio de 30%, então cê pagava 70,00 reais. Se cê consultava, cê tinha subsídio de 30%, se cê pegasse um remédio na farmácia 30%... mexeu e virou lá, acho que foi lá depois de 98 eles caiu esse subsídio pra 26%. Aí já diminui, 4% eles já comeram e foi enrolando, foi enrolando, foi enrolando, quando passou mais uns três anos, eles caiu pra 23%.. já foi sete né? Aí simplesmente agora dessa vez... tentaram anteriormente aí 2000, 2001 por aí eles tiraram o sacolão... o povo da Cotenor, eu trabalhava na matriz, o povo da Cotenor fez uma manifestação lá, ameaçaram eles. Ou vocês devolve o sacolão pra nós ou nós vão parar a fábrica. Eu acho que eles se sentiram com medo.. sei lá o que que foi, aí dois mês seguinte eles deu o sacolão. Aí nós tava trazendo três sacolão, né, que era pra repor o que eles tinha descontado atrás. Eles acharam que tava pouco... realmente veio a crise, né, como diz eles, mas no início eles mandaram essas 800 pessoas embora. Aí acharam que não tava bom, lá vêm eles com mais corte. A tal de redução de custos, né, reduzir os custo deles, o deles, né? Porque o nosso nem se fala. Lá tem uma tal de premiação chamada o prêmio de maio deles, só que a verdadeira palavra não é prêmio de maio, todo mundo sabe... é participação de lucro empresarial, uma coisa assim, né. Só que lá pra eles é prêmio de maio. Quem tinha acesso a esse prêmio? Cê podia trabalhar 364 dias por ano, se você falhasse um, você perdia. Cê podia produzir 100% 364 dias por ano, se cê deixasse de ir um dia ou pegasse um atestado, você perdia. Aí lá vai Maria... 95, 96.. brigava em 95 levava suspensão, ia pra casa, brigava mais chefe, brigava mais diretor, porque eu era terrível. Aí perdi 95, 96 eu não peguei, 97 eu não peguei, quando foi 98 eu peguei. Aí eu vim 99, 2000, 2001, e a cada cinco anos o prêmio dobrava de valor, por exemplo: o primeiro ano era um... antes não era em dinheiro, era um prêmio avaliado em um salário mínimo, podia ser um fogão, mil tijolos, alguma coisa que chegasse ao valor de um salário mínimo. Só que era em bens materiais. Aí com cinco anos que cê trabalhasse sem faltar, sem pegar atestado esse prêmio ia pra três salários mínimos, que foi o que eu já tava pegando. Aí passaram... três anos aqui atrás eles começaram a pagar, acho que de 2005 pra cá eles começaram a pagar em dinheiro. Que todo mundo reclamou: ah não, eu já tenho sofá, eu já tenho mesa, eu já tenho geladeira, pra que que eu quero mais? Não, nós qué o dinheiro. Aí eles resolveram pagar em dinheiro. Tudo bem. Aí quando chegou agora nessa manifestação foi isso. Simplesmente eles chamou na sala e falou: gente, o negócio é o seguinte, a empresa tá em dificuldade, a crise tá aí, nós não tá conseguindo vender, as máquina tá produzindo má qualidade e não sei o que e blá blá blá e tanta coisa, negócio é o seguinte: nós vão cortar os dois sacolão, nós vão tirar o subsídio e vão dá 13%, nós vamo tirar o subsídio total do vale, não vai ter subsídio de vale nenhum, se você comprar 200,00 reais cê vai pagar 200,00, farmácia vai ter 13%, consulta 13%. O prêmio de maio que é o verdadeiro prêmio de maio, Senhorita Maria dos Santos, se você tava pegando, a última que eu peguei foi 996,00 real que foi os três salário mínimo... não era os três salário mínimo, era 80% de um salário mínimo e eu pegava três, né, então eu pegava 80% dos três salário mínimo que deu 996,00 real, a Senhora vai pegar quatrocentos e pouco. Aí eu falei: não, mas aí caiu muito. Não, mas é assim ou cê queira ou não queira, o papo é esse. [...] ou cês pega, ou cês não pega.[...] Quem não tiver satisfeito com a nova lei cai fora, a porta da frente é a serventia da casa... era assim. Aí nesse dia, isso foi dia 30, foi dia 28 de maio de 2008 chamou na sala e

> deu essa notícia. Mais antes deles chamar nós e avisar tem a tal da rádio pioneira né, que um fica sabendo e fica espalhando e fica comentando... não! Se acontecer isso nós vão parar, vão parar esse trem. [49]

Dessa forma, Maria relata as transformações ocorridas em sua vida quando ainda trabalhava no grupo Coteminas. Tendo como base as mudanças que afetaram o seu dia a dia, ela explica com detalhes: "quando eu entrei a gente tinha um subsídio, em 1995 tinha um subsídio de 30%. O que que era subsídio de 30%? Se eu... vale armazém na época.. se cê comprasse 100,00 real cê tinha um subsídio de 30%, então cê pagava 70,00 reais. Se cê consultava, cê tinha subsídio de 30%, se cê pegasse um remédio na farmácia 30%... mexeu e virou lá, acho que foi lá depois de 98 eles caiu esse subsídio pra 26%." Maria faz aquilo que Portelli[50] chama de movimento da lançadeira, em que o narrador traz para a narrativa uma série de exemplos de forma a fundamentar a sua fala. Neste caso, o que fundamentou sua fala foram as mudanças em sua vida.

Ao trazer à tona as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores da Coteminas durante a década de 1990, Maria nos dá a dimensão de como as transformações ocorridas em âmbito global transformaram o cotidiano dos trabalhadores. As constantes perdas sofridas, sobretudo com relação aos benefícios, em que Maria destaca a redução nos subsídios, as mudanças no critério para pagamento do prêmio de maio, o corte da cesta básica por um cartão de valor fixo, indicam um período difícil para os trabalhadores como um todo. Os anos de 1990 não tiveram um saldo positivo, principalmente devido às transformações nas relações de trabalho, que em maior ou menor intensidade trouxeram consequências nada favoráveis aos trabalhadores.[51]

A possibilidade iminente da perda do emprego foi uma constante, sobretudo devido ao refluxo industrial e à introdução de novas tecnologias poupadoras de mão de obra. Encontramos esse momento nas palavras do Senhor Élcio Cícero Ferreira, ex-funcionário da Coteminas entre 1990 e 2004:

---

[49] SILVA, M. S. 27 abr. 2009, Montes Claros, formato mp3, (1 h 40 min). Entrevista concedida à autora.
[50] PORTELLI, A. "O momento da minha vida": funções do tempo na história oral. *In*: **Muitas memórias, outras histórias.** p. 297-313.
[51] MATTOS, M. B. **Trabalhadores e Sindicatos no Brasil**, p. 77-103.

> A Coteminas hoje ela modernizou muito, a fábrica que eu trabalhava, que eu entrei em 1990 ela tinha colaboradores na abertura, na maçaroqueira, passador, filatório, conicaleira, urdideira, engomadeira. Hoje, passador, maçaroqueira e filatório se uniu numa máquina só, chama openente [...], com isso cortou vários colaboradores, alguns os que tavam aptos a trabalhar continuaram na unidade em outros setores que tinha necessidade de mais gente.[52]

As novas configurações sociais trouxeram consequências perturbadoras para a classe trabalhadora, principalmente com as mudanças nas formas de gerenciamento do trabalho, em que o trabalhador deveria ser multifuncional, polivalente, o que implicava uma necessidade constante de aperfeiçoamento, questões ainda muito vivas no cotidiano dos trabalhadores hoje. O governo de Fernando Henrique Cardoso deu continuidade às reformas neoliberais iniciadas por Collor de Melo, como a política de privatização, redução dos investimentos do Estado em políticas sociais, redução dos direitos de seguridade e trabalhistas, refletindo negativamente sobre a classe trabalhadora como um todo. Todas essas implicações negativas ocorridas em nível internacional e nacional influíram no cotidiano dos trabalhadores e estão presentes em suas narrativas.

Foi assim com Maria, que ao falar escolheu falar das perdas financeiras de sua classe. Por isso, ela traz para a narrativa uma sucessão de fatos acontecidos até que ocorresse a paralisação. Sua experiência não obedece a nenhum marco temporal externo, por isso ela vai e volta no tempo, porque há uma necessidade de atribuir sentido aos episódios narrados. Nesse sentido, os fatos relatados são aqueles considerados mais importantes para ela, ou, pelo menos agora, ao relembrar sua trajetória, ela os considera como os mais importantes. Sua narrativa remete a uma historicidade dessa luta, aponta todo um processo vivido e experimentado por si e seus pares. Portanto, a paralisação não surge como algo pronto e acabado, mas faz parte de um processo partilhado por todos.

O sistema de premiação adotado pela empresa também foi abordado por Maria em sua narrativa: “Lá tem uma tal de premiação, chamada o prêmio de maio deles, só que a verdadeira palavra não é prêmio de maio, todo mundo sabe... é participação de lucro empresarial, uma coisa assim, né? Só que lá pra eles é prêmio de maio”. O grupo Coteminas em seu Informativo do segundo trimestre de 2008 traz as categorias de premiação. São as seguintes:

---

[52] FERREIRA, E. C. 19 jul. 2008, Montes Claros, formato mp3, (25 min). Entrevista concedida à autora.

Normal	01 a quatro anos consecutivos	R$ 332,00
Especial	05 a 09 anos consecutivos	R$ 996,00
Extra	10 a 14 anos consecutivos	R$ 1.577,00
Super Extra	15 a 19 anos consecutivos	R$ 1.992,00
S. E. Especial	acima de 20 anos consecutivos	R$ 2.407,00[53]

Maria continua explicando como funcionam os critérios:

> Quem tinha acesso a esse prêmio? Cê podia trabalhar 364 dias por ano, se você falhasse um, você perdia. Cê podia produzir 100% 364 dias por ano, se cê deixasse de ir um dia ou pegasse um atestado, você perdia. Aí lá vai Maria... 95, 96.. brigava em 95 levava suspensão, ia pra casa, brigava mais chefe, brigava mais diretor, porque eu era terrível. Aí perdi 95, 96 eu não peguei, 97 eu não peguei, quando foi 98 eu peguei. Aí eu vim, 99, 2000, 2001, e a cada cinco anos o prêmio dobrava de valor, por exemplo: o primeiro ano era um... antes não era em dinheiro, era um prêmio avaliado em um salário mínimo, podia ser um fogão, mil tijolos, alguma coisa que chegasse ao valor de um salário mínimo. Só que era em bens materiais. Aí com cinco anos que cê trabalhasse sem faltar, sem pegar atestado esse prêmio ia pra três salários mínimos, que foi o que eu já tava pegando. Aí passaram... três anos aqui atrás eles começaram a pagar, acho que de 2005 pra cá eles começaram a pagar em dinheiro. Que todo mundo reclamou: ah não, eu já tenho sofá, eu já tenho mesa, eu já tenho geladeira, pra que que eu quero mais? Não, nós qué o dinheiro. Aí eles resolveram pagar em dinheiro.[54]

Analisando mais de perto esse momento específico da conversa que tivemos com Maria, percebemos que ao falar sobre o seu trabalho ela nos oferece uma visão muito mais ampla. Ela nos remete a uma historicidade da luta diária dos trabalhadores, ao enfatizar "nós fizemo a manifestação [...] reivindicano uma coisa que era nossa, não que eles dava pra nós, mas que nós lutava pra conseguir", ao trazer à tona as constantes perdas, ao falar sobre como eram pagos os prêmios e como os próprios funcionários conseguiram que fossem pagos em dinheiro e não em bens; ao reavaliar a sua própria conduta dentro da empresa que prejudicava o recebimento dos prêmios, tudo isso nos leva a entender a maneira como essas pessoas estão percebendo as suas vidas na cidade,

---

[53] PLR – Premiação de maio. Este é um time de campeões! **Informativo Coteminas**. Montes Claros abr/mai/jun, 2008, p. 1.

[54] SILVA, M. S. 27 apr. 2009, Montes Claros, formato mp3, (1h 40 min). Entrevista concedida à autora.

como elas se relacionam no ambiente de trabalho e, dessa forma, como constroem suas possibilidades, tanto na cidade, quanto no trabalho.

A premiação também está presente na fala do Senhor Valdomiro. De acordo com ele, "a premiação pra quem não falta e pegano com Deus pra não adoecer e atrasar, é boa viu?" Em seguida nos explica mais sobre como funciona e o quanto esses prêmios significam para ele:

> Não é ruim não, porque igual agora mesmo, quem tem agora mais de dez anos igual é o meu caso, aí recebe o prêmio extra, o super-extra, é um dinheiro que ajuda demais, porque a gente... o salário... porque todo tanto que a gente ganhar é pouco, a gente sempre qué mais, mais só que, a gente já fica contando com um prêmio desses, igual pegou um piso por exemplo, é quando tá na época da gente receber, então é um dinheiro que vai somar dentro da casa da gente, principalmente quem tem filho... ajuda e muito.[55]

Sob outra perspectiva, o jornal Informativo traz as normas da empresa para ter acesso à premiação. De acordo com a empresa, "para ser contemplado, o trabalhador não pode, no período de 21 de março do ano corrente a 20 de março do ano seguinte, ter faltas, atestados, atrasos superiores a trinta minutos e penas disciplinares".[56] Essa é a lógica da empresa. Mas a lógica do capitalismo, ainda que dominante, não é a única que age na sociedade. Do ponto de vista dos trabalhadores, todo o sistema de benefícios e premiações significa uma possibilidade concreta de melhora de vida. As narrativas nos mostram como esses trabalhadores invertem essa lógica. É igualmente importante notar que ao falar sobre os prêmios tanto o Senhor Valdomiro quanto os outros trabalhadores não negam a exploração, ao contrário, eles a sentem com intensidade. Sobretudo quando se trata da questão financeira "não é ruim não [...] todo tanto que a gente ganhar é pouco, a gente sempre qué mais". A narrativa é extremamente significativa porque nos dá a dimensão de como esses trabalhadores estão enfrentando seus limites.

Dessa forma, percebemos a importância que esses prêmios adquirem na vida das pessoas, à medida que, como ressaltou Valdomiro, é um "dinheiro que vai somar dentro da casa da gente". Porque é com ele que a casa pode ser feita ou ampliada, é com

---

[55] FERREIRA, V. 30 jul. 2008. Montes Claros, formato mp3, (40 min). Entrevista concedida à autora.
[56] PLR – Premiação de maio. Este é um time de campeões! **Informativo Coteminas.** Montes Claros abr/mai/jun, 2008, p. 1.

esse dinheiro que o material escolar do filho poderá ser comprado, é ainda com esse dinheiro que a comemoração do casamento poderá ser realizada, que o carro poderá ser comprado e, por que não, ser poupado para uma viagem de férias? É dessa maneira que eles lutam por melhores condições de vida e disputam um lugar na cidade.

O Senhor Valdomiro Ferreira é funcionário da Central Brasileira de Acabamentos Têxteis – Cebratex –, unidade do grupo Coteminas, desde 1996. Ele nos disse que, antes de "cair dentro da Coteminas [...] eu trabaiei mais mexeno com algodão, fazia descaroçar o algodão e também no processo de óleo, quando funcionava a Mariflor, depois fui pra Cooperativa, sempre mexia nessa área de algodão."[57] Ao relembrar esse período, Valdomiro o faz com certa nostalgia do tempo em que "era bão, viu, a gente recebia beleza mesmo, mas hoje não tem algodão, pr'esse lado nosso aqui não tem algodão. O algodão é de fora e pra ir pra fora eu desanimo, até que a gente tem proposta, mas pra ir pra fora...".

Mesmo tendo a oportunidade de sair de Montes Claros e, possivelmente, aumentar a sua renda, a sua opção é por ficar junto aos seus. Aqui, os filhos, a esposa, os amigos, os familiares, a vida construída na cidade, significam muito mais.

Antes de conversamos com o Senhor Valdomiro, conversamos também com sua esposa Ivani, que trabalhou no grupo Coteminas de 1996 a 2001. Ao ser questionada sobre os prêmios, a resposta veio em meio a sorrisos: "nunca ganhei, meu marido sempre pegou... ele é ótimo pra ganhar esses prêmios, mas eu não."[58] Temos aqui momentos diferentes para Ivani e Valdomiro. Ivani não é mais funcionária da empresa e isso dá a ela liberdade para falar, inclusive para criticar as ações da empresa, enquanto Valdomiro, por continuar trabalhando, não tem essa mesma liberdade. Suas palavras são medidas cuidadosamente, de modo a não macular a imagem da empresa onde trabalha.

Ivani também nos relatou o acontecido com um colega seu que, para não perder o prêmio, trabalhou doente, mas na véspera de terminar o prazo atrasou 10 minutos e perdeu a premiação. Por isso ela diz que acha "a maior sacanagem uma coisa dessa. Então acho que porque nunca concordei com isso que nunca ganhei, porque se eu acordasse atrasada eu não ia, pronto, não fui, faltei, se eu tivesse doente eu não ia, se meu filho tivesse doente eu não ia [...]."[59]

---

[57] FERREIRA, V. 30 jul. 2008. Montes Claros, formato mp3, (40 min). Entrevista concedida à autora.
[58] FERREIRA, I. 30 jul. 2008. Montes Claros, formato mp3, (33 min). Entrevista concedida à autora.
[59] FERREIRA, I. 30 jul. 2008. Montes Claros, formato mp3, (33 min). Entrevista concedida à autora.

Temos como avaliar o comportamento de Ivani? Ela foge à regra? Mulheres como Jaqueline e como tantas outras com quem conversamos e que trabalham nas unidades da Coteminas certamente se sentiriam mais tranquilas se pudessem ficar ao lado do filho quando este adoecesse. No entanto, não podem, porque são mães de família, porque não contam com a ajuda de um esposo, lutam sozinhas para conseguir criar os filhos. Acreditamos que o mais certo seria tentar compreender quais razões essas mulheres têm para agir dessa ou de outra forma. As atitudes de Ivani são representativas de todo um universo de tensão presente nas relações que emergem no local de trabalho e que extrapolam os limites da fábrica.

Ivani, ainda se referindo aos benefícios, conta que em termos financeiros o sacrifício "compensa, pra quem tem coragem, eu não aprovo, sou totalmente contra, é um trabalho escravo, eu acho covardia, mas isso leva o funcionário assim... porque adoecer, eu acho, eu penso, no meu modo de pensar, é o seguinte: a pessoa doente poderia ser abonado né? Mas não, tem que trabalhar impecavelmente".[60]

A crítica é contundente: "eu não aprovo, sou totalmente contra, é um trabalho escravo". Ter de deixar o filho doente em casa, ser obrigada a trabalhar doente para ganhar um prêmio ou não faltar ao trabalho mesmo em situações extremas, tudo isso Ivani qualifica como uma escravidão. Contudo, as atitudes de Ivani podem ser compreendidas se levarmos em conta que seu esposo Valdomiro, também trabalhador em uma das unidades da Coteminas, age de outra forma. De acordo com ela, Valdomiro "nunca foi de faltar", por isso "ele ganhou um tanto de dinheiro agora esses dias". Dinheiro que, segundo Valdomiro, "vai somar dentro da casa da gente, principalmente quem tem filho... ajuda e muito".[61]

Ao narrar, as pessoas estabelecem um foco, que varia de acordo com a experiência vivida. O foco da narrativa de Ivani está circunscrito aos problemas que ela enfrenta diariamente em casa, como ter de cuidar dos filhos, enquanto Valdomiro direciona sua narrativa para o trabalho e para as responsabilidades atribuídas socialmente a um pai de família. Assim, a vida é conduzida neste sentido: a mulher é aquela que deve cuidar dos filhos e o homem é aquele que sustenta a casa.

Sobre a mesma premiação, o Senhor Dedé, atualmente aposentado, conta que trabalhou "vinte e tantos ano sem falta... depois que eu casei, nunca faltei, nunca peguei atestado, então esse que eu ia ganhá agora era completano vinte e seis prêmio.

---

[60] FERREIRA, I. 30 jul. 2008. Montes Claros, formato mp3, (33 min). Entrevista concedida à autora.
[61] FERREIRA, V. 30 jul. 2008. Montes Claros, formato mp3, (40 min). Entrevista concedida à autora.

Que eu perdi, porque eles num me pagô... intão quando intera dez ano, eles dá o valor de quatro salário, quando intera vinte ano, quinze ano eles dá o valor de cinco, quando intera vinte ano, seis salário, intão eu ganhei seis salário".[62] Podemos perguntar: o que move um homem a trabalhar durante vinte e oito anos sem nunca ter uma falta, nunca apresentar um atestado? É o próprio Senhor Dedé que nos fala sobre isso. Quando perguntamos sobre sua casa, imediatamente ele nos responde: "aqui tudo foi tirado de lá, esse barracãozin... nunca, nunca trabalhei noutro serviço, nem a carteira profissional eu tinha quando eu vim da roça, tirei pra assinar lá, em 80". Percebemos que do ponto de vista do trabalhador, os prêmios são significativos, são importantes.

Os relatos do Senhor Dedé, assim como os de Humberto, Maria, Valdomiro, Ivani e tantos outros não nos mostram experiências iguais. Antes nos permitem vislumbrar um campo de possibilidades compartilhadas. Eles compartilham a possibilidade de uma vida melhor, o sonho de ter ou de terminar sua casa própria, de criar os filhos, assim como também compartilham a possibilidade de perder o emprego. As narrativas expressam a maneira como essas pessoas assimilaram ou resistiram às imposições do trabalho, sempre considerando os seus interesses. E dessa maneira podemos compreender mais intensamente as múltiplas dimensões de um social vivido e compartilhado.

O diálogo com esses trabalhadores nos mostra que a hegemonia não acontece somente no plano institucional. O hegemônico é vivido e compartilhado em um terreno comum, em que predominam interesses, assimilações, resistências. Dizendo de outro modo, a hegemonia também se apresenta como valores, aqui manifestados através do trabalho, da necessidade de sobreviver. Nesse sentido, encontramos na paralisação organizada pelos trabalhadores um sentido mais amplo e ela deve ser entendida para além das relações vividas na fábrica. Ela é importante na medida em que esses trabalhadores estão também lutando por melhores condições de vida na cidade, por saúde, por alimentação, por moradia, ou seja, por um pertencimento à cidade que os proporcione uma vida digna. É por isso que a paralisação não é somente a luta do trabalhador dentro da fábrica, ela é muito mais abrangente e de significado muito mais amplo.

A disputa pela cidade está presente também na narrativa de Lourival Soares Ribeiro, que estava à frente da paralisação e de toda a movimentação dos

[62] ADÃO, J. 31 jul 2008. Montes Claros, formato mp3, (1 h 15 min). Entrevista concedida à autora.

trabalhadores.[63] Conversamos com Lourival nas dependências do SINPRO – Sindicato dos Professores da Rede Particular de Ensino –, onde ele possui uma sala e recebe todo suporte necessário para levar adiante as suas ações. Atualmente sua vida gira em torno de suas ações como líder da paralisação e em torno do que isso lhe rendeu em termos financeiros através dos inúmeros processos que tem contra a Coteminas. Por isso mesmo a entrevista com Lourival nos mostrou uma rede de sociabilidades construídas fora do ambiente fabril. Não foi preciso uma questão inicial, ele simplesmente começou a falar.

"Tem treze anos que eu trabalho na Coteminas e... eu comecei em 96. Eu trabalhei nove anos e nunca tive uma falta, nunca tive um atestado... trabalhador exemplar, até 2006".[64] Assim como os demais entrevistados, Lourival buscou uma forma de se apresentar, de se colocar diante do entrevistador e, portanto, determinar o seu espaço na entrevista.

Diante das palavras de Lourival, podemos perceber a dimensão dessas questões em sua vida. Sua narrativa aponta para uma única direção e tem como objetivo se projetar rumo a um futuro diferente do seu passado. Em suas palavras "a oportunidade pra mim tá chegando agora, eu creio que vai dar certo". Para ele, este é o momento. Suas palavras são de quem está à frente do movimento, de quem tem uma estrutura a seu favor, por isso "a gente uniu força e trouxe gente pra ajudar a gente". O apoio do Sinpro foi fundamental, porque "sem essa estrutura nós não estaria tentando, não estaria nem onde nós estamos hoje, se tivesse mandado nós embora nós já tinha ido pra rua".[65]

A aliança com o Sindicato dos Professores e com membros do PC do B foi feita ainda em 2006 quando Lourival e alguns colegas formaram uma chapa para concorrerem às eleições sindicais. Segundo Lourival, em virtude disso, todos os membros da chapa 2 foram demitidos. A aliança com o Sinpro e PC do B aconteceu porque precisavam de "pessoas também importantes" que pudessem "dar suporte" para

---

[63] Lourival Soares Ribeiro é o líder da chapa 2. Esta chapa foi montada em 2006 com o objetivo de concorrer às eleições do Sindicato dos tecelões. Lourival alega que, logo após terem registrado a chapa 2, todos os componentes foram demitidos. Tentando reverter a situação, Lourival, em uma ação conjunta com o Sinpro e com o então vereador Lipa Xavier, recorreu à Justiça para resolver a questão. Diante disso, a Justiça determinou que os trabalhadores demitidos fossem reintegrados ao trabalho e que a eleição fosse anulada. Ainda por determinação judicial foi formada uma junta governativa que iria dirigir o Sindicato até que fossem apuradas as denúncias de irregularidade.

[64] RIBEIRO, L. S. 15 de março de 2009, Montes Claros, formato mp3, (35 min). Entrevista concedida à autora.

[65] RIBEIRO, L. S. 15 de março de 2009, Montes Claros, formato mp3, (35 min). Entrevista concedida à autora.

sua luta. “A estrutura que eu tenho, que nós temos é por causa daqui, [Sinpro]”. Uma das ações mais emblemáticas dos membros da chapa 2 foi a carta endereçada ao atual vice-presidente da República José de Alencar. Segundo Lourival, essa carta foi entregue a Alencar pela deputada Jô Moraes (PC do B). Na carta, Lourival e seus companheiros pedem que o vice-presidente intervenha junto à diretoria do grupo Coteminas para que eles fossem readmitidos. Essa carta, datada de 17 de julho de 2006, foi assinada por seis pessoas. Veja abaixo a carta.[66]

[66] Esta correspondência foi cedida por Lourival Soares Ribeiro.

Montes Claros, MG, 17 de julho de 2006.

Exmo. Sr. José de Alencar
M.D. Vice-Presidente da República

Vimos respeitosamente, trazer ao V. conhecimento, os fatos que se configuraram em uma grande injustiça praticada contra nós, um grupo de humildes trabalhadores empregados no grupo Coteminas; em Montes Claros/MG.

Temos certeza que tais fatos não chegaram ao V. conhecimento, antes da presente, apesar das nossas tentativas. Sabemos que V. Exa., homem comedido, de trajetória pública admirada e respeitador dos trabalhadores não teria permitido tal abuso; é com esta confiança que nos dirigimos a V. Exa. para que tome as devidas medidas e corrija tais erros; conforme informamos a seguir:

No dia 10 de maio de 2006, por ocasião da convocação de eleições para a mudança de direção do Sindicato dos Empregados nas Indústrias Têxteis de Montes Claros; registramos juntamente com outros colegas uma Chapa para concorrer às referidas eleições, cumprindo todas as exigências do nosso Estatuto.

Para nossa surpresa, após dois dias que efetuamos o registro da nossa Chapa, de imediato, 11 dos integrantes, foram demitidos pela empresa Coteminas; sem que nenhum fato tenha ocorrido para justificar tais demissões.

Sentindo-nos abandonados, recorremos à Justiça do Trabalho e obtivemos a nossa reintegração ao emprego.

Sabemos que a atual diretoria do Sindicato que ali está há mais de 20 anos, não quer permitir a democracia, a rotatividade na direção; como se o Sindicato fosse propriedade dos mesmos.

A referida direção, inventou fatos inverídicos contra os membros da nossa Chapa, oposição à atual diretoria, e levou a empresa a nos demitir; criando um grande constrangimento. Mesmo após a reintegração, a referida diretoria, conseguiu a anulação da sentença que garantia o registro da nossa Chapa, em ato contínuo a direção da empresa voltou a demitir seis dos 16 integrantes da referida Chapa. Por obra da interferência maliciosa de membros da atual diretoria junto à administração da Coteminas, fica comprovado que fomos demitidos por ter tentado inscrever nossa Chapa para administração do nosso sindicato; como trabalhadores estamos dentro do nosso direito.

Somos trabalhadores, honestos, pais de família e dependemos do emprego.

Acreditamos que V. Exa. compreenderá os constrangimentos pelos quais passamos e a injustiça que sofremos.

Pedimos a V. intervenção para que sejamos readmitidos e respeitados nossos direitos.

Assinamos a presente, nós trabalhadores demitidos.

Atenciosamente,

Lourival Soares Ribeiro

Fernando Santos Pereira

Valdir Oliveira Araújo

Luiz Venceslau Batista da Silva

Gilson Aparecido Pereira de Queiroz

Edcarlos Ferreira Santos

Figura 1: Correspondência enviada pelos membros da chapa 2 ao senhor José de Alencar.

A carta contém a versão dos trabalhadores sobre a causa das demissões. A forma como se posicionam diante do vice-presidente, “somos trabalhadores, honestos, pais de família e dependentes do emprego”, bem como a forma de tratamento dispensada ao mesmo, “homem comedido, de trajetória pública admirada e respeitador dos trabalhadores”, pode ser compreendida como um apelo e, ao mesmo tempo, soa como um meio astucioso para alcançarem seus objetivos. Na carta, os trabalhadores fazem questão de ressaltar que os seus direitos são assegurados pela lei e que, portanto, recorreram à Justiça do Trabalho, ao mesmo tempo em que apelam para o senso de justiça de Alencar, pois “é com esta confiança que nos dirigimos a V. Exa. para que tome as devidas medidas e corrija tais erros”.

No entanto, atitudes assim apontam também para outra direção. O ato de redigir, assinar e enviar uma carta para o vice-presidente da República solicitando sua intervenção em um caso específico revela um momento importante para os trabalhadores. Entendemos que práticas como essas são reflexos de ações políticas que priorizam os trabalhadores. Nesse caso, as mudanças no governo, com a eleição de Lula, de alguma forma, contribuiu fazendo com que os trabalhadores tivessem alguma esperança na resolução desses embates. Durante a década de 1990, os trabalhadores, de uma forma geral, não eram priorizados pelo governo, ao contrário. Lembramos aqui a greve dos petroleiros em 1995, durante o governo de Fernando Henrique, em que os líderes sindicais foram demitidos como forma de reprimir a greve e servir de exemplos para os demais trabalhadores.

Quando os trabalhadores estavam se manifestando contra o corte dos benefícios em frente à unidade Cotenor, o Presidente da República foi mencionado várias vezes como exemplo de alguém que se preocupa com o povo. “[...] É preciso dizer pra vocês que são jovens, que tão saindo aqui, há vinte e cinco anos o atual Presidente da República estava fazendo greve na sua empresa, porque não suportava mais a exploração do capital, por isso eu quero dizer, nós temos história”.[67] É emblemática a figura de um ex-metalúrgico e sindicalista ocupando o cargo máximo da nação. Mesmo com todas as dificuldades, o governo Lula priorizou as questões sociais e, com isso, os trabalhadores obtiveram ganhos significativos.

A maneira pela qual as pessoas elaboram a experiência social vivida passa diretamente pela memória. Ao narrar, elas (re)lembram e (re)interpretam uma realidade

[67] REIS, G. Discurso do presidente do Sinpro e membro da CUT, em frente à Cotenor. Montes Claros, jun. 2008. mp3, (1h 25 min).

vivida e, assim, constroem enredos sobre sua realidade de uma maneira muito particular. A entrevista com Lourival deu-lhe a possibilidade de relembrar os momentos considerados por ele como mais significativos em sua vida. Ao longo da conversa, foi possível perceber como Lourival reinterpretou e ressignificou o seu passado, tendo como base o momento presente e a possibilidade de projeção. É por isso que sua narrativa girou em torno de suas ações como "líder sindical".

As trajetórias e memórias que estamos trazendo à tona são dissidentes e alternativas. Disputam um lugar no espaço público à medida que lutam por expressividade e é com a intenção de descortinar relações sociais quase sempre encobertas por frases de efeito, que utilizamos nos relatos orais. É também por acreditar que, ao se expressarem, os sujeitos sociais são capazes de nos mostrar um horizonte repleto de novas possibilidades, em que é possível compreender melhor as várias faces de uma mesma realidade.

Inicialmente, dissemos que um dos objetivos deste capítulo era tentar compreender como os trabalhadores entrevistados se posicionaram diante da greve com suas necessidades de vida e agora como reinterpretam essas experiências, considerando que uma greve ou mesmo uma paralisação, mesmo que parcial, não faz parte do cotidiano do trabalhador. Entendemos que esse é um momento excepcional, em que os ânimos se exaltam e todos são envolvidos por um sentimento de revolta. No entanto, uma greve ou paralisação é uma situação passageira, mas não temos dúvida sobre a importância do movimento, porque em alguma medida a pressão exercida pelos trabalhadores impôs limites às ações dos patrões. E isso significou a manutenção dos benefícios para os trabalhadores. Todavia, outro fator se fez notar nos relatos. Percebemos, pelas entrevistas, haver uma associação entre a paralisação e o descaso de alguns membros da diretoria para com os trabalhadores da produção.

O diálogo com as fontes orais tem possibilitado alargar nossos conhecimentos. Na tentativa de compreender como essas pessoas encaravam esse momento de greve, foi possível entender as reflexões propostas por Thompson, quando ele ressalta que "homens e mulheres, ao se confrontar com as necessidades de sua existência, formulam seus próprios valores e criam sua cultura própria, intrínsecos ao seu modo de vida".[68] Dessa forma, diante do movimento grevista, essas pessoas

[68] THOMPSON, E. P. Folclore, Antropologia e História Social. *In*: **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**, p. 261.

elaboraram um sentido para esse momento, tendo em vista suas necessidades. Tais necessidades se configuram de diferentes formas.

É por isso que cada pessoa compreende o movimento de uma maneira diferente, sempre considerando suas experiências. Que razões as pessoas têm para participarem ou não de uma greve, ou até mesmo para discordar? Entender tal questão passa primeiro por uma compreensão do momento que vivemos. Ao conversarmos com o Senhor Humberto, ele nos falou de uma forma simples e clara sobre isso, ao mencionar o atual momento que eles estão atravessando no trabalho.

> Porque a gente depende deles (empresa), eles dependem muito mais da gente, mas eu acho que numa situação dessa hoje que a gente vive... sem emprego, muitos aí desempregado, querendo ganhar o que a gente ganha, então a gente que passa a depender deles e não eles a depender da gente.[69]

A compreensão em torno do momento atual é significativa. Os limites e pressões a que todos estamos submetidos e como isso transforma o cotidiano de um trabalhador. Uma época de "crise" global, em que prevalece uma política de contenção de gastos. Assim, Valdomiro, Jaqueline, Joanes, Vinícius, Valdirene são alguns dos que, como Humberto, não têm como ingressar em um movimento grevista, pois, como disse Valdomiro, "essas pessoas geralmente são dispensadas, não tem jeito" [70], e lá fora há pessoas que dependem delas.

Portanto, diante da greve, não se trata somente de querer ou não. Existem outros fatores a serem considerados. Ao falar conosco sobre sua trajetória na Coteminas, Laurilene Aparecida Santos, Laura como é chamada por todos, nos fala com propriedade sobre os motivos que impedem muitos trabalhadores de participarem de um movimento como esse:

> [...] é igual a gente sempre comentava, às vezes o procedimento da Coteminas com o funcionário é daquela maneira justamente por causa disso, porque as pessoas não tinham coragem de ir lá e brigar e lutar pelos seus direitos, porque, porque a gente até entende, muitos são pais de família, mães de família, só têm dali, né, tira dali o seu

[69] LEAL, H. 18 jan. 2009, Montes Claros, formato mp3, (1 h 40 min). Entrevista concedida à autora.
[70] FERREIRA, V. 30 jul. 2008. Montes Claros, formato mp3, (40 min). Entrevista concedida à autora.

> sustento, então às vezes as pessoa fica de pés e mãos atadas, porque se ela se rebela, se ela se revolta, ela vai pra rua, e lá fora têm pessoas que depende dela [...].[71]

Para essas pessoas, antes é preciso considerar se continuarão ou não trabalhando. A maioria, como disse Laura, é composta por pais e mães de família cuja necessidade de viver e a responsabilidade de alimentar os filhos devem ser consideradas primeiramente. Portanto, temos um social de tensão e de conflitos que impõe limite e exerce pressão na vida das pessoas.

Ao conversar com Valdomiro, pudemos perceber qual sentido que a greve adquiriu para ele. No decorrer de sua narrativa, o tema "greve" surge como algo nocivo às relações de trabalho e, a partir das necessidades concretas de sua vida, ele constrói um sentido para a greve. Ao perguntá-lo sobre o motivo de tanta demissão, sua resposta foi a seguinte:

> ah...é tanta coisa que eles fala, mais só que, eles fala que tava gastano muito, né, mais que o que tava fazeno num tava dano pra pagá aquela folha de funcionário, né, então é por isso que eles tentou alguns corte [...] mais só que muitos é.. na hora ali, porque eu acho assim, se a gente tiver de conversar com os patrões e tudo, eu acho que tem que ser mais dentro da empresa, aí todo mundo vai pra fora da empresa, igual muitos agora, né, greve aí. Ficaro na porta e num entraro pra trabaiá e reivindicano e tudo. [72]

Jaqueline, funcionária da unidade Lençol, ressalta que a movimentação dos trabalhadores surgiu como um período tumultuado, mas que logo foi contornado: "no início a confusão por causa de greve, essas coisa assim, mas porque eles iam cortar benefício". Quando perguntamos se muita gente havia participado da greve, a resposta dela foi a seguinte:

> participou, porque às vez também era gente que tava querendo saí também, né? Aí eles aproveitaro e participaro, mais teve muita gente, a maioria foi mandada embora, teve uns que arrependeram, voltaram, pediu... sabe, ou as vez as esposa ia lá pedia... É... que as vez a pessoa tinha ido por cabeça de outros, aí as esposa ia lá pedia... pra dá outra

[71] SANTOS, L. A. 30 jan. 2009. Montes Claros, formato mp3, (39 min). Entrevista concedida à autora.
[72] FERREIRA, V. 30 jul. 2008. Montes Claros, formato mp3, (40 min). Entrevista concedida à autora.

> chance... então, tem uns que eles deram, outros que não, eles avaliaram o caso de cada um, aí mandou bastante gente embora.[73]

Assim como Jaqueline, Laura, ex-funcionária do grupo Coteminas, refere-se à greve como sendo um momento de dificuldades e também de confusão, "mas agora com esse problema que teve aí, que tava essa confusão toda, que... eles tão, até parece querendo diminuir o valor desses prêmio". Laura segue ressaltando que:

> A questão [...] da greve dos funcionários, que era justamente por causa disso aí, que eles tava querendo cortar, igual além desse prêmio, né, que eles chamam de prêmio de assiduidade, tem as duas feira, tem o valecard, tem convênio médico, tem Unimed, tem a escola pros filhos dos funcionários, é tem o vale gás, que é o convênio com o gás, tem o transporte, tem a alimentação, mais é igual eu tô falando pra você, lá é assim, lá eles dão com uma mão.... eles dão também o material né, todo ano tem um valor x que você comprar até aquele limite que a firma te oferece ela num desconta, acho que é a única coisa também. O maior motivo dessa revolta toda dos funcionários que inventaram essa greve, eu pra mim, no meu modo de pensar, foi por isso, porque assim, se você falta um dia, você tem que dá satisfação pra empresa, se você atrasou um minuto, você tem chegar lá, você tem que se explicar, e porque a empresa não pode vir até você e explicar: ó nós vamos fazer isso... nós tamo reduzindo os gasto, nós tamo cortando isso, tamo cortando aquilo por tal motivo. Não! E lá eles tomam as decisões entre eles e simplesmente te comunica, agora se você aceita ou não, isso aí é um problema do funcionário, é tipo assim: nós estamos comunicando, agora a opinião suas não interessa.[74]

Ao narrar e formular a sua interpretação sobre o que aconteceu, Laura expressa toda a sua indignação para com a Coteminas. Ela vai além e reconhece que o social impõe limites e exerce pressões, porque um pai de família não tem condições de "ir lá e brigar e lutar pelos seus direitos", pois essa também é a sua condição, é a condição de seu esposo que também trabalha na unidade Cotenor. "Então é complicado viu... ajuda muito assim, igual meu marido trabalha lá, agora eu tô parada, meu sustento vem é de lá, o sustento dos meus filhos vem de lá, o aluguel da casa que a gente paga, mais é complicado, muito complicado mesmo, as vez a gente aguenta porque precisa,

---

[73] SOUZA, J. R. 31 jul. 2008, Montes Claros, formato mp3, (20 min). Entrevista concedida à autora.
[74] SANTOS, L. A. 30 jan. 2009. Montes Claros, formato mp3, (39 min). Entrevista concedida à autora.

porque se num precisasse."[75] Portanto, a luta acontece conforme as condições do momento, de acordo com as possibilidades de cada trabalhador. Durante a narrativa de Laura, percebemos, em alguns momentos pelo seu silêncio, em outros pelo tom de sua voz, um profundo ressentimento ao expor os limites enfrentados quando de sua gravidez. "E a hora que cê precisa? Não tem farmácia, não tem feira, não tem vale, não tem nada". Ela explica que "a feira? Porque cê não tá trabalhando, cê tá dentro de casa, cê não tá tendo condições de trabalhar, a farmácia porque geralmente cê sai do hospital com uma receita". Assim, sua narrativa aponta as muitas dimensões de um social tenso que é vivido e compartilhado, com seus limites e pressões:

> é o momento que cê mais precisa da empresa [...] e o único lugar onde cê pode recorrer é onde cê trabalha, e aí? E a hora que cê precisa? Não tem farmácia, não tem feira, não tem vale, não tem nada [...] eu acho isso um absurdo, pois era bem nesse momento que cê mais precisava".[76]

Para além dos impedimentos de cada trabalhador, existem também aqueles que não aprovam um movimento grevista. O depoimento do Senhor Márcio, que trabalhou na Coteminas durante vinte e nove anos, caminha nesse sentido. Aposentou-se há quinze anos, mas continuou trabalhando na empresa, tendo deixado o emprego em julho de 2008. Começou como técnico e se aposentou como chefe. Quando conversávamos, perguntei o que ele sabia sobre essa greve dos trabalhadores. Ele respondeu o seguinte:

> Ah..eu não sei te falar nada por que o forte foi lá na Cotenor, né? Foi na outra unidade.... na nossa teve um movimento pouco lá, mas com conversa a gente conseguiu mostrar pro pessoal que não era por alí. Eu... não sei... eu nunca fui a favor de greve nenhuma, não pelo fato de eu ser... como eles falam... chefe, né? Mas eu nunca fui a favor disso. [...] Então lá na Coteminas, o movimento... teve o movimento? Teve. Mas não foi assim de..de.. de.. como é que fala? Pra perturbar o trabalho não, teve aquele grupinho lá isolado, pouca gente...vou chutar um número aqui.. de 300, 400 pessoas tinha 10, 12 pessoas.. um número insignificante, também a maioria é pessoal que já tinha algum tipo de problema na ficha, então não é nada que perturbasse não...

[75] SANTOS, L. A. 30 jan. 2009. Montes Claros, formato mp3, (39 min). Entrevista concedida à autora.
[76] SANTOS, L. A. 30 jan. 2009. Montes Claros, formato mp3, (39 min). Entrevista concedida à autora.

> perturbar perturba, não tem jeito, que é ruim cê vê todo mundo trabalhando e aquela turma lá fora, é esquisito, né. Agora lá na Cotenor eu não participei... tinha conhecimento? Tinha. Porque tinha informações.

Diferentemente dos outros entrevistados, o Senhor Márcio discorda da greve, pois, na sua concepção, a paralisação foi feita por um "grupinho isolado [...] que já tinha algum tipo de problema na ficha", ou seja, eram pessoas que já tinham interesse em deixar o trabalho. São em situações como essa que compreendemos que a classe é um fenômeno que se faz em meio a contradições, em função daquilo que pensam as pessoas nela inseridas.

Lidar com as fontes, sejam elas orais ou escritas, requer do historiador um alerta constante. Ao conversar com os entrevistados, estamos sempre aprendendo e, no momento da entrevista, não são somente as palavras que ganham sentido. Os silêncios, os gestos, a expressão de dor ou de alegria, de ressentimento, o tom da voz nos dizem muito mais. Ao falar sobre o momento em que resolveram levar adiante a paralisação, Maria segue a mesma direção que Laura. As lembranças trazem à tona momentos que causam indignação:

> Aí nesse dia, isso foi dia 30, foi dia 28 de maio de 2008, chamou na sala e deu essa notícia. Mais antes deles chamar nós e avisar tem a tal da rádio pioneira, né, que um fica sabendo e fica espalhando e fica comentando... Não! Se acontecer isso, nós vão parar, vão parar esse trem. [...] Aí teve esse aviso de corte. Entregaram pra nós o cartão substituindo o sacolão. Aí todo mundo endoidou, falou: puta... agora nós vão pagar pra trabalhar, nós vão passar fome e virou aquele blá-blá-blá dentro da empresa [...]. Porque eu acho assim... quando... atrás de um bom funcionário, atrás de um bom tecelão tem que ter um bom técnico, atrás de um bom técnico tem que ter um bom diretor dentro da empresa. Quando não tem essas coisa, acontece o que aconteceu, porque não teve um diálogo, não teve uma conversa, cê tá entendendo? Um diretor... já pensou um diretor que chega procê e fala: não, cortou está cortado, quem manda aqui sou eu, se eu quiser fechar a porta daqui amanhã eu fecho. Infelizmente, nem dentro da sua casa você pode fazer isso hoje, e foi o que nós ouvimo. Isso aí que criou a guerra, porque se ele fosse um pouco mais inteligente, assim como um diretor deve ser, estudado e formado, ele não poderia jamais ter falado aquilo nem com um cachorro, ainda mais nós que tinha treze ano que trabalhava lá dentro, outros tinha dezessete, outros tinha vinte, outros tinha três anos, outros tinha acabado de entrar, cê tá entendendo? Mas eu acho que ele tinha que olhar assim... então ele simplesmente desvalorizou a classe nossa. Diz que a corda arrebenta

> do lado mais fraco, arrebenta mesmo, mas com certeza dá uma puxadinha... dá ao menos uma puxadinha na mais forte e foi o que aconteceu. Aí deu no que deu, só que nunca existiu greve, teve uma manifestação, e a manifestação acabou virando só confusão.[77]

Os vários depoimentos sobre a paralisação evidenciam o caráter contraditório desse momento. Ao exporem suas interpretações sobre a greve, os trabalhadores constroem um sentido que vai além da paralisação em si e deixam transparecer elementos muito mais significativos que expressam uma luta muito maior e mais ampla. É uma luta por melhores condições de vida na cidade, por um tratamento de saúde decente, por alimentação, por dignidade, por reconhecimento dentro da empresa, por moradia. Assim, as muitas opiniões emitidas sobre a greve expressam a forma como eles estão se percebendo na cidade e como estão construindo as suas possibilidades de vida.

O ato de recordar faz emergir expectativas em torno de um momento vivido, do que aconteceu e do que poderia ter acontecido. Dessa forma, Maria interpreta a movimentação dos trabalhadores: "aí aconteceu isso, aí a manifestação eles fala que foi greve. Gente, nunca foi uma coisa daquela greve. Quem fez a greve foi a empresa contra nós e não nós contra a empresa [...] Quem comprou a confusão foram eles e não nós, simplesmente nós paramo pra conversar. Nós queria uma explicação [...]". De acordo com a interpretação de Maria, toda a "confusão" poderia ter sido evitada se a empresa tivesse um "bom diretor", o que, em sua opinião, não foi o caso. "Quando não tem essas coisa, acontece o que aconteceu, porque não teve um diálogo, não teve uma conversa".[78]

Outra vez, Maria aponta para o descaso e para a indiferença dos diretores com relação aos funcionários da produção: "Ele não poderia jamais ter falado aquilo nem com um cachorro, ainda mais nós que tinha treze ano que trabalhava lá dentro, outros tinha dezessete, outros tinha vinte, outros tinha três anos, outros tinha acabado de entrar. Mas eu acho que ele tinha que olhar assim... então ele simplesmente desvalorizou a classe nossa". E foi relatando um acidente de trabalho ocorrido com um colega que Maria trouxe à tona toda a sua indignação e ressentimento. Foi possível sentir em suas palavras sua noção de pertencimento a uma classe:

---

[77] SILVA, M. S. 27 apr. 2009, Montes Claros, formato mp3, (1 h 40 min). Entrevista concedida à autora.
[78] SILVA, M. S. 27 apr. 2009, Montes Claros, formato mp3, (1 h 40 min). Entrevista concedida à autora.

> [...] E no outro dia o chefe simplesmente [...] o chefão lá que é o mesmo Márcio, falou que ficou indignado, que com ordem de quem que nós chamou o Corpo de Bombeiro. Aí eu peguei e virei pra ele, falei: olha Márcio, o dia que você tiver lá, sua mãe [que Deus me perdoa, que ela morreu um mês depois e eu falei isso com ele, mas me doeu na hora], o dia que cê tiver lá, seus filho que vem aqui dentro passear, ou sua mãe, ocê, sua mulher tiver lá, nós deixa, mas o dia que for um colega meu, eu chamo a polícia, chamo o batalhão, chamo quem for preciso, eu vou lá e reganho o portão pra entrar quem quiser vir, que nós ajuda. [...] o dia que tiver você, sua mãe, uma pessoa sua, nós deixa lá.. aí ocê resolve que que cê vai fazer, mas enquanto tiver um de nós aqui, EU principalmente.. quem chamou o Corpo de Bombeiro foi eu, entendeu, então me manda embora, porque eu chamei o Corpo de Bombeiro pra cá, que amanhã eu solto a boca no trombone, cê quer que eu faço é isso, agora se cê chama eles pra socorrer uma pessoa que nós não tem condição de fazer, eu tô fazendo uma coisa que não é da norma da empresa. Quem é da norma da empresa então? O que que é da norma da empresa? Deixar o cara morrer à míngua? Enterrar lá no fundo pra ninguém saber? Isso aí você vê o quanto você não tem valor nenhum, nenhum, nenhum dentro da empresa.[79]

A partir dessa fala, percebemos como as relações capitalistas transformam as relações entre as pessoas. E é no interior dessa relação social que os indivíduos vão se percebendo como classe, no seu próprio fazer-se. O que está em transformação são as relações entre as pessoas, nas várias dimensões da vida, e isso inclui o trabalho. Portanto, as relações capitalistas fazem emergir as classes na luta de classes. Contudo, o fazer-se da classe não está condicionado a uma consciência ideal. Como ressalta Thompson, "a classe é um fenômeno histórico que unifica uma série de acontecimentos díspares e aparentemente desconectados, tanto na matéria prima da experiência como na consciência".[80]

A experiência humana é composta de valores, de sentimentos, de perdas, de derrotas, de comportamentos. Ela é vivida e construída socialmente. Muitas vezes, como nos disse Laura, "a gente aguenta porque precisa, porque se num precisasse". As pessoas se submetem às piores condições possíveis para poder proporcionar uma melhor condição para os seus filhos. Mas há momentos em que os sujeitos sociais impõem limites e exercem pressões e, ao se referir à paralisação, Maria observa que: "diz que a

---

[79] SILVA, M. S. 27 apr. 2009, Montes Claros, formato mp3, (1 h 40 min). Entrevista concedida à autora.
[80] THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa I**, p. 9.

corda arrebenta do lado mais fraco, arrebenta mesmo, mas com certeza dá uma puxadinha... dá ao menos uma puxadinha na mais forte e foi o que aconteceu".[81]

Tudo isso ficou muito claro quando conversamos com José Adão, Humberto, Laura, Maria, Márcio, Jaqueline e muitos outros trabalhadores. Para alguns deles, o tempo não volta mais, por isso tudo é feito para os filhos. Foi como disse o Senhor Márcio, quando nos contava sobre o curso superior que nunca deu conta de fazer: "agora eu vou investir em mim pra quê? Deixa tocar pra lá agora, investir é nos meninos".[82] Mas para outros, ainda é possível sonhar para si mesmos: "[...] pretendo Direito... pretendo na área de Direito, porque tenho vocação".[83]

Fontes orais e impressas são entendidas por nós como práticas sociais desenvolvidas por sujeitos sociais, que disputam a cidade e constroem a cidade em que vivem. Percebemos, pelas entrevistas realizadas, uma rede de relações, construídas dentro e fora da fábrica, que trouxe à tona as vivências, memórias e expectativas dos trabalhadores com relação ao futuro, principalmente com relação ao trabalho. O ato de recordar e contar algo sobre sua vida possibilita ao entrevistado reformular sua interpretação dos fatos. Com isso, eles nos dizem o que é relevante ou digno de ser lembrado por eles e o que vem à tona em suas narrativas ou em seus textos é o que eles consideram relevante. Assim, ao falarem sobre si, sobre suas expectativas e sobre suas necessidades, tais pessoas têm a oportunidade de reelaborar o que foi vivido, pensado, realizado ou mesmo o que não se concretizou. Ao trabalhar com narrativas orais, estamos trabalhando com memórias e trabalhar com memórias nos coloca diante de múltiplas possibilidades, sejam elas reais ou imaginárias. Possibilidades que nos cercam e que direcionam as nossas vidas. Dessa forma, essas pessoas estão disputando uma memória, estão disputando um espaço na cidade e estão também construindo a cidade.

Portanto, como já foi dito, as trajetórias e memórias que estamos trazendo à tona são dissidentes e alternativas e disputam um lugar no espaço público à medida que lutam por expressividade. As notícias estampadas nos jornais muitas vezes nos indicam um social complexo. Entretanto, uma análise mais profunda, para além das manchetes, nos permite perceber a dimensão das relações sociais construídas em um espaço comum de disputa, de luta, de resistência e por vezes de acomodação. Assim, ao relacionarmos fontes impressas com os relatos orais é possível compreender como esses trabalhadores

---

[81] SILVA, M. S. 27 apr. 2009, Montes Claros, formato mp3, (1 h 40 min). Entrevista concedida à autora.
[82] RIBEIRO, M. R. D. R. 18 dez. 2008. Montes Claros, formato mp3, (59 min). Entrevista concedida à autora.
[83] RIBEIRO, L. S. 15 mar. 2009. Montes Claros, formato mp3, (35 min). Entrevista concedida à autora.

estão vivendo, estão reinterpretando, reelaborando suas experiências e projetando seu futuro. É com a intenção de descortinar relações sociais, quase sempre encobertas pelas frases de efeito, que utilizamos os relatos orais; também por acreditarmos que, ao se expressarem, os sujeitos sociais são capazes de nos mostrar um horizonte repleto de novas possibilidades, em que é possível compreender melhor as várias faces de uma mesma realidade.

Ao longo da pesquisa, conversamos com várias pessoas que trabalharam ou que ainda trabalham na Coteminas. Muitas não quiseram gravar entrevistas, mas não deixaram de relatar momentos significativos de suas vidas. Sobre aquelas que participaram da greve – pelo menos aquelas com as quais nós conseguimos estabelecer um diálogo – é possível dizer que estavam plenamente conscientes de suas ações.

Encontramos, por meio de amigos, um Senhor que havia trabalhado na Coteminas quando aconteceu a movimentação dos trabalhadores. Segundo relatos de outros ex-funcionários da empresa, esse Senhor participou da greve e foi demitido, arrependeu-se e insistiu para que dessem a ele uma nova chance, mas em vão. Tentamos falar com ele, agendar uma entrevista, mas o que conseguimos, por telefone, foi marcar e desmarcar várias vezes um encontro, sem êxito. Ao conversar com sua esposa, por telefone, ela chegou a dizer que o seu esposo não tinha nada que se queixar da Coteminas, que tudo que tinham conseguido na vida – a casa, o carro, a escola do filho – tudo eles deviam ao "Seu Zé Alencar, só mesmo Deus pra abençoar ele". Após sucessivas desculpas, ela nos disse que seu esposo não poderia gravar entrevista.[84]

Essa admiração pela pessoa do Senhor José Alencar, evidenciada por dona Geralda esposa do Senhor Firmino, é muito comum em Montes Claros. Há alguns anos, ouvi de um Senhor a seguinte frase: "José de Alencar é pai de quase cinco mil aqui em Montes Claros". Não conheço o Senhor que falou isso. Ouvi a conversa porque me sentei ao seu lado no ponto de ônibus. O Senhor, com muita propriedade, falava sobre Montes Claros e o desemprego, sobre as indústrias que se instalaram e sobre as que fecharam as portas, e sobre José de Alencar e a doença que o afligia. Falou ainda do bem que a Coteminas faz a Montes Claros e região, porque "bem ou mal todo mundo que trabalha lá já tem sua casa e seu carrim". Muito tempo se passou até que eu me

[84] O Sr. Firmino e a Sra. Geralda já trabalharam na Coteminas. Quando conversei com eles pela última vez em fevereiro de 2009, o Senhor Firmino estava tentando um retorno para o grupo Coteminas. Possivelmente foi isso que fez com que ele desistisse de gravar entrevista.

lembrasse novamente das palavras ditas por esse Senhor. A questão aqui seria: como esses momentos específicos podem nos ajudar a refletir sobre as memórias instituídas?

Ao abordar as problemáticas que envolvem o tema cidade, Déa Fenelon ressalta a importância de se valorizar a memória, pois esta "não está apenas na lembrança das pessoas, mas tanto quanto no resultado e nas marcas que a história deixou ao longo do tempo em seus monumentos, ruas e avenidas ou nos seus espaços de convivência ou no que resta de planos e políticas oficiais sempre justificadas como o necessário caminho do progresso e da modernidade".[85]

O "progresso" e a "modernidade" chegaram a Montes Claros através da política implementada pelo governo federal, que a partir da criação da Sudene, fundada em 1959, buscava corrigir as desigualdades regionais.[86] O primeiro projeto aprovado pela Sudene para a área mineira foi o Frigonorte, em 1964, seguido da Matsulfur em 1966, ambos em Montes Claros. Entre 1960 e 1985, foram aprovados 148 projetos para a área mineira do nordeste, entre industriais e agropecuários.[87] Portanto, a chegada da industrialização via incentivos federais reforçou o perfil de Montes Claros como principal centro urbano, uma vez que a maioria das indústrias se instalava na cidade. Em algum momento, isso redefiniu o modo de vida das pessoas da região, pois muitas foram as famílias que, em busca de melhores condições de vida, deixaram a zona rural e vieram para Montes Claros.

No entanto, por motivos vários, muitas das indústrias instaladas em Montes Claros fecharam as suas portas, deixando muitos trabalhadores desempregados. Do parque industrial, que a mídia noticiava como um dos mais promissores de Minas Gerais, restaram poucas indústrias, empregando poucos trabalhadores. As pessoas que viveram aquele período guardam na lembrança uma época de fartura, em que conseguir um trabalho era fácil e o que se ganhava, em termos financeiros, era satisfatório quando se toma como base o momento presente. Percebemos isso quando conversamos com

---

[85] FENELON, D. **Cidades.** Programa de Estudos Pós-graduados em História, p. 5-13.

[86] A SUDENE foi criada em 1959 com a finalidade de corrigir as disparidades regionais da região nordeste frente ao desenvolvimento do centro-sul. Para maiores esclarecimentos sobre a industrialização da área mineira da SUDENE ver: BRAGA. M. A. F. **Industrialização da área mineira da SUDENE.** Um estudo de caso: Montes Claros. OLIVEIRA. M. F. M. O processo de formação e desenvolvimento de Montes Claros e da Área Mineira da SUDENE. *In*: OLIVEIRA. M. F. M; RODRIGUES. L. (*et all*). **Formação Social e Econômica do Norte de Minas**. Montes Claros: Editora Unimontes, 2000. p. 13-103.

[87] OLIVEIRA, E. A. F. **Nova Cidade, Velha política**. Poder local e desenvolvimento regional na área mineira do nordeste. Maceió: Edufal, 2000. 214 p.

Valdomiro. Em um determinado momento, ele se lembra com nostalgia do tempo em que o salário "era beleza mesmo". Em seguida, diz que:

> É igual Montes Claros. Montes Claros já tem muitas fábrica tudo fechada, então as grande fábrica daqui, se tivesse pelo menos a metade das fábrica que tivesse aberta aqui, Montes Claros num tava com problema de desemprego nem nada não. Aqui era um campo bom e bem concorrido de serviço, igual essa Biodiesel mesmo, se for pra frente mesmo, quantos mil emprego vai dá? [...] ficar de olho na Biodiesel, porque aqui é concorrido demais.[88]

O depoimento acima e o relato do Senhor no ponto de ônibus são portadores de sentidos, na medida em que apontam para a instituição de uma memória que se quer hegemônica. Percebemos, por meio das conversas e das entrevistas realizadas, a forma como essas pessoas lidam com um passado e como este ainda é portador de significados como valores e referências. Valdomiro viveu aquele momento de intensas transformações, assim como provavelmente o Senhor que encontrei no ponto de ônibus. Portanto, essa memória é também parte de suas vidas.

A construção de uma memória para Montes Claros também se faz muito viva nas páginas dos jornais e revistas que circulavam em Montes Claros quando do início do processo de industrialização. A SUDENE era a personagem principal de uma trama que tinha o progresso e a modernização como objetivos finais. Em julho de 1977, o Senhor Olyntho Silveira escreve, nas páginas do jornal Diário de Montes Claros, sobre a reunião da Sudene ocorrida em Montes Claros.

> [...] Não restam dúvidas de que, para Montes Claros e região poligonal, os resultados dela [Sudene] serão positivos, dado o número de projetos de investimentos aprovados. Assim não sofrerá solução de continuidade o boom industrial aqui iniciado com a implantação do Frigonorte e da Fábrica de Cimento, que levam o nome de Montes Claros a todos os quadrantes deste nosso país continental. E se se concretizarem as promessas de implantação das rodovias 122 e 251, tudo mudará para melhor neste nosso sertão de terras férteis e céu duvidoso. [...][89]

---

[88] FERREIRA, V. 30 jul. 2008. Montes Claros, formato mp3, (40 min). Entrevista concedida à autora.

[89] SILVEIRA, O. Ressonância e dissonância da reunião da SUDENE. **Diário de Montes Claros**. Montes Claros, 2 jun. 1977. Arquivo particular do Senhor Américo Martins Filho.

O Jornal do Norte, em 27/10/1989, afirmava em suas páginas: "Sudene: a redenção do norte de minas",[90] enquanto a Revista Montes Claros em Foco, de outubro de 1981, dizia que "a Sudene retirou o norte de minas e, principalmente Montes Claros, do marasmo econômico".[91] Essa memória foi assimilada por muitos na cidade, principalmente por aquelas pessoas que viveram a intensidade do momento: instalação de indústrias, o surgimento de postos de trabalho e as mudanças ocorridas em suas vidas. Assim as memórias são instituídas, dessa forma circulam e são apropriadas, ao mesmo tempo em que são transformadas na experiência social vivida de cada sujeito. É nesse sentido que temos a memória como um campo de disputas e instrumento de poder.[92]

Entendemos que o processo de industrialização de Montes Claros aconteceu de forma precária, mas em alguma medida transformou a vida das pessoas. Isso significa que toda memória, para ser hegemônica, precisa ser experimentada, precisa ser vivida, precisa ser compartilhada. A partir desses elementos, concordamos com Richard Johnson e Graham Dawson quando ressaltam que "a memória é, por definição, um termo que chama a nossa atenção não para o passado, mas para a relação passado-presente. É porque o passado tem esta existência ativa no presente que é tão importante politicamente".[93]

O que tentamos fazer neste primeiro momento foi mostrar um pouco de como os vários sujeitos sociais interpretaram um momento importante em suas vidas, a saber, a paralisação. Contudo, para além da manifestação ocorrida dentro da fábrica, esses trabalhadores vivem e transformam as relações sociais na cidade como um todo. A greve e a manifestação são só mais um momento de uma vida que é muito mais do que podemos ver em situações como essas. Nesse sentido, descortinar os modos de vida significou ir além e tentar perceber como essas pessoas estão lidando com as transformações de uma sociedade profundamente desigual diante de suas perspectivas de vida.

Os problemas enfrentados por cada sujeito estão presentes em todos os momentos de sua vida, seja no trabalho, seja em casa. Portanto, a fábrica é mais um

---

[90] SUDENE: A redenção do Norte de Minas. **Jornal do Norte.** Montes Claros, 27 out. 1989. Caderno especial. Arquivo particular do Senhor Américo Martins Filho.

[91] MACHADO, S. G. Sudene: Qual a tua culpa? **Montes Claros em Foco**. Desenvolvimento, Belo Horizonte, 17-20, out. 1981.

[92] KHOURY, Y. A. Muitas memórias, outras histórias: Cultura e o sujeito na história. *In*: **Muitas memórias, outras histórias**. p. 116-138.

[93] JOHNSON, R; DAWSON, G. Memória Popular: Teoria, Política, Método. *In*: **Muitas memórias, outras histórias**. p. 282- 295.

momento da vida, e, neste ambiente, as relações também são intensas. Em uma época em que as relações de trabalho estão constantemente se transformando, em que novos ingredientes são apresentados: qualidade total na produção, as metas a serem atingidas, os esforços para conseguirem os prêmios, todos esses elementos fazem parte da vida dessas pessoas, fazem parte do seu presente e é com base nisso que projetam seu futuro.

E é por conta dessa condição de classe, é por conta dessa condição de desigualdade em que os trabalhadores vivem que o trabalho surge como o elemento norteador de suas vidas. E é por conta disso que os sonhos são construídos quando se tem um serviço, são vividos no trabalho – como é o caso de muitos que formaram suas famílias nas dependências da fábrica – e estão sendo construídos por casais que trabalham ou que já trabalharam juntos. É também por isso que o trabalho é portador de significados, pois é através dele que as expectativas se intensificam e que os sonhos são renovados. São para essas questões que nos voltaremos no segundo capítulo.

Capítulo II

Trabalho e trabalhadores:
cotidiano e trabalho fabril na indústria têxtil em Montes Claros

O processo de desenvolvimento de Montes Claros, bem como seu crescimento desordenado, já foi discutido em diversos trabalhos que estudaram a região do Norte de Minas e sua industrialização[94], além de ter sido debatido na imprensa local, que, por inúmeras vezes, exaltou e condenou a SUDENE. Sabemos que a inclusão do Norte de Minas na área mineira da SUDENE proporcionou a Montes Claros e região significativas transformações, alterando os modos de vida, principalmente daquele que deixou sua terra natal para ir morar na cidade. Além do aumento populacional, os diversos autores que discutem o tema enfatizam que a condição de centro urbano transformou a economia do município, o que ocasionou profundas alterações estruturais na cidade.

Sobre o crescimento populacional, os números do IBGE apontam para 85.971 habitantes na zona rural de Montes Claros em 1960, enquanto 46.531 moravam na cidade. A partir da década de 1970, a migração intensifica e a situação se inverte. Nesse período, temos 31.332 pessoas vivendo no campo e 85.154 na zona urbana. Nas décadas seguintes, 1980, 1990 e 2000 temos um gradativo aumento da população urbana e um esvaziamento da zona rural. [95] Para 2009, a estimativa do IBGE é de uma população total de 363.227 pessoas.[96]

Como vimos, os números dão conta de um crescimento demográfico acelerado, sobretudo a partir da década de 1970, período em que a indústria incentivada

---

[94] Vários trabalhos tratam da industrialização de Montes Claros. Especial destaque para: FIGUEIREDO, M. A. B. **Industrialização da área mineira da SUDENE**. Um estudo de caso: Montes Claros. OLIVEIRA, M. F. M. O processo de formação e desenvolvimento de Montes Claros e da Área Mineira da SUDENE. *In*: OLIVEIRA. M. F. M; RODRIGUES. L. (*et all*). **Formação Social e Econômica do Norte de Minas**. Montes Claros: Editora Unimontes, 2000. p. 13-103.

[95] FRANÇA, I. S. **A cidade média e suas centralidades**: o exemplo de Montes Claros no Norte de Minas Gerais. 256 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) Centro de Ciências Humanas e Artes, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.

[96] Disponível em: http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?

foi responsável por 45,63% do emprego industrial no município. De acordo com Oliveira, foi a partir desse momento que Montes Claros e região começaram a sentir os resultados positivos da política de promoção industrial, com uma taxa de efetivação de emprego de 85,1% para o ano de 1977. [97]

No entanto, o crescimento demográfico de Montes Claros foi constatado desde as primeiras décadas do século XX, quando grandes contingentes de migrantes, vindos de outras regiões de Minas e de outros Estados do Nordeste, seguindo para os estados do Centro Sul, escolhiam o município como paragem. Isso porque, já naquela época, Montes Claros era o município que dispunha de melhores recursos. Mesmo sendo uma população flutuante, a pesquisa feita por Edi Cardoso de Freitas Junior confirma o fato de que muitos permaneceram na cidade, fazendo dela a sua casa.[98]

Isso posto, queremos salientar que não temos como objetivo discutir o processo de industrialização de Montes Claros. Sabemos da importância desses estudos, contudo é igualmente necessário enxergar além desses números para tentar perceber a maneira como essas pessoas, que um dia migraram para Montes Claros em busca de oportunidades, disputaram e ainda hoje disputam lugares, reclamam direitos, realimentam costumes e como essas experiências se formam em meio a contradições e ambiguidades.

Portanto, ao falar de trabalho e trabalhadores: cotidiano e trabalho fabril na indústria têxtil em Montes Claros, nosso objetivo é adentrar nos modos de vida dos trabalhadores têxteis, no que se refere às suas trajetórias e memórias, seja dentro da fábrica ou fora dela. Com isso, a ênfase recai sobre a maneira como são construídos os espaços de sociabilidades, a construção da casa própria, a educação dos filhos, os problemas enfrentados na execução do trabalho. Questões muito vivas na fala das pessoas que entrevistamos. Dessa forma, acreditamos que assim contribuiremos para a compreensão de uma realidade vivida e compartilhada por todos.

Deixar o campo para ir morar na cidade. Essa foi uma decisão tomada por muitas famílias que moravam nas pequenas cidades e na zona rural. Uma escolha que buscava superar as precárias condições da vida no campo e realizar sonhos. Um caminho trilhado por muitos em um processo migratório que atingiu praticamente todo

---

[97] OLIVEIR, M. F. M. O processo de formação e desenvolvimento de Montes Claros e da Área Mineira da SUDENE. *In*: **Formação Social e Econômica do Norte de Minas,** p. 66-67.

[98] CARDOSO JUNIOR, E. F. **Experiência e poder na urbe em expansão:** "cultura política popular" em Montes Claros/MG entre 1930 e 1964. 205 f. Dissertaçao (Mestrado em História)-Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

o país. Mudanças como essas obrigam as pessoas a mudarem a sua maneira de viver, uma vez que na cidade se exigem hábitos e costumes diferentes, e, nesse caso, é preciso se adaptar à nova realidade.

Os fatores que influíram na vinda das pessoas para a cidade de Montes Claros foram diversos. A implantação do distrito industrial certamente teve sua importância, mas outros elementos devem ser considerados, como a possibilidade de oferecer educação para os filhos e para si mesmo, assistência médica e, sobretudo, a oportunidade de melhorar a vida. Foram para essas questões que as entrevistas realizadas apontaram. Um forte desejo de mudar de vida, de conseguir um emprego com carteira assinada. A cidade, nesse sentido, passa a ser encarada como a possibilidade de uma vida melhor.

A partir do contato com os relatos, foi possível perceber como mulheres e homens reelaboram suas experiências e interpretam suas próprias trajetórias, já que os depoimentos permitem aos entrevistados (re)pensarem sobre sua própria trajetória. Uma das principais questões que se fizeram presentes nas narrativas foram as dificuldades iniciais, o estranhamento causado pela nova realidade. Nesse momento, a ajuda dos parentes foi determinante. A maioria daqueles que chegaram a Montes Claros se fixou primeiramente na casa de parentes, primos ou irmãos que já se encontravam estabelecidos na cidade. Uma vez trabalhando e, com condições, se articulavam para a compra do lote e a construção da casa própria.

Humberto Leal veio para Montes Claros em 1988, deixando parte de sua família em Miralta, povoado localizado próximo a Montes Claros. Veio seguindo os passos de seu irmão Jenival, que, mesmo sendo mais novo, “sempre acordou mais cedo”. A presença de Jenival é marcante na narrativa de Humberto. O irmão é uma referência, pois a experiência de Jenival na cidade significa a possibilidade de vitória em meio às adversidades. Foi através do convite do irmão que Humberto se envolveu com a Igreja e com a Associação de Moradores do seu bairro.

Nossa conversa aconteceu em sua casa, no bairro Nova Morada. O que mais chamou a atenção ao conversar com o Senhor Humberto foi sua dedicação para com as questões da Igreja e da comunidade. No momento em que chegamos a sua casa, ele estava sentado no chão, com um caderno na mão, formando uma chapa para concorrer às eleições da Associação dos Moradores do seu bairro. Conversamos mais de uma hora e meia sobre o seu trabalho na Igreja e na Associação, sobre o trabalho na Coteminas, as

dificuldades, as expectativas, as frustrações, os sonhos. Perguntamos a ele como era a sua vida em Miralta, ao que ele respondeu:

> Sofrida demais, né, quem trabalha hoje na roça sabe como que é. Eu era muito ligado com os pais, a gente mais era na roça com eles trabalhando dia a dia, perdia até aula com dó de deixar ele sozinho. Então pra gente ficar lá, trabalhar e estudar, aí cê ficava indeciso, e aquele negócio da gente acostumar tanto com aquela rotina do dia a dia, cê acabava desinteressando do lado melhor que era os estudo, né que tinha que preocupar... aí o tempo foi passando... o tempo foi passando aí ... vi que não tinha como mais ficar lá... que eu tinha que procurar um meio de... recurso pra melhorar a situação da gente... aí eu peguei e vim pra cá e assim meus pais ficou lá.[99]

Essa não é uma decisão fácil. Como ressaltou Humberto, muito tempo se passou até que decidisse que "não tinha como mais ficar lá". Ao relembrar, as palavras saem carregadas de emoção. A vinda para a cidade, o contato com outras pessoas e com situações por vezes diferentes daquelas vividas no meio rural permitiram a Humberto uma reinterpretação de suas vivências, fazendo emergir novas expectativas em relação ao seu projeto de vida, fazendo emergir novos valores.

Muitas vezes quem migra está deixando para trás a família, como foi com o Senhor Humberto. "A maior parte (da família) ficou lá, só eu e mais uns três que tá trabalhando aqui hoje". Uma vez na cidade, a ajuda vem através dos parentes já estabelecidos, que trazem à tona uma rede de sociabilidades, "morava com um primo meu [...] eu fui morar com ele dentro de casa com a família dele, nisso eu morei três anos".[100] À medida que o tempo passa, o novo morador procura construir seus espaços de sociabilidades próximos a esses parentes, aos amigos ou mesmo conterrâneos.

De alguma forma, essa aproximação facilita os contatos para se conseguir trabalho, para a compra do lote, enfim, para se ajeitar na cidade. Ao relembrar os primeiros momentos na cidade, o que vem à tona são as dificuldades enfrentadas e o apoio dos familiares. "Me ajudou muito (o primo). E ele... depois que os outro menino, o irmão meu, mais dois colega meu que vinha pra cá trabalhar também, aí nós decidimos conversar com ele pra alugar o barracão do fundo".[101]

---

[99] LEAL, H. 18 jan. 2009, Montes Claros, formato mp3, (1 h 40 min). Entrevista concedida à autora.
[100] LEAL, H. 18 jan. 2009, Montes Claros, formato mp3, (1 h 40 min). Entrevista concedida à autora.
[101] LEAL, H. 18 jan. 2009, Montes Claros, formato mp3, (1 h 40 min). Entrevista concedida à autora.

Foi assim com quase todos os trabalhadores entrevistados. O emprego, na maioria das vezes, foi obtido por meio da trama de relações em que circulam informações e as boas recomendações, seja através dos familiares, vizinhos ou dos amigos.

Já dissemos, em outro momento, que cada pessoa, ao narrar, assume uma postura diferenciada, conduzindo sua narrativa de maneiras muito particulares. Isso faz com que as pessoas priorizem determinados momentos de suas vidas, aqueles considerados por eles como mais relevantes. Por isso, cada narrador organiza sua narrativa tendo como referencial uma trajetória específica para ser contada. Em grande medida, isso depende muito de como o entrevistador conduz a entrevista, do que ele quer ouvir, e, principalmente, depende também do que o narrador deseja contar.

Ao expor a intenção de entrevistar o Senhor Humberto, de certa forma, o seu depoimento foi direcionado para sua vida além da fábrica. Por isso, a conversa privilegiou as trajetórias e memórias vividas na Igreja, na Associação, o que não impediu, porém, que o Senhor Humberto expusesse a sua interpretação sobre seu trabalho, suas relações na empresa e, consequentemente, a forma como o trabalho se apresenta em sua vida.

Suas primeiras palavras revelaram um pouco da preocupação que todos têm com a educação escolar, tendo em vista a falta de oportunidade que teve com relação ao estudo. “Pra mim chegar até... quer dizer, segurar pelo menos o que eu tenho hoje eu fui obrigado a fazer pelo menos o segundo grau, concluir porque eu cheguei na quinta série e parei”. A formação escolar não concluída na infância, quando ainda morava no campo, agora é fundamental para a vida na cidade. Dessa maneira, tem a oportunidade de tentar construir um futuro diferente da sua trajetória passada. Em seguida, ele continuou relatando os muitos trabalhos por onde passou quando chegou à cidade.

> Quando eu vim da roça, em 88, parece, eu entrei na Arkel... trabalhei dois meses, mas de repente, com o passar do tempo, ela fechou, aí de lá eu passei pro Cortnorte, trabalhei lá três anos e meio, do Cortnorte entrei na Haley trabalhei nove meses. E aí, com o passar do tempo, em 90 eu fiquei desempregado um mês, não, acho que foi três ou quatro mês por que eu peguei duas parcelas do seguro e aí já entrei na Coteminas.[102]

[102] LEAL, H. 18 jan. 2009, Montes Claros, formato mp3, (1 h 40 min). Entrevista concedida à autora.

Sua narrativa apresenta um pouco do que foi a década de 1990 para as muitas pessoas que chegavam a Montes Claros. As indústrias instaladas a partir da década de 1960 via incentivos ficais do Governo Federal foram sendo sucessivamente fechadas, gerando um alto índice de desemprego.

O trabalho no Grupo Coteminas foi conseguido pelas relações de boas amizades e veio depois de muitos outros. Perguntei se havia sido difícil conseguir o trabalho e ele ressaltou que:

> Não, não, nessa época aí (1990) tava naquela... quer dizer, num era crise mais... quer dizer não é crise, mais tinha um favorecimento muito grande em relação ao emprego, que tinha o desemprego, tinha o desemprego, né, mais não chegava essa crise, mais a gente tinha oportunidade e através de amigos, de colegas a gente conseguiu encaixar muito rápido.[103]

Esse foi um período muito duro para a população brasileira. Época de inflação alta e custo de vida elevado, arrocho salarial, desemprego e reajustes diários, principalmente em produtos de primeira necessidade. A imprensa informava diariamente as dificuldades por que passavam a população. Em 12 de outubro de 1989, o Jornal do Norte noticiou que o custo de vida em Montes Claros havia aumentado 41,74%, mais que a inflação do mês anterior.[104] Os reajustes eram quase que diários em produtos como, gás, leite, gasolina, levando o trabalhador a gastar em novembro do mesmo ano cerca de "86,8% do seu salário para comer".[105] Na tentativa de minorar os graves problemas, o governo intervinha com planos econômicos, que a princípio elevavam as esperanças da população. Transformávamo-nos nos "fiscais do Sarney", com a tabela da Sunab nas mãos, denunciando todos aqueles que tentavam burlar a lei. Mas, para tristeza de todos, as políticas públicas do governo federal não obtiveram o sucesso previsto e a inflação continuou sendo, ainda por muito tempo, o pesadelo dos brasileiros.

---

[103] LEAL, H. 18 jan. 2009, Montes Claros, formato mp3, (1 h 40 min). Entrevista concedida à autora.
[104] Custo de vida aumentou mais do que a inflação em MOC: 41,74%. **Jornal do Norte.** Montes Claros, 12 out. 1989. Arquivo particular do senhor Américo Martins Filho.
[105] Trabalhador gastou 86,8% do seu salário para comer. **Jornal do Norte.** Montes Claros, 30 nov. 1989. Arquivo particular do senhor Américo Martins Filho.

Apesar disso tudo, encontrar trabalho naquele momento não era tão difícil como é hoje. Como enfatizou o senhor Humberto "tinha o desemprego, né, mais não chegava essa crise", mas, "através de amigos a gente tinha oportunidade". A relação de boas amizades é imprescindível para quem quer conseguir uma colocação no mercado de trabalho e normalmente as pessoas têm ciência disso. Foi dessa maneira que Humberto, Jaqueline, Vilson, entre outros, conseguiram trabalho. Todos eles tinham aquilo que Vera Telles denomina de "capital social". Uma trama de relações em que circulam informações e as boas recomendações.[106]

Na mesma direção, encontramos a narrativa do senhor José Adão. Seu Dedé, como é chamado pelos amigos e familiares, chegou a Montes Claros em 1980. Até a idade de trinta e seis anos, viveu na Fazenda Cabeceiras, município de Montes Claros. A vinda para a cidade foi parte de um projeto familiar:

> Antes de eu vim pra cá eu trabalhava lá mesmo, fazia tudo quanto é serviço de roça, trabalhano na roça, trabalhava com gado, [...] nós morava num terrenin nosso lá, era pequenin, mas depois num quis ficá mais lá, papai também arrumou serviço aqui, veio pra cá. Em 80, nós veio todo mundo".[107]

O emprego na Coteminas foi intermediado por um primo, "em oitenta eu, um primo meu que já trabaiava lá arrumou pra mim, quando eu cheguei lá, entrei lá em oitenta e daí três mês a Biobrás me chamou".[108] Seu Dedé aponta os motivos que o levaram a não deixar o emprego na Coteminas para ir trabalhar na Biobrás, "mais quem tinha arrumado pra mim lá, pra mim saí, bem que na Biobrás seria até melhor... num sei, né? Talvez num dava certo lá, né?".[109]

Existe aí uma lealdade que seria violada caso Seu Dedé abandonasse o emprego que o primo lhe conseguira, mesmo sendo para trabalhar em uma empresa que lhe pagasse mais. Percebe-se que as relações familiares são portadoras de valores e significados que se traduzem no modo de viver e a família é o espaço comum, é o espaço de ajuda mútua.

---

[106] TELLES, V. S. Mutações do trabalho e experiência urbana. *In*: **Tempo Social**. p. 173-195.
[107] ADÃO, J. 31 de jul. 2008, Montes Claros, formato mp3, (1h 30 min). Entrevista concedida à autora.
[108] ADÃO, J. 31 de jul. 2008, Montes Claros, formato mp3, (1h 30 min). Entrevista concedida à autora.
[109] ADÃO, J. 31 de jul. 2008, Montes Claros, formato mp3, (1h 30 min). Entrevista concedida à autora.

Nesse sentido, percebemos como os relatos orais são capazes de nos mostrar como a família e as relações com os parentes foram essenciais para se estabelecer na cidade, não somente para conseguir emprego, mas também como forma de sustentar a preferência por um trabalho que transmitisse segurança.

Ele continuou sua narrativa tentando justificar a sua escolha, "talvez num dava certo lá, né?... aí eu fiquei lá, e depois... num era muito bom não. Logo que eu entrei em oitenta, em oitenta e três eu casei, agora que num podia saí mesmo, a responsabilidade aumentou, mais foi bom, graças a Deus...".[110]

Ao construir sua narrativa, é possível perceber como Seu Dedé articula a relação presente/passado/futuro. A memória emerge com expectativas e narrativas que se entrelaçam e se confundem entre o que era, como foi e o que poderia ter sido diferente. Aqui há o peso de se trabalhar em uma empresa (Biobrás/Novo Nordisk) que hoje é uma multinacional. Seus funcionários, mesmo nos tempos de Biobrás, já gozavam de certo prestígio na cidade, pois os salários eram considerados razoáveis.

Ao ser perguntado sobre sua vida na roça, a resposta surge a partir de uma comparação:

> Lá na roça era uma vida sofrida, mas era bom demais. A gente folgava, trabalhava o dia que queria, num era mandado por ninguém, mas hoje é melhor porque lá na roça pra estudá mesmo, eu num estudei quase, num tinha como... num tive oportunidade. Então... eu mesmo quando entrei na Coteminas se eu estudo mais, né? Eu entrei na Coteminas e surgiu uma vaga lá de encarregado, técnico, chefe, encarregado, mandou uma turma e eu não fui, chegou um cara mais novo lá e ele tinha segundo grau, eu num tinha segundo grau. Eu não fiz nem o segundo grau lá na roça. Num tinha. Os pais da gente __ eles falava assim: estudá? Ele num pode estudá não porque ele já serve pra ajudá na roça, achano que trabalhar na roça era melhor que estudá.[111]

Pela narrativa, podemos perceber como expectativas e narrativas se formam na memória e se confundem entre o que era: "porque lá na roça pra estudá mesmo, eu num estudei quase, num tinha como... num tive oportunidade"; e como tudo aconteceu: "quando entrei na Coteminas [...] surgiu uma vaga lá de encarregado [...] mandou uma turma e eu não fui. Chegou um cara mais novo lá e ele tinha segundo grau, eu num tinha

[110] ADÃO, J. 31 de jul. 2008, Montes Claros, formato mp3, (1h 30 min). Entrevista concedida à autora.
[111] ADÃO, J. 14 jan. 2008, Montes Claros, formato mp3, (1h). Entrevista concedida à autora.

segundo grau".[112] O projeto de um futuro diferente do seu é transposto para os filhos: "formei meus filho no segundo grau, o que eu pude fazê eu fiz".

A leitura que Seu Dedé faz de sua própria trajetória une sua condição com as transformações sociais e com as mudanças a que grande parte dos trabalhadores está sujeita, sendo que tais mudanças estão geralmente associadas à educação formal. Essas são questões extremamente importantes para os trabalhadores, sobretudo para aqueles que vieram da zona rural e não encontraram oportunidades na cidade. As palavras de Seu Dedé expressam bem os limites impostos por um social de tensão e de conflitos.

A vida no campo era boa, porque o tempo era controlado por ele mesmo, porque "a gente folgava, trabalhava o dia que queria, num era mandado por ninguém". Aqui percebemos como as pessoas tentam se adaptar a esta nova vida e, especialmente, ao controle exercido dentro do ambiente fabril. O trabalho na fábrica requer uma série de normas a que os trabalhadores do campo não estão habituados, mas a que, portanto, são obrigados a se adaptarem. Assim, Seu Dedé por meio da comparação segue avaliando sua vida na roça e a sua vida hoje,

> hoje como a gente tem o horário de serviço... quem é empregado é obrigado e, prá nós lá, num era obrigado... nós trabalhava muito essa semana, mas na outra já não trabalhava.... essa semana trabalhava mais, esforçava... mas depois num trabalhava... ia folgar. Se tivesse uma festa no meio da semana... a gente ia.[113]

No entanto, mesmo a vida na roça sendo "boa demais", Seu Dedé faz questão de ressaltar que "hoje é melhor". Ao se confrontar com as suas necessidades de vida, o narrador percebe as vantagens que a vida na cidade oferece e isso está presente em toda a sua narrativa. A experiência foi construída no embate com outras situações e, nesse sentido, até mesmo o fato de comparar a cidade e o campo surge como parte dessa experiência. Experiência adquirida com a vida que ele construiu na cidade em situações por vezes adversas. Sobretudo nos primeiros momentos, em que as coisas eram mais difíceis do que antes, pois no bairro onde ele se estabeleceu as condições eram precárias. Faltava toda a infraestrutura básica, como rede de água e esgoto, luz elétrica, asfalto, transporte coletivo. Dizemos isso porque nos dias de hoje, ao falar sobre "as

[112] ADÃO, J. 14 jan. 2008, Montes Claros, formato mp3, (1h). Entrevista concedida à autora.
[113] ADÃO, J. 14 jan. 2008, Montes Claros, formato mp3, (1h). Entrevista concedida à autora.

terrinhas" de sua irmã é perfeitamente possível perceber em suas palavras uma vontade em voltar a viver no campo. Mas isso porque a vida no campo já não é mais como aquela que ele viveu. Em uma das vezes que o visitei em sua casa, ele estava retornando do sítio, momento em que começou a falar sobre as coisas que ele fazia lá.

> _ Seu Dedé: Ah, eu tava na roça, mais lá é bom de cansar...
> _ Valéria: É?
> _ Seu Dedé: É... assim, porque eu chego lá e vou ajudar a minha irmã trabaiá, nós fomo cercá o lugar lá pra galinha num entrá nas roça, cercar de tela, fui fazer uma coisa e outra, só eu mais minha irmã lá, é aqui pertim, fui de bicicleta.
> _ Valéria: Uá, não é onde o senhor morava não?
> _ Seu Dedé: É. Cabeceiras. Ela veio também agora, meu sobrin tava lá, eu deixei a bicicleta lá e vim de carro. Larguei a bicicleta lá, então, lá é bom, tem muita água, muita fartura, muita coisa. Água de poço, o rio passa pertim de casa, água de rio, água de poço, tem muita fartura de muita coisa, manga ubá nos pé.
> _ Valéria: E é perto daqui Seu Dedé?
> _ Seu Dedé: É perto, é nove quilometro. É aqui ó, o ônibus sai... tem ônibus toda hora, paga 2,50 de passagem. Então, o ônibus sai de manhã, trabalhador que mora em Nova Esperança e vem trabalhá aqui, ele sai seis horas de Nova Esperança prá cá e vai à tarde. Isso aí é constantemente. Dez e quinze tem. Meio dia tem. Duas horas tem. Quatro horas tem (ônibus). [...] Então meu cunhado que fica lá, minha irmã também e meu sobrin também. Tem uns quatro que tem terrinha lá, (sobrinhos) que tá lá direto, tem dois que é policial e folga direto. Tem um que trabalha na Biobrás, que também folga, antiga Biobrás, é Novo Nordisk agora, né, e uma mulher, só tem uma mulher que é vice-diretora do Benjamim. [...] Lá tem o rio perto de casa, motor lá no rio, antena parabólica dentro de casa, chuveiro quente dentro de casa, luz, água, caixa d'água por todo o canto, antigamente tinha uma lamparinazinha de querosene. [...] Tem que dá valor no quem tem, igual eu falo com minha irmã lá, o sofrimento de minha mãe, de minhas irmã mais velha. Agora tem tudo dentro de casa, irrigação lá, tem associação. Agora esse poço artesiano que tem lá é da associação. A associação abriu um poço, cambia água toda pras casa, tem um hidrometrozin, agora a conta de luz e de água vem sete reais, uma conta de água de sete reais incluindo com o que paga o cara que liga todos os dias. Sete reais de água que paga, é água à vontade. Esse motor que vai água na caixa tá isolado lá, a água já vem direto do poço artesiano pra caixa. Eles vão usano e a caixa vai encheno, nós vão usando e a caixa vai encheno, sem preocupá com nada.[114]

[114] ADÃO, J. 14 jan. 2008, Montes Claros, formato mp3, (1h). Entrevista concedida à autora.

Em suas palavras encontramos todo um processo vivido e compartilhado por ele e por muitos dos seus vizinhos, colegas de trabalho, parentes e amigos. As conquistas na cidade, que se traduzem na casa própria, em ter água e esgoto em casa, ter energia elétrica e assim poder ter uma geladeira, tomar um banho quente, ver televisão são ganhos que o seu Dedé valoriza. E que também são transpostos para a vida na roça. Talvez por isso a vontade em voltar, porque hoje a situação lá é outra, como ele mesmo disse, lá tem "antena parabólica dentro de casa, chuveiro quente dentro de casa, luz, água, caixa d'água por todo o canto, antigamente tinha uma lamparinazinha de querosene". Nesse sentido, a possibilidade de uma vida hoje na zona rural seria muito diferente daquela dos dias passados, em que ele precisava trabalhar. Hoje, mesmo não sendo um homem rico, a vida melhorou para seu Dedé e sua família. Seus filhos estão criados e trabalhando, ele mora em sua própria casa e está aposentado. Ademais, há os sobrinhos que sempre estão por perto, já estão encaminhados, pois possuem um trabalho razoável, um meio de transporte, uma casa.

Atualmente, os recursos adquiridos na zona rural fazem parte da vida de milhares de pessoas, não só em Montes Claros, mas em todo o país. O acesso do homem do campo a estruturas que anteriormente só eram possíveis nas cidades, como é o caso da energia elétrica e da água encanada hoje é realidade para muitos – lembro-me de um dia minha mãe ter me dito, "jamais imaginei que um dia eu tomaria um banho quente de chuveiro aqui em casa". Ela também é trabalhadora rural e mora na roça desde que nasceu. E mesmo para aqueles que não dispõem de um veículo próprio, o transporte é frequente. Atualmente encontramos muitas pessoas, principalmente os filhos daqueles que um dia moraram na zona rural e que, uma vez na cidade, conseguiram melhorias substanciais de vida, tentando adquirir novamente um pedaço de terra. Mesmo que não seja para voltar a morar, mas para o fim de semana ou para as férias.

Na sequência de sua narrativa, Seu Dedé aponta para as suas vivências no campo. Sua juventude é lembrada como aquele período em que ele mesmo controlava o seu tempo. Talvez seja por isso que, diante da possibilidade de se aposentar e continuar trabalhando, Seu Dedé tenha optado por deixar o serviço. Para ele, aposentado desde 2008, não há motivo para continuar no trabalho após ter se aposentado. Como ele mesmo disse "aposentei agora há pouco tempo... um ano, tem um ano. Eu aposentei e trabaiei quatro mês e saí... mais chegou, sei que eu to_, trabaiá mais pra quê, né?"[115]

[115] ADÃO, J. 31 de jul. 2008, Montes Claros, formato mp3, (1h 30 min). Entrevista concedida à autora. O caractere "_" significa que o trecho está inaudível.

Depois de vinte e oito anos trabalhando, a aposentadoria era o objetivo de Seu Dedé; com os filhos já criados, o que ele quer agora é que eles estejam todos trabalhando, porque "aí os três tano trabaiano eu vou ajudar a mulher na cozinha, pra saí mais cedo o almoço pra eles, a mulher num faz café de manhã não, só eu. Levantei de manhã cedo, a mulher fica espriguiçano na cama de treta, prá mim levantá, aí eu levanto de manhã, faço café..."[116]

Foi também a narrativa de Humberto Leal que nos possibilitou melhor entendimento sobre essas questões. Ao expor seus próprios limites, em alguma medida, ele revela sua visão de mundo. A interpretação que ele faz de sua realidade e da sociedade é extremamente significativa. Uma sociedade de interesses divergentes que exigem de cada sujeito uma luta diária para a construção de seus espaços.

Ao ser questionado sobre o início da vida na cidade, o senhor Humberto elabora uma narrativa que julgamos representativa dos limites e pressões impostos por um social de conflitos. A partir de seu relato, compreendemos as expectativas, as frustrações e os limites de um trabalhador; situações com que não estamos acostumados a lidar e que exigem de nós um esforço maior para compreendê-las, pois estamos sempre acostumados com as explicações generalizantes sobre a "inércia" de homens e mulheres deste país. A pergunta foi: "o senhor sentiu muita diferença quando veio pra cá"?

> Ah é muito diferente, né... porque em relação a custo, por que aqui hoje cê quer comer uma banana cê tem que ter o dinheiro, lá na roça não. Lá na roça cê vivia na fartura, cê queria uma banana, cê queria uma laranja, abacate, cê tinha tudo lá a tempo e a hora. Aqui não existe isso. Cê não tem o dinheiro, cê não come, cê não compra. Então é muito difícil. E, lá, cê plantava, cê colhia, cê tinha uma abóbora, cê tinha uma laranja, cê tinha uma banana, um abacate, cê tinha uma verdura, tomate, qualquer coisa... então era totalmente diferente, né? Pra gente acostumar, eu mesmo, pra mim acostumar aqui foi difícil. Apesar de que a família começou muito cedo pra mim, quer dizer eu acho que foi. Além disso, tudo muito difícil porque a gente ganha muito pouco, se cê não tem um curso superior hoje pra manter razoável os seus gastos e hoje pra você... apesar de que tem muitos aí que têm e tá pior do que a gente, né? Mas isso também depende muito da sorte e da amizade, eu falo... eu tiro por mim, por que se eu tivesse hoje, eu falo isso por mim, por que se eu tivesse hoje um estudo mais elevado hoje eu seria outra pessoa, né? Talvez pela amizade que eu tenho eu tava mais bem colocado, ganhava um pouquinho mais que aí dava pra me manter. [...] Fiz um segundo grau que hoje se torna a

[116] ADÃO, J. 31 de jul. 2008, Montes Claros, formato mp3, (1h 30 min). Entrevista concedida à autora.

> quarta série primária, né, porque, quando cê vai lá frente e cê para, cê começa aqui, vai até certa altura, chega lá cê desiste, cê para no tempo, aí que que cê é? Não é nada. [...] Eu falo mesmo, eu fico muito triste, porque eu na idade que eu tô, era pra mim tá mais bem colocado, porque mesmo dentro da empresa cê perde oportunidade por isso. [...] mas o problema é... hoje... hoje pra mim, eu tenho dificuldade justamente por isso, porque as coisa vai, vai, além de cê acomodar, as coisa vai sempre dificultando. Você olha pra um lado, cê vê uma pendência, olha pra o outro pior... então cê fica num beco sem saída, entendeu? As vez, cê tem até vontade de partir pra uma coisa, mas a hora que cê pensa: ah se eu for fazer... um exemplo, um curso. Agora mesmo tinha uns curso de automação lá, eu pensei, mas a hora que eu fui ver eu tinha que tirar do meu pagamento, do meu salário 180 reais todo mês mesmo com a bolsa que eles dão pra gente... 180 reais durante um ano e meio... aqui hoje, eu te falo mesmo não tenho vergonha não, se eu tirar hoje 30 reais do meu pagamento a diferença é grande, eu não consigo recuperar ele mais, entendeu? Como é que eu faço uma coisa dessa? Hoje eu penso de tirar uma carteira que até hoje eu não tenho, né... de motorista, entrar numa autoescola pra mim tentar pelo menos isso, a hora que eu penso que eu vou fazer os planos vai tudo por água a baixo, por que não dá certo entendeu? E por aí vai... não é fácil não. Então... hoje.. quem tá só hoje, quem tá só hoje, quem tá só... às vez tá tranqüilo que não tem ninguém... quer dizer, não tem nem um pinto pra dar água como se diz, que quer, que pensa em fazer alguma coisa... começa cedo e vai em frente. Se você desistir, se você tiver qualquer diferençazinha no meio do caminho... qualquer contratempo, aí agora a água vai pro brejo mesmo. Isso tudo é muito difícil. As vez a gente não tem oportunidade... se a gente tivesse oportunidade, as vez... as vez... O mundo hoje só visa mais a classe média, a gente... a pessoa mais fraca hoje ele não tem tanta oportunidade pra ter as coisa não. As vez pinta aí... igual agora mesmo esse negócio de candidato... Ruy Muniz mesmo com esse tanto de faculdade... as vez ele pode até facilitar procê em alguma coisa, mas depois do tempo de política, depois o negócio arrocha, cê já tá lá dentro o que que cê vai fazer? Desistir... cê não tem como seguir. Então é desse jeito, e as vez os filho de papai como se fala, como se diz, né... vai em frente, né, as vez nem vai pra estudar, vai mais pra vadiar, mas tá ali e tem o seu... quem banca tudo ali vai embora. As vez a gente fica pra trás justamente por isso.[117]

Pode-se dizer que esse é o terreno comum compartilhado por essas pessoas. O estranhamento inicial em relação à vida na cidade refere-se, principalmente, às questões financeiras: na cidade se "cê não tem o dinheiro, cê não come, cê não compra", para, em seguida, esbarrar-se nos impedimentos relacionados à falta de estudo, aos compromissos adquiridos com a família, ao baixo salário e aos obstáculos decorrentes disso. Tais limites estão presentes na vida das pessoas e perpassam os depoimentos de todos os entrevistados.

[117] LEAL, H. 18 jan. 2009, Montes Claros, formato mp3, (1 h 40 min). Entrevista concedida à autora.

A identificação com os enfrentamentos próprias de sua classe está presente em sua narrativa: “o mundo hoje só visa mais a classe média, a gente... a pessoa mais fraca hoje ele não tem tanta oportunidade pra ter as coisa não”. Podemos dizer que, em maior ou menor intensidade, é uma situação que todos compartilharam e compartilham. No momento de sua fala é que se percebe o quanto a narrativa é elaborada em função do momento em que ele está vivendo, sobretudo quando se trata das frustrações, dos sonhos não realizados, da falência de oportunidades, dos seus limites reais: “Aqui hoje, eu te falo mesmo, não tenho vergonha não, se eu tirar hoje 30 reais do meu pagamento a diferença é grande, eu não consigo recuperar ele mais, entendeu?”

Igualmente interessante é perceber como, ao falar sobre os seus impedimentos, ele consegue nos mostrar uma dinâmica de transformação social. Ao destacar “fiz um segundo grau que hoje se torna a quarta série primária”, Humberto está percebendo essas mudanças. Viver hoje com um segundo grau não é o mesmo que viver há vinte ou trinta anos. As exigências do mercado de trabalho são outras e, nesse mundo que se apresenta à sua porta, as relações de amizades são cruciais. Por isso mesmo ele se ressente com sua atual situação. Por conta de suas amizades poderia estar em uma situação mais favorável, caso tivesse tido a oportunidade de se dedicar mais aos estudos, “talvez pela amizade que eu tenho, eu tava mais bem colocado”.

Talvez seja por isso que a dedicação à Igreja e à Associação de Moradores seja tão intensa. Essas instituições não negam oportunidades, ao contrário, de certa forma, acolhe a todos. Dessa forma, as agruras da vida são compensadas pela dedicação e pelo reconhecimento de todos diante de um trabalho realizado em prol de seus pares. Quando nos falava de sua atividade no bairro, ressaltou orgulhoso que “eu trabalho na comunidade, muitos me admira, né, devido o trabalho meu”. Isso faz com que se sinta parte da cidade em que vive.

A forma como expõe a sua trajetória, a partir de expectativas aparentemente comuns, como não poder fazer um curso técnico ou tirar a carteira de habilitação, remete a algumas reflexões a que não estamos acostumados, muito em virtude de nossas preocupações com as grandes explicações. É verdade que as pressões econômicas frequentemente influenciam as decisões, mas o fator econômico não pode ser considerado como determinante. Ele fixa limites e exerce pressões, mas não determina as escolhas de homens e mulheres. Assim, os valores relacionados ao econômico são insuficientes para abranger os vários sentidos da vida. Essas escolhas se processam tendo como referência a experiência vivida de cada um e essa experiência, como nos

lembra Thompson, pode abrir seu caminho tanto por formas culturais quanto por econômicas.[118]

As redes sociais construídas na vida urbana, como é o caso dos bairros, das associações, da igreja, são muito importantes na vida das pessoas, sejam elas migrantes ou não. Mas essas sociabilidades não estão presentes somente no bairro ou na igreja. No ambiente de trabalho, encontramos situações que expressam uma boa relação entre os colegas de trabalho, que vão desde uma simples ajuda com as máquinas, onde "o colega ao lado te ajuda", até situações extremas, como a relatada por Maria:

> E lá é assim também, cê tem todos os benefício belezinha, se ocê amanhã caiu doente, perna pra cima, que é o que aconteceu com muitos colega nosso... isso que eu acho injusto, antigamente não tinha. Quando eu entrei não tinha, cê adoecia, cê tinha direito ao vale, cê tinha direito à feira do mesmo jeito. Eu saí do salário maternidade, eu tinha direito à feira e tinha direito ao vale, entendeu? Que eu acho que é a hora que você precisa daquilo ali é a hora que você não tá aguentando trabalhar. Simplesmente eles inverteram a coisa, se você pegasse um dia de atestado, você perdia a feira do mês, apesar de que a feira era paga, lá nem um AAS é de graça, cê paga até a água que cê dá descarga no vaso. Teve um fato mesmo que nós chegamo lá na matriz um dia, uma moto atropelou um colega nosso de bicicleta, que se o cara viesse mais veloz uns 10 quilômetro, qualquer coisa ele tinha jogado ele pro lado de dentro da grade do portão. Isso aí chama o quê? Acidente de trabalho. Que ele tava na porta da empresa, acabando de chegar. Aí nós chamamo o corpo de bombeiro, nós, porque a chefia lá não tava nem aí. Chamamo, socorremo o cara e tudo. No outro dia, vale armazém cortado, tudo cortado, não podia comprar nada na farmácia. O cara casado, três filho pequeno, a empresa simplesmente deixou o cara de lado sabe. O cara da moto não sei o que aconteceu não deu o mínimo detalhe, entendeu? O coitado ficou parece que uns oito dia na fila da Santa Casa, esperando uma vaga pelo SUS pra fazer uma cirurgia no pé, que quebrou muito o tornozelo. E umas duas semanas depois nós ficou sabendo que ele não tinha dinheiro nem pra comprar os remédio, e sempre quando cê trabalha assim cê faz muita amizade, cê vê que tem pessoas boas. Nós juntamo lá dentro, juntamo uns trezentos reais, cada um dava, um dava cinco, outro dava dez, um dava um real, outro dava dois e, juntamo lá um dinheirim e fomo e mandamo pra ele uns trezentos reais pra ele comprar os remédio. Depois juntamo um cado de feira lá, mandamo pra ele, porque cortou a feira, cortou tudo. O INSS cê sabe, né, até que legaliza aqueles papel que manda pra perícia, que manda e volta, e vai e volta, e aquele jogo de empurra o cara já morreu de fome e os filho. Aí nós juntamo, fizemo a verdadeira vaquinha duas vez e mandamo pra ele. Então é isso aí que deixava a gente indignado, cê tá entendendo?[119]

---

[118] THOMPSON, E. P. Folclore, Antropologia e História Social. *In*: **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. p. 260.

[119] SILVA, M. S. 27 apr. 2009, Montes Claros, formato mp3, (1 h 40 min). Entrevista concedida à autora.

É interessante a maneira como Maria relata os fatos, sempre se valendo da comparação “quando eu entrei [...] cê adoecia, cê tinha direito”, agora “eles [...] inverteram as coisa”. Novamente, ela lança mão do recurso da lançadeira, indo e voltando no tempo, buscando elementos que fundamentem a sua fala.

São em momentos como esses que percebemos como o sentimento de pertencimento de classe é forte e se faz diariamente nas relações vividas. É porque são colegas, porque trabalham um ao lado do outro, porque têm as mesmas necessidades, porque partilham as mesmas dificuldades, ou seja, porque vivem as mesmas condições de desigualdade que todos estão prontos a ajudar. E é dessa noção de identidade de classe que surge uma necessidade de assumir uma postura de colaboração e camaradagem com relação aos seus pares. Por isso, “cada um dava, um dava cinco, outro dava dez, um dava um real, outro dava dois e, juntamo lá um dinheirim e fomo e mandamo pra ele uns trezentos reais pra ele comprar os remédio”.

O fato relatado é o acidente de trabalho sofrido por um colega que não encontrou apoio na empresa, uma vez que esta corta os benefícios quando o “colaborador” não está exercendo suas funções. O ressentimento de Maria ao falar sobre isso é muito grande. Assim como o é em outro momento, também se referindo a outro acidente de trabalho, em que um funcionário tem um braço tragado por uma máquina dentro da empresa, caso já relatado anteriormente. Ao falar sobre isso, conclui que: “você não tem valor nenhum, nenhum, nenhum dentro da empresa”. O sentimento de pertencimento de classe se faz nos enfrentamentos diários, na convivência com o colega, quando este precisa de ajuda. No entanto, sua narrativa aponta para outras coisas. Mesmo falando sobre seu ambiente de trabalho, sobre seus embates diários, Maria consegue nos apresentar como eles percebem essa cidade que ela e seus colegas estão partilhando e disputando.

Uma cidade carente em infraestrutura, sobretudo com relação à assistência médica, em que o trabalhador se vê obrigado a ficar aguardando, por dias, uma vaga no Sistema Único de Saúde (SUS), muitas vezes para realizar procedimentos cirúrgicos urgentes. O Instituto Nacional de Seguridade Social, o INSS, também é outro procedimento burocrático, já que para que um trabalhador seja afastado por mais de quinze dias é preciso que ele solicite a este órgão do governo um pedido de auxílio. Neste caso, os procedimentos também são demorados. Como enfatizou Maria, “até que legaliza aqueles papel que manda pra perícia, que manda e volta, [...] o cara já morreu de fome”.

Nesse mesmo sentido seguiu a narrativa de Laurilene Aparecida, Laura como é chamada por todos. Assim como Maria, Laura também estava revoltada com a empresa onde trabalhou por cinco anos, porque a "hora que cê mais precisa, num tem farmácia, num tem feira, num tem vale, num tem nada, e aí, minha filha, só depois que cê volta, então eu acho isso um absurdo"! Como já foi dito em outro momento, a revolta de Laura é porque ela teve que se afastar para dar à luz e nesse período de afastamento o funcionário tem os benefícios cortados porque não está exercendo suas atividades dentro da empresa. É nesse ponto que se concentra toda a revolta, tanto de Maria quanto de Laura. A narrativa de Laura também traz um histórico de informações que remetem à historicidade dessa luta empreendida pelos tecelões do grupo Coteminas. Laura ressaltou que:

> eles tava querendo cortar, igual além desse prêmio, né, que eles chamam de prêmio de assiduidade, tem as duas feira, tem o vale card, tem convênio médico, tem Unimed, tem a escola pros filhos dos funcionários, tem o vale gás, que é o convênio com o gás, tem o transporte, tem a alimentação, mais é igual eu tô falando pra você, lá é assim, lá eles dão com uma mão.... eles dão também o material né, todo ano tem um valor x que você comprar até aquele limite que a firma te oferece ela num desconta, acho que é a única coisa também. (Por isso) tava tendo essa greve justamente por causa disso, e porque eles começaram a cortar, a princípio disse que ia cortar as feiras, né, as duas feiras, chegaram até a dar um cartão de crédito no valor de setenta reais, um valor estipulado de setenta reais, que era pra substituir essas duas feiras, só que aí, como houve essa revolta toda e o pessoal não aceitou, porque com certeza aquele valor do cartão fica congelado né, e se nesse meio tempo as coisa aumentar, que volta e meia as coisa tá tendo aumento, né, muito pai de família tem quatro, cinco filhos, né, num ia dá, então foi por isso mais que começou essas manifestação, e também como eu te falei a respeito do negócio do prêmio, [...] eu já tive oportunidade de trabalhar lá com colegas de setor, que tinha trinta anos de Coteminas, nunca tiveram uma falta sequer, nunca colocaram um atestado, nunca tiveram um atraso, então pra essas pessoas era desvantagem muito grande, né, eles lógico que num ia concordar com isso, e aí me parece que valeu a pena porque eles mudaram de ideia, né, não cortaram mais nenhum benefício. [120]

É significativo notar que a luta empreendida pelos trabalhadores têxteis é muito mais abrangente, já que as narrativas que nos falam sobre a greve ou paralisação referem-se a momentos anteriores, e não se encerram com a greve. A luta não é restrita

[120] SANTOS, L. A. 30 jan. 2009. Montes Claros, formato mp3, (39 min). Entrevista concedida à autora.

ao ambiente de trabalho, não é somente a luta do trabalhador dentro da empresa, mas significa o tratamento médico, significa a alimentação, a educação para os filhos, os medicamentos em caso de enfermidades, os itens básicos para a manutenção da casa, o transporte. Ou seja, esses trabalhadores se reconhecem na cidade e estão lutando por um pertencimento a esta cidade. Estão buscando melhores condições de vida e principalmente buscam garantir essa condição.

Portanto, a Montes Claros que os trabalhadores estão partilhando e disputando é uma cidade carente de serviços básicos, em que o trabalhador sempre teve de gastar mais da metade de seu salário com alimentação, já que em 30 de novembro de 1989 a imprensa noticiava o percentual de 86,8% do salário, para gastos com alimentação.[121] É uma cidade com problemas na coleta do lixo[122]; com transporte público caro e ineficiente; com carência no abastecimento de água; com uma das contas de energia elétrica mais cara do país. Mas foi nesta Montes Claros que um dia essas pessoas puderam planejar suas vidas e buscar melhorias concretas, assim como fazer acontecer o sonho da casa própria, outro elemento muito significativo que perpassa a fala dos entrevistados e para o qual nós pretendemos nos voltar agora.

A partir do momento em que Montes Claros despontou como centro urbano da região do Norte de Minas, tornando-se ponto de paragem para inúmeros viajantes, verificou-se um significativo crescimento em sua população, fato conhecido desde as primeiras décadas do século XX. Com o passar dos dias e com a efetivação da cidade como principal centro urbano da região, muitas foram as pessoas que a viam como um lugar propício para melhorar a vida. Outros, no entanto, aqui permaneceram por falta de opção em outros locais, ou por não terem como chegar aos grandes centros. Fato é que Montes Claros cresceu, contudo os seus administradores não conseguiram resolver os seus problemas mais urgentes, dentre os quais a habitação.

A chegada de pessoas vindas principalmente dos pequenos municípios da região e zona rural contribuiu para que, em apenas duas décadas, entre 1960 e 1980, Montes Claros tivesse sua população quintuplicada.[123] Isso gerou um grave problema habitacional não solucionado pela Administração Pública. Muitas foram as notícias

---

[121] Trabalhador gastou 86,8% do seu salário para comer. **Jornal do Norte**. Montes Claros, 30 nov. 1989. Arquivo particular do senhor Américo Martins Filho.

[122] Prefeitura promete solucionar os problemas da coleta de lixo. **Jornal do Norte**. Montes Claros, 09 nov. 1989. Arquivo particular do senhor Américo Martins Filho.

[123] Esse número foi obtido em: VELOSO, C. M. S. **Outros modos de viver**: pobreza urbana em Montes Claros 1960 a 1980. 189 f. Dissertação (Mestrado em História) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

veiculadas nos jornais que informavam sobre esse problema. As medidas anunciadas pela Prefeitura Municipal também estampavam as páginas dos jornais. Encontramos no *Diário de Montes Claros*, em 12 de abril de 1977, uma notícia informando que "casas populares serão sorteadas". Porém, tais casas eram destinadas a famílias com renda mensal comprovada, sendo financiada, naquela época, pela Aspemg – Cooperativa habitacional de Montes Claros.[124] Dessa forma, o trabalhador recém-chegado, muitas vezes sem emprego, não tinha como pleitear esse imóvel.

As casas populares financiadas pelo Banco Nacional de Habitação ou pela Administração Pública nunca foram suficientes para suprir as necessidades da população. Mesmo os conjuntos habitacionais construídos especificamente para a população de baixa renda, sem as exigências habituais de apresentar comprovante de renda, não conseguiram minorar o problema.[125]

Contudo, quando se tratava de atender as classes economicamente guarnecidas, esse problema logo encontrou solução. Não obstante, os empresários locais se uniram com a "finalidade de construir, incorporar, financiar e proporcionar excelentes moradias ao povo de Montes Claros e àqueles que vierem morar conosco", sendo que para isso "foi inaugurada na cidade a Colonial Empreendimentos Imobiliários Ltda". Dessa forma, a "Colonial surge para preencher uma das maiores lacunas da cidade, que é o setor de construções particulares para atender ao crescimento populacional de Montes Claros".[126] Também na década de 1970, o poder público municipal, através dos órgãos responsáveis, implantou na cidade quatro núcleos habitacionais, dos quais três deles foram destinados à classe média da cidade.[127]

Certo é que muitas das famílias que chegavam a Montes Claros nesse período, como foi o caso de Joana Isabel, Márcio, Joanes e muitos outros não dispunham de valores para comprar ou mesmo alugar um "apartamento de 2 e 4 quartos, com armários embutidos, interfones, áreas verdes e ajardinadas, *play-ground*,

---

[124] Casas populares serão sorteadas. **Diário de Montes Claros**. Montes Claros, 12 abr. 1977. Arquivo particular do senhor Américo Martins Filho.

[125] Maria Cândida Santos Veloso ressalta que planos de desenvolvimento e expansão foram criados para regular a ocupação do espaço público de Montes Claros; contudo, devido aos interesses particulares, tais medidas não se efetivaram. VELOSO, C. M. S. **Outros modos de viver**: pobreza urbana em Montes Claros 1960 a 1980. 189 f. Dissertação (Mestrado em História) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

[126] Colonial surge para construir. **Diário de Montes Claros.** Montes Claros, 01 jan. 1974. Arquivo particular do senhor Américo Martins Filho. A colonial Empreendimentos Imobiliários era comandada pelos Srs. Mário Ribeiro da Silveira, Geraldo David Alcântara e Francisco Veloso.

[127] VELOSO, C. M. S. **Outros modos de viver**: pobreza urbana em Montes Claros 1960 a 1980, p. 110.

garagens".[128] Nesse sentido, ao recém-chegado, sozinho ou com a família, restaram poucas opções. Procurando fugir dos alugueis, os novos moradores foram buscando e produzindo novos bairros, mais distantes e com condições precárias, exigindo da administração pública medidas no sentido de dotar de alguma infraestrutura esses novos espaços.

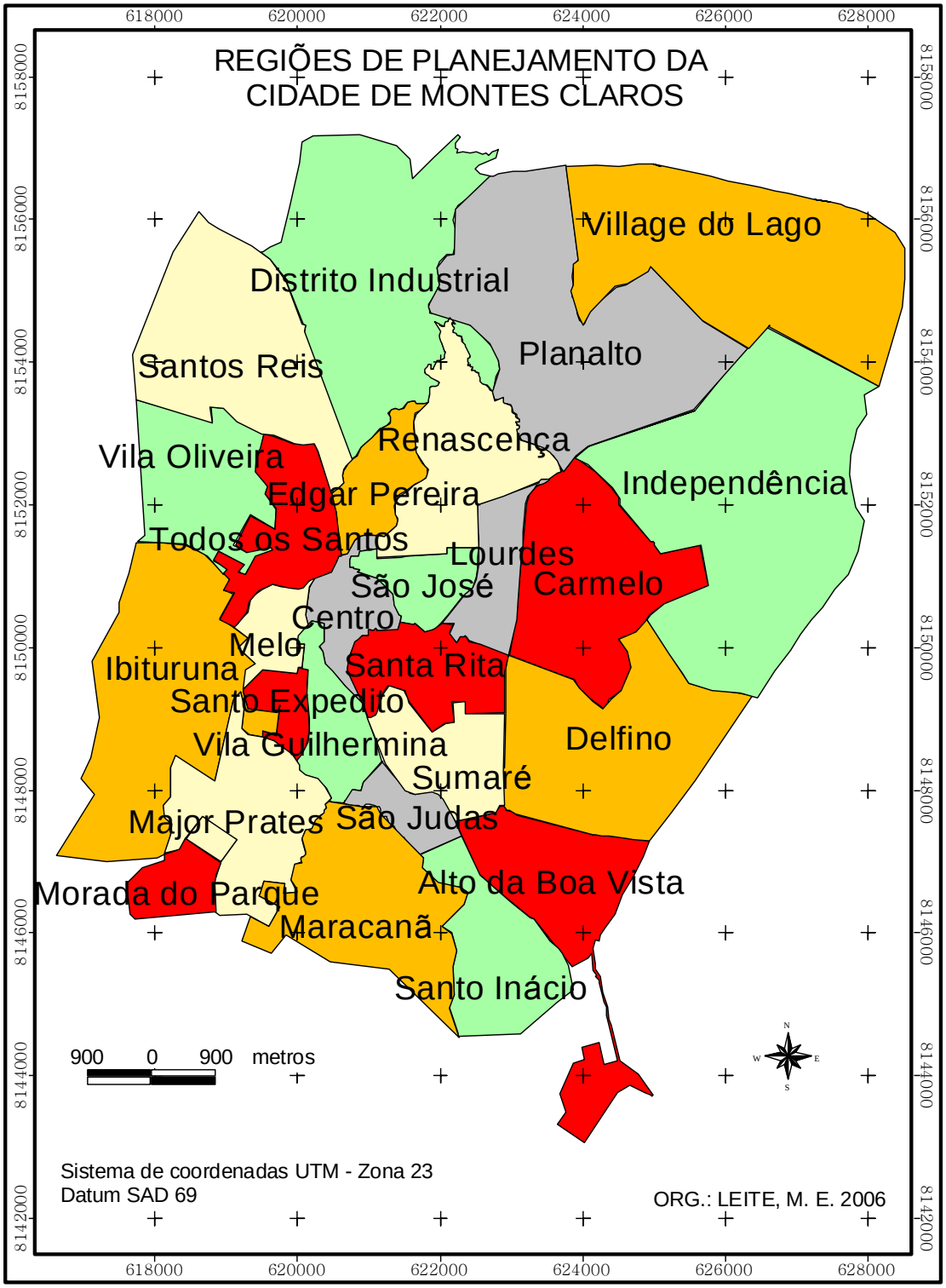
Portanto, nossa preocupação neste capítulo caminha no sentido de tentar investigar a maneira como esses sujeitos sociais se apropriaram ou criaram condições de vida nesses novos espaços, como foram dominados ou como se rebelaram.

Os espaços mais procurados eram aqueles mais distantes da área central. Assim, surgiam como regiões onde os lotes eram mais acessíveis às populações de baixa renda a parte norte ou região do grande Santos Reis, a região do grande Renascença e também a parte sul que é a região do grande Major Prates, do grande Maracanã. Abaixo trazemos um mapa contendo as regiões de planejamento de Montes Claros.[129]

---

[128] Colonial surge para construir. **Diário de Montes Claros.** Montes Claros, 01 jan. 1974. Arquivo particular do senhor Américo Martins Filho.

[129] Este mapa foi gentilmente cedido pela professora Anete Marília Pereira. É um mapa atual de Montes Claros e, por isso, alguns bairros não existiam durante os anos de 1970 e 1980. A denominação das grandes regiões é atual.



Mapa 3: Regiões de planejamento de Montes Claros.

Foi para o bairro Santos Reis que seguiu Joana Isabel Ferreira, seus cinco irmãos, juntamente com os pais, em 1977, quando chegaram a Montes Claros. Estabeleceram-se no bairro Santos Reis e aos poucos foram se ajeitando. A vinda para a cidade foi parte de um projeto familiar. Joana Isabel ressalta que "na roça naquela época, tava muito difícil, e a gente queria estudar. Aí papai resolveu vir. Só que nessa época também foi quase mais difícil ainda que na roça".[130]

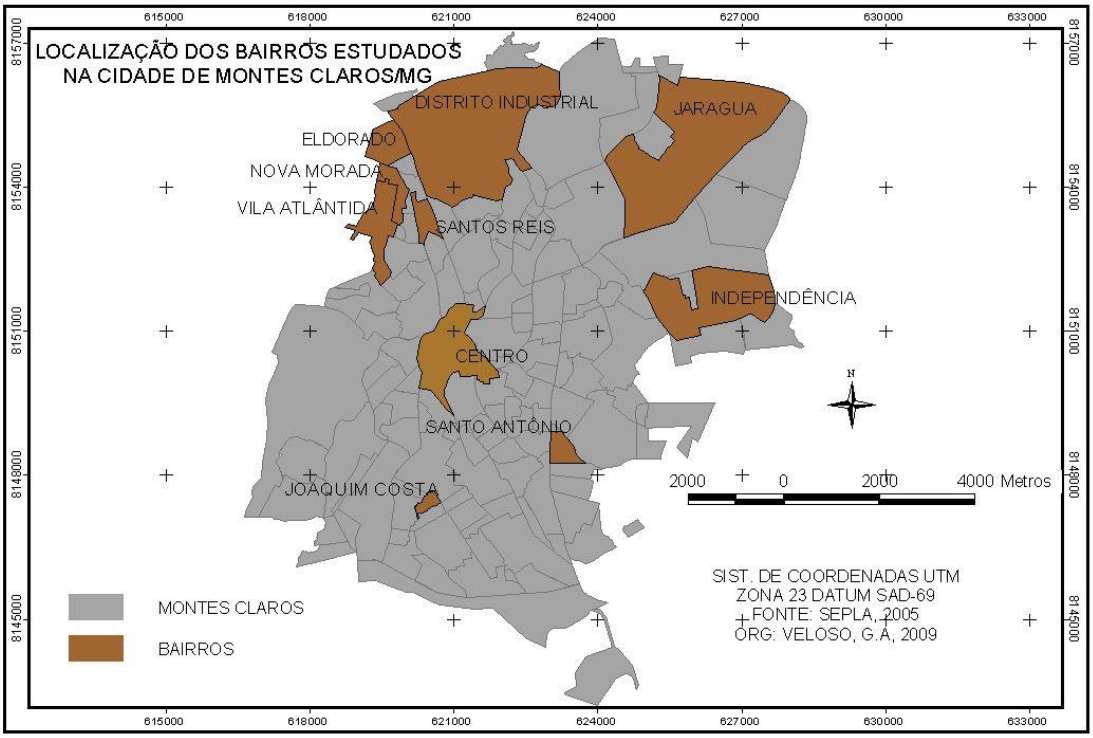
Aos poucos as coisas foram se encaminhando para Isabel e sua família. O trabalho veio e também um namorado, que conheceu nas dependências da fábrica, com quem ela se casou em 1980, momento em que se viu obrigada a deixar o emprego, porque naquele período a empresa não admitia mulheres casadas em seu quadro de funcionários. As irmãs que podiam já trabalhavam para ajudar em casa. Do Santos Reis a família se mudou para a Vila Atlântida, um bairro próximo, onde hoje mora praticamente toda a família. De uma família de sete filhos, Joana Isabel não foi a única a trabalhar no grupo Coteminas. Dezessete anos mais tarde, João Batista, seu irmão mais novo, também ingressou para o quadro de funcionários dessa empresa. João é uma dessas pessoas muito ativas, está sempre em busca de algo melhor para si e sua família. Conversamos com ele em sua casa, também no bairro Vila Atlântida. Questionei-o sobre como foi para conseguir a casa, ao que ele respondeu:

> É... antes, assim eu não tinha nada, né, era dependente dos pais, o que eu fazia assim trabalhando como ajudante na oficina não dava pra nada. Era só mesmo pra custear alguma coisa, né, não tinha condição de ter algum bem, nenhum. Então os bens que eu adquiri, assim foi durante o período que eu trabalhei na indústria mesmo. Eu tive essa oportunidade, fazendo economia bastante, mesmo, ralando bastante, fazendo bastante hora extra. [...] Então nessa época, um ano e meio que eu tava lá tinha comprado meu próprio veículo né, minha moto. Mais uns três anos que eu tava, consegui comprar meu lote, eu comecei a construir nele, depois eu mudei de ideia e achei outro negócio melhor, vendi lá e comprei a outra casa que eu tinha. A segunda que eu tive. A outra lá era menor né, o lote era maior, porém a casa era menor. Aí a família cresceu, né, minha filha foi crescendo e eu vi que tava precisando de uma casa maior.[131]

---

[130] FERREIRA, J. I. 03 ago. 2008, Montes Claros, formato mp3, (20 min). Entrevista concedida à autora.
[131] SILVA, J. B. F. 10 jan. 2009, Montes Claros, formato mp3, (25 min). Entrevista concedida à autora.

É dessa forma que João busca um espaço na cidade. É assim que ele vai se fazendo e refazendo nessa cidade e construindo o seu espaço. Na lógica dele e de todos os outros, o trabalho e as horas extras e toda aquela exploração que eles sabem estar sendo submetidos são revertidos em benefício seu e de sua família, por isso a compra de uma casa maior. Abaixo trazemos um mapa de Montes Claros com alguns bairros, principalmente da região norte, em relação ao centro da cidade.[132]



Mapa 4: Montes Claros e a localização de alguns bairros em relação ao centro.

Seguindo esse caminho está a narrativa de Humberto Leal. Quando perguntado sobre a construção da casa ele respondeu:

> assim que eu casei, paguei aluguel mais uns dois meses, depois eu construí esse barracãozinho [...] até quando eu entrei era igual uma casa de João de barro como se diz, né, só tinha uma porta, não tinha janela nem nada, tudo fechado. Porque não tive como viver de aluguel e arrumar a casa antes do casamento. [...] Esse barracão eu vendi ele, eu vendi aí eu comprei esse meio lote. [...] Foi um sufoco muito

[132] Este mapa foi desenvolvido em 2009 especialmente para este trabalho.

> grande pra mim chegar onde que eu tô hoje, né, hoje eu tô no céu. Então daí pra cá as coisas foram mudando, foi melhorando em ambas as partes, e aí eu tô na luta até hoje.[133]

Assim como João, Humberto também busca e constrói seu espaço na cidade. Comprando, vendendo, comprando outra vez e construindo algo melhor para si e sua família. Assim também fez Maria dos Santos Silva, que começou sua vida em Montes Claros morando com os parentes, alguns primos que já moravam no bairro Vargem Grande, região do grande Maracanã. Da casa dos primos saiu para morar de aluguel e sozinha. A independência habitacional chegou quando no ano de 2000 comprou uma casa financiada pela Caixa Econômica Federal, no conjunto habitacional Joaquim Costa, "eu comprei essa casinha, ralando lá e comprei aqui". Avaliando sua trajetória profissional, Maria conclui que:

> foi bom, hoje eu tenho uma casa, tenho um carrim, tenho uma motinha, sabe... eu agradeço assim, não a Coteminas porque eu trabalhei justamente, entendeu. Eu fui trabalhar honestamente todo santo dia, então graças a meu trabalho, lógico. Ou lá ou em qualquer outro lugar que eu tivesse trabalhado com certeza eu tinha valorizado.[134]

É significativo notar que ao falar sobre tudo que conquistou Maria simplesmente tira da empresa essa força que os demais lhe deram. Assim, de certa forma, transfere para si, para o seu trabalho que foi "ralado, suado", como ela enfatiza, a conquista de seus bens. Tudo foi "graças a meu trabalho"'.

Muitas foram as formas encontradas pelas pessoas para se ajeitarem na cidade, principalmente, no que diz respeito à casa própria. Aqueles que, como Humberto e João, não tiveram como comprar, vender ou mesmo trocar imóveis, se viram obrigados a outras medidas, visto que ao fim de cada mês o dinheiro era insuficiente até mesmo para a alimentação. Nesse caso, o que fazer com o aluguel? Buscando um pedaço de chão onde pudessem construir sua casinha foi que muitas pessoas ocuparam áreas públicas em Montes Claros. O senhor Humberto Leal,

---

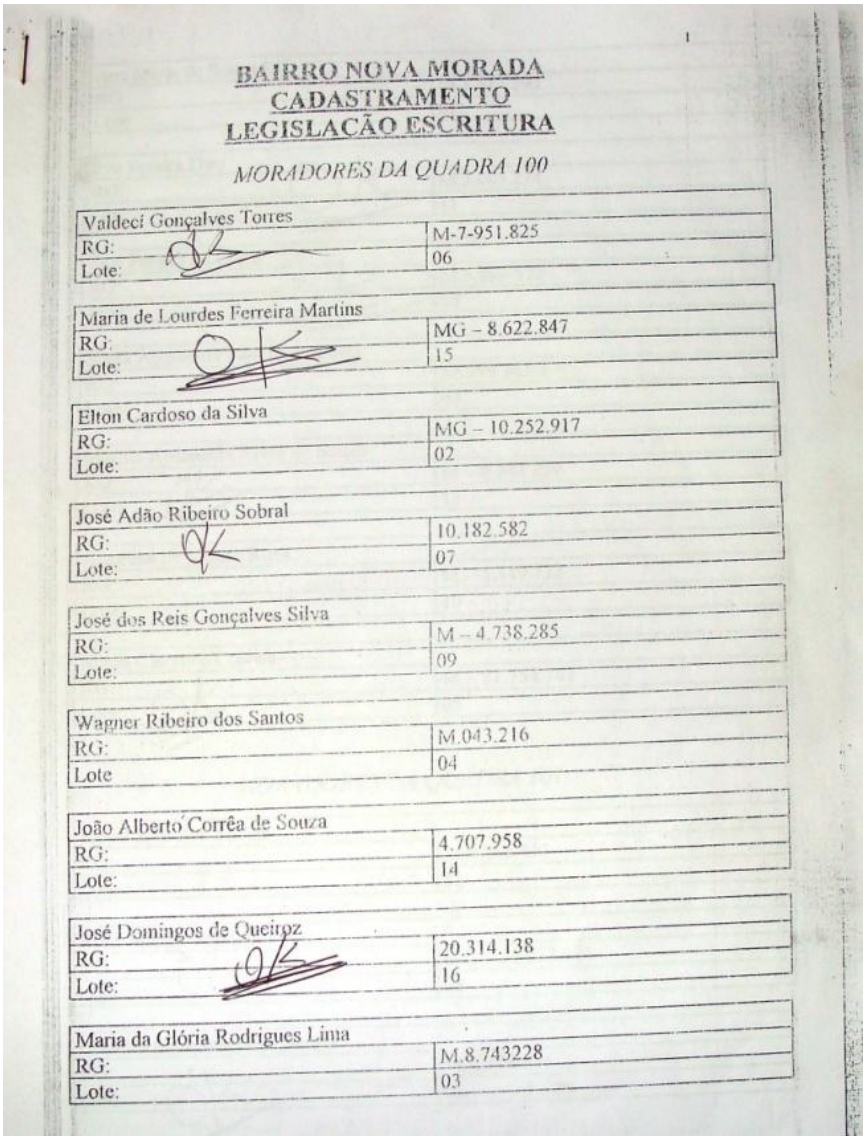
[133] LEAL, H. 18 jan. 2009, Montes Claros, formato mp3, (1 h 40 min). Entrevista concedida à autora.
[134] SILVA, M. S. 27 abr. 2009, Montes Claros, formato mp3, (1 h 40 min). Entrevista concedida a autora.

presidente da associação de moradores do bairro Nova Morada, ao nos falar sobre suas atividades no bairro mencionou a ocupação de espaço público localizado naquela área da cidade.

> [...] Tem umas casa... uma área verde que tem na beira dessa barroca, dali pra baixo, aquilo era uma área verde que existia da Prefeitura, só que o pessoal fizeram a invasão e invasão essa que tá até hoje só no papel. Disse que as escritura ia sair tal dia, que ia pegar os dados de todo mundo pra legalizar cada morador. E legalização essa que tá até hoje na Prefeitura. Isso foi logo no início de 86 pra 89, que começou... 95 pra 96 começou a invasão, só que essa conversa de escritura.. isso já foi mais ou menos nessa época que eu tô te falano. Que já tinha esse plano de fazer, só que não fez a distribuição pro povo, o pessoal invadiu colocano lona, barraco de lona e depois foi e passou a construir. Depois que começou a construir que eles viro que o pessoal não ia sair fora mesmo, não ia desistir aí eles decidiro já fazer.. vim e colocar a metrage, dividir, fazer a distribuição pra cada um... aquele pedaço, media, calculava tudo aí levava e fazia o projetin pra fazer a planta, a planta popular. E assim vinha e passava pra pessoa, pegava os dado, muitas vez pegava os dado de uma pessoa aqui... um morador que morava numa rua, às vez a casa saia pra ele... a planta que era pra ele, o projetin que era pra ele da planta popular saia lá ne outra rua. Então esse trem era muito desorganizado. E com isso o pessoal foi desistino, largou, mais só construino e fazeno, fazeno, hoje chegou no que tá aí. Agora tá muito irregular e essa preocupação nossa de buscar isso aí.

A ocupação, conforme relata o senhor Humberto, teve início entre 1995 e 1996. No entanto, a promessa da administração pública em ceder a área já vinha desde 1986, pois "já tinha esse plano de fazer, só que não fez a distribuição pro povo, o pessoal invadiu colocano lona, barraco de lona e depois foi e passou a construir". Já que a administração pública não resolve o problema, são os moradores quem lhe indicam o que fazer. Com a construção das casas, à Prefeitura só resta legalizar as construções, fornecendo as escrituras. É em prol disso que o senhor Humberto está trabalhando agora, tanto que já possui um cadastramento em andamento com informações de alguns dos moradores. Veja abaixo.[135]

[135] Material fornecido pelo senhor Humberto Leal Rodrigues, presidente da associação dos moradores do bairro Nova Morada.



BAIRRO NOVA MORADA
CADASTRAMENTO
LEGISLAÇÃO ESCRITURA

MORADORES DA QUADRA 100

Valdecí Gonçalves Torres	
RG:	M-7-951.825
Lote:	06
Maria de Lourdes Ferreira Martins	
RG:	MG – 8.622.847
Lote:	15
Elton Cardoso da Silva	
RG:	MG – 10.252.917
Lote:	02
José Adão Ribeiro Sobral	
RG:	10.182.582
Lote:	07
José dos Reis Gonçalves Silva	
RG:	M – 4.738.285
Lote:	09
Wagner Ribeiro dos Santos	
RG:	M.043.216
Lote	04
João Alberto Corrêa de Souza	
RG:	4.707.958
Lote:	14
José Domingos de Queiroz	
RG:	20.314.138
Lote:	16
Maria da Glória Rodrigues Lima	
RG:	M.8.743228
Lote:	03

Figura 2: Ficha para cadastramento dos moradores do bairro Nova Morada.

Em agosto de 1979, a revista Montes Claros em Foco publicou uma reportagem sobre o problema social na cidade. Com o título de "As favelas invadem a cidade"[136], a reportagem apontou os problemas relacionados ao aumento populacional e a sua consequência direta: a proliferação das favelas. Informava ainda sobre estudos que estavam sendo feitos no sentido de viabilizar um conjunto habitacional para os favelados. A reportagem da revista Montes Claros em Foco foi publicada em agosto de 1979. Dois anos antes, em 14 de agosto de 1977, a mesma informação estava no jornal Diário de Montes Claros, "conjunto habitacional para os favelados". Segundo consta no jornal, o então prefeito Antônio Lafetá Rebello "está planejando um programa

[136] As favelas invadem a cidade. **Montes Claros em Foco.** Montes Claros, ano XII, n. 36, p. 42, ago. 1979.

habitacional *sui generis* no país, que é o financiamento de casa própria a pessoas que não têm rendimento fixo, como acontece com a maioria dos favelados.[137] Ressalta ainda que o prefeito tem a "intenção de proibir a invasão de logradouros públicos e o surgimento de favelas nas margens das vias públicas".[138] Entretanto, hoje sabemos que as coisas não aconteceram dessa forma, haja vista que muitas favelas surgiram em Montes Claros depois disso.

Notem que entre as duas reportagens temos um intervalo de dois anos sem que coisa alguma fosse feita pelas autoridades públicas. E entre as reportagens e a ocupação da área verde pelos moradores do bairro Nova Morada, temos um período de dezenove anos. Nesse intervalo, muitas coisas mudaram na cidade. Foram quatro administrações e nenhuma se preocupou efetivamente com a questão, sendo que inúmeras obras de vulto foram feitas na cidade, só para citar as mais conhecidas temos a construção da nova rodoviária, a canalização do rio vieira, e a construção do centro cultural. Mais pessoas chegaram para morar em Montes Claros e o problema de moradia agravou-se ainda mais. Barracões apinhados, com cinco ou seis pessoas em um só quarto eram comuns naquele momento, como ainda são nos dias de hoje.

Temos então que diante do não cumprimento dessas promessas, a alternativa encontrada pela população foi a ocupação dessas áreas e a área do bairro Nova Morada foi somente mais uma.[139] Em alguma medida, essas pessoas perceberam que tinham direito à moradia, portanto, eles ocuparam, e fizeram "gatos" com a energia elétrica, com a água e reivindicaram melhorias. Essas práticas transformam valores e, portanto, pelo risco que representavam para a estrutura dominante, as muitas ocupações que aconteceram na cidade foram incorporadas pela administração pública. É significativo notar que a mídia informava habitualmente que: "a prefeitura quer levar energia a todos os bairros"[140] ou "prefeitura leva mais luz aos bairros"[141], assim como informava sobre

---

[137] Conjunto habitacional para favelados. **Diário de Montes Claros**. Montes Claros, 14 ago. 1977. Arquivo particular do senhor Américo Martins Filho. O significado do termo favela utilizado nesta reportagem está relacionado com as construções individuais, ou seja, havia em Montes Claros, neste período, 1032 casas denominadas de favelas.

[138] Conjunto habitacional para favelados. **Diário de Montes Claros**. Montes Claros, 14 ago. 1977. Arquivo particular do senhor Américo Martins Filho. O significado do termo favela utilizado nesta reportagem está relacionado com as construções individuais, ou seja, havia em Montes Claros, neste período, 1032 casas denominadas de favelas.

[139] Dentre as áreas ocupadas neste período temos: a área do bairro Morrinhos, a região do Morro do Frade, algumas áreas do bairro Major Prates,

[140] Prefeitura quer levar energia a todos os bairros. **Diário de Montes Claros**. Montes Claros, 29 set. 1977. Arquivo particular do senhor Américo Martins Filho.

[141] Prefeitura leva mais luz aos bairros. **Diário de Montes Claros**. Montes Claros, 26 jul. 1977. Arquivo particular do senhor Américo Martins Filho.

"iluminação na Vila Oliveira"[142], e ainda "prefeitura promete solucionar os problemas da coleta de lixo".[143] Contudo, se prestarmos atenção percebemos que: "137 moradores pedem asfalto"[144], ou "moradores reclamam contra quebra-molas"[145], e ainda "bairro quer sua independência".[146] Dessa maneira, a pressão exercida pela população fez com que a prefeitura dotasse de alguma infraestrutura esses locais. Assim sendo, à administração pública não restou outra medida senão legalizar e dotar de infraestrutura esses espaços.

Nesse sentido, temos que as políticas públicas que tinham como objetivo solucionar os principais problemas do país, como a falta de emprego, a habitação, entre outros nunca foram suficientes e, muitas vezes, se mostraram ineficazes. Em Montes Claros, como vimos, as coisas não foram diferentes. O desemprego, bem como a falta de habitação para os pobres, agravou-se ainda mais com o tempo, como foi possível observar no Jornal do Norte de 1989, que informava sobre as demissões que assustavam a construção civil. Chamava a atenção, ainda, para a estagnação em que se encontrava o setor na cidade e para os constantes reajustes que os materiais de construção vinham sofrendo.

Em 1985, das 4.243 famílias que moravam em áreas consideradas pelo poder público como favelas, temos 1.456 dessas famílias na região do grande Santos Reis, enquanto as 2.787 restantes estão nas demais regiões da cidade.[147] Essas regiões não eram urbanizadas ou estavam parcialmente urbanizadas. Com o passar dos anos, essas pessoas vão se construindo na cidade e com o tempo percebem que têm direitos e exigem os serviços de infraestrutura básicos para a vida na cidade. É assim que temos moradores pedindo asfalto, moradores reclamando contra lixo e escorpiões, moradores pedindo água e esgoto. A forma como pedem, fazendo valer seus direitos pela lei ou se utilizando de certa deferência, só evidencia de forma mais clara que essas pessoas têm consciência dos seus direitos e, da maneira como podem, tentam consegui-los.

---

[142] Iluminação na Vila Oliveira. **Diário de Montes Claros.** Montes Claros, 10 jul. 1977. Arquivo particular do senhor Américo Martins Filho.

[143] Prefeitura promete solucionar os problemas da coleta de lixo. **Jornal do Norte.** Montes Claros, 09 set. 1989. Arquivo particular do senhor Américo Martins Filho.

[144] 137 moradores pedem asfalto. **Diário de Montes Claros**. Montes Claros, 10 abr. 1979. Arquivo particular do senhor Américo Martins Filho.

[145] Moradores reclamam contra quebra-molas. **Jornal do Norte.** Montes Claros, 10 nov. 1989. Arquivo particular do senhor Américo Martins Filho.

[146] Bairro quer sua independência. **Jornal do Norte.** Montes Claros, set. 1989. Cidade. Arquivo particular do senhor Américo Martins Filho.

[147] VELOSO, C. M. S. **Outros modos de viver:** pobreza urbana em Montes Claros 1960 a 1980. 2002. 185 f. Dissertação (Mestrado em História)-Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002. Ver quadro II.

No momento em que escrevemos, novamente a cidade está em alerta por conta do programa do governo federal "Minha casa, minha vida". Esse programa busca atender as pessoas de baixa renda, mas o governo tem atualmente uma série de programas destinados à habitação, seja para construir, ampliar ou reformar, que se destinam a famílias com rendimentos mais elevados. Aqui em Montes Claros já foi feito um cadastramento inicial pela prefeitura, que provocou filas quilométricas em vários postos de inscrição. Agora muitas pessoas aguardam uma visita técnica de agentes do governo com vistas a comprovarem as informações iniciais de cada inscrito.

Isso deixa claro o quão importante é a questão da casa própria. O título dado ao programa habitacional pelo governo "Minha casa, minha vida" é altamente significativo e traduz muito bem a importância que as pessoas dão à casa própria. Denota a real importância que o lar tem na vida das pessoas. Por isso se condena qualquer ato que atente contra a idéia do lar e da família e são pelas responsabilidades com a casa e com a família que o trabalhador se sacrifica. "Tudo que eu faço é em função deles mesmo", foi o que nos disse o senhor Márcio, quando falava sobre sua família. Para a maioria dos trabalhadores, a família se mantém como o lugar simbólico em que os valores são projetados.

Não é à toa que todos almejam sua casa própria, um dos bens mais caros ao trabalhador, não somente pelo alto custo, mas pelo grande significado que possui. A aquisição da casa própria é uma forma de ascensão social, significa que o seu proprietário progrediu na vida, pois mora no que é seu. Ter o próprio endereço significa pertencer de forma mais efetiva à cidade. Isso se faz notar principalmente quando os planos de casamento começam a fazer parte da vida. Seu Joanes, ao ser perguntado sobre a construção de sua casa, respondeu "foi uma luta... devagar, com muita dificuldade, toda vida a gente ganha pouco", mas "eu queria morar no que era meu".[148]

O baixo salário sempre foi um problema para o trabalhador, por isso a dedicação, as horas extras. Muitos deles conseguiam recursos através da empresa em que trabalhavam. Seu Dedé, após onze anos trabalhando na Coteminas, recebeu uma proposta para "acertar o tempo de casa", ocasião em que o funcionário é demitido sem justa causa e, em tese, recebe os direitos garantidos em lei. O Fundo de Garantia por Tempo de Serviço – FGTS – é liberado, contudo o funcionário deve devolver para a

[148] JOANES. 15 jan. 2009, Montes Claros, formato mp3, (1h 20 min). Entrevista concedida à autora.

empresa a multa de 40% sobre o valor do FGTS, prática muito comum em nossa sociedade.

Foi assim que Seu Dedé conseguiu adiantar a construção de sua casa no bairro Nova Morada, em 1991.

> Eu entrei em 80 e com onze ano eu acertei na empresa, me chamou se eu queria acertá, que tava acertano com o pessoal, eu falei: como é que é isso? Ah cê acerta só que cê perde os 40 por cento. Me forneceu as folha do seguro desemprego e eu não peguei porque umas pessoas me aconselharo pra não pegar porque a carteira minha não tava cheia e eu tinha acabado de assinar a carteira... pra mim pegá seguro desemprego... e fiquei com medo desse trem dá rolo, e deu. Quem pegou seguro desemprego quando aposentou num recebeu enquanto num descontou aquele que ele pegou, três mês de seguro desemprego. É igual seguro desemprego, no tempo que cê tá recebendo seguro desemprego cê entra no serviço e continua recebendo. Dá problema... eu num gosto disso e joguei as folha fora e voltei de novo, foi quando eu aumentei mais a casa, murei. Passou o esgoto, eu liguei o esgoto, porque era sofrimento... porque eu fiz uma fossa lá embaixo e liguei... tampadinha na verdade, mas é ruim a fossa, cê vai jogano aí dentro acumula bicho, inseto né? Mesmo com o cuidado que tem mais num deixa de acumulá barata, muriçoca, esses trem. Então, eu limpei a rede de esgoto, fiz, aí e desse tempo pra cá foi uma maravilha, colocou a luz, dava pra fazer até uma festa o dia que colocou a luz porque... sem energia... sem uma televisão, sem uma geladeira...[149]

Seu Dedé foi um dos que, como tantos outros, começaram a vida na cidade refém do aluguel. O ato de narrar trouxe à tona as dificuldades enfrentadas no começo, "mais eu entrei lá em oitenta, oitenta e trêis eu casei, pagano aluguel... pagano aluguel...morava aqui... paguei aluguel um ano e tanto, fiz os dois cômodo aqui, a mulher tava pra tê o meninin, esse que trabalha na Cotenor, [...] Aí fui fazeno de vagazin".[150]

Aos poucos, devagar e com a ajuda de parentes e amigos, Seu Dedé construiu a sua casa e acompanhou a transformação do bairro em que mora. A implantação da rede de esgoto, a chegada da energia elétrica, as novas linhas de ônibus, melhorias que trouxeram um pouco de conforto para os moradores, porque antes "era sofrimento". E "desse tempo pra cá foi uma maravilha".

---

[149] ADÃO, J. 31 de jul. 2008, Montes Claros, formato mp3, (1h 30 min). Entrevista concedida à autora.
[150] ADÃO, J. 31 de jul. 2008, Montes Claros, formato mp3, (1h 30 min). Entrevista concedida à autora.

A narrativa do senhor Humberto, também morador do bairro Novo Morada, segue a mesma direção. Ao falar sobre o sistema de prêmios do Grupo Coteminas, enfatiza que é:

> um favorecimento a mais. Só que pra gente chegar até isso aí cê tem que sacrificar muito, as vez cê trabaia doente né, às vez cê trabaia sentindo qualquer coisa né, ou com outros problema fora, cê não quer perder o serviço pra não perder o prêmio, então isso obriga cê fazê qualquer coisa pra manter aquilo ali. E se for uma pessoa que for irresponsável e às vez não preocupar com nada... ele não chega nesse ponto, ele não consegue. [...] Mas de qualquer forma é importante porque tudo hoje que eu tenho apesar de que muito pouco, mas eu dou Graças a Deus, pelo que eu tenho hoje que é minha casa, só de não pagar aluguel já é muita coisa... e eu tirei de lá. Tive um outro barracão antes, esse barracão eu vendi ele, eu vendi aí eu comprei esse meio lote com o acerto que eu fiz lá, foi em 98 eu acertei... trabalhava há oito anos à noite, aí eu peguei... depois de oito anos eu fiz acerto, né, perdendo 40%, perdendo os 40%. Eu continuei trabalhando e com esse dinheiro que eu peguei comprei esse meio lote aqui, arrumei alguma coisinha, alguma despesa que eu tinha, que isso é toda vida, não tem jeito, né? Isso aí vai só estendendo, mas a gente vai fazendo o possível, na maneira do possível a gente vai tirando e com ele pago, tudo em dia, o dinheiro eu empreguei na construção e cheguei até esse ponto, tá nessa situação aí esperano melhora pra terminar.[151]

Assim Seu Dedé, Humberto, João, Maria e muitos outros invertem a lógica do capitalismo. A grande questão para essas pessoas é vencer na vida, ou seja, é conseguir construir a casa, ter um veículo para os passeios do fim de semana, conseguir proporcionar aos filhos uma vida melhor do que a que eles tiveram. Nesse sentido, a exploração vivida dentro da fábrica, com as horas extras, com o empenho em não ter faltas, não ter atrasos, não ter ocorrências, tudo isso, a partir da lógica do trabalhador, são benefícios adquiridos, são valores importantes. Foi assim que eles criaram condições de vida nesses novos espaços. Deixaram suas marcas, seja através da construção de suas casas, da construção da Igreja, das Associações que constantemente reivindicavam junto à prefeitura para que fossem dotados de infraestrutura. Estavam, assim, disputando e construindo a cidade. E, portanto, pertencendo efetivamente a este lugar.

É importante salientar que, em fins da década de 1970, a cidade de Montes Claros foi incluída no Programa Cidade de Porte Médio. Esse programa foi criado para

---

[151] LEAL, H. 18 jan. 2009, Montes Claros, formato mp3, (1 h 40 min). Entrevista concedida à autora.

conter o fluxo migratório das regiões Norte e Sul para a região Centro-Sul do país. O *Diário de Montes Claros*, de 09 de outubro de 1977, informava que, para participarem do programa, "foram escolhidos municípios chaves, que têm condição de absorver esta migração para que ela não se dirija para os grandes centros". O Jornal ainda informa que Montes Claros foi beneficiada com CR$ 70 milhões de cruzeiros, verba que seria aplicada "na construção da avenida sanitária, centro administrativo, nova rodoviária e obras de infraestrutura urbana".[152]

A inclusão de Montes Claros nesse programa possibilitou melhorias urbanas em alguns bairros periféricos da cidade, embora essa não tenha sido a prioridade do poder público municipal. Com isso, os novos bairros surgidos após a década de 1970 foram beneficiados, haja vista a constante pressão exercida pelas Associações e pelos próprios moradores.

Tentamos mostrar um pouco da maneira como essas pessoas estão percebendo a cidade e, consequentemente, como estão construindo seus espaços. Nesse sentido, vimos como elas criaram condições de vida em um ambiente novo, como foram os enfrentamentos nos primeiros momentos na cidade, como viviam o seu dia a dia em meio às transformações nas relações sociais. Ao escolhermos falar sobre trabalho e trabalhadores: cotidiano e trabalho fabril na indústria têxtil em Montes Claros, queremos também falar um pouco sobre como é esse dia a dia no local de trabalho. Como é ser trabalhador têxtil em Montes Claros; como essas pessoas se sentem trabalhando no grupo Coteminas; como esse trabalho vem se transformando e como ele transforma a vida de quem o pratica, da mesma maneira que as relações de trabalho também mudaram com o passar dos anos. Em nossas entrevistas, encontramos muitos momentos em que os trabalhadores externam esse sentimento. Eles, os trabalhadores, nos falam de um trabalho extenuante, mal remunerado, mas ainda assim o trabalho que eles têm. Nesse sentido, o trabalho, seja ele na Coteminas ou em outro local, se apresentou para essas pessoas como a alternativa possível para pertencerem à cidade.

E é através desse trabalho que as esperanças de uma vida melhor e mais digna são renovadas diariamente. Quando entram nos ônibus da empresa e seguem para as fábricas, quando ligam as máquinas e iniciam a produção, muitas vezes com o coração apertado por conta do filho que ficou em casa doente, ou com a sua saúde debilitada, ou ainda exaustos pelo trabalho realizado no dia anterior, mas no sacrifício

---

[152] Moc continuará no programa mineiro cidades de porte médio. **Diário de Montes Claros**. Montes Claros, 09 out. 1977.

para não perderem os prêmios. Porque é também com estes que os projetos se tornarão possíveis. Foi a partir dessas relações que pudemos perceber o fazer-se desses trabalhadores como classe. Principalmente porque esse fazer-se acontece nas relações humanas, com interesses comuns e contraditórios.

São os próprios trabalhadores em seus relatos que nos mostraram, às vezes de forma velada, muitas vezes com a voz embargada de ressentimento, como é ser um trabalhador nas unidades fabris do grupo Coteminas. Para muitos, esse é apenas mais um trabalho conseguido em um momento difícil, que servirá para uma situação específica e, por isso, será passageiro. Entretanto há aqueles que, ao ingressar nesse trabalho, sabem de sua precariedade, mas os dias passam, as responsabilidades surgem com a família que se inicia, com os filhos que chegam e esse trabalho se torna um porto seguro, de onde ele tira o sustento de sua casa. Assim, ficam por dezoito, vinte, vinte e oito, trinta anos exercendo a mesma atividade.

Encontramos no Informativo da Coteminas, uma espécie de jornal da empresa, elementos interessantes que nos permitem inferir como as relações de trabalho estão em constante mutação. O Informativo traz informações sobre tudo que se passa nas unidades; as atividades do Centro Educacional; as atividades internas da empresa, como a Semana interna de prevenção de acidentes e o programa 5S. Há também a coluna Perfil do Colaborador, que, na edição de maio de 2008, foi dedicada a uma funcionária representativa de todas as mães da Coteminas. Especificamente esse Informativo traz toda a história da JCPenny, o mais recente contrato da Coteminas, desde 1902, quando foi fundada a primeira loja até se tornar "a gigante" que é hoje.[153]

A união com a americana Springs proporcionou à Coteminas novos contratos com clientes significativos. No ano de 2008, a "Coteminas passa a produzir para a JCPenny, uma das maiores redes de varejo dos EUA e do mundo", anuncia o Informativo Coteminas. Isso requer de seus funcionários muito mais empenho na execução de suas atividades. Exige também que os funcionários administrativos, aqueles que fazem parte da diretoria, trabalhem no sentido de suscitar nos "colaboradores", que são os funcionários da produção, esse maior empenho. Encontramos, nesse Informativo, especificamente na edição de número 8, um texto produzido por membros da diretoria. Com o título de "um novo desafio", os diretores do

[153]**INFORMATIVO COTEMINAS S.A.** Montes Claros, abr/mai/jun, 2008, ano II, n.08, 8 pg.

grupo convocam todos os colaboradores a se comprometerem com o novo empreendimento.

> A partir deste mês, estaremos iniciando a produção do programa Classic Home da JCPenney que é uma das maiores redes de varejo dos Estados Unidos e do mundo, sendo internacionalmente conhecida pelo diferencial de qualidade de seus produtos.[154]

Por esse motivo, ressalta o texto que "temos que estar cientes do desafio que este projeto representa para a Coteminas e da importância de cada um de nós para o sucesso da nova empreitada".[155] Esse novo desafio exige que o trabalhador tenha atenção redobrada. Dessa maneira, "termos comuns ao nosso dia-a-dia tais como: produtividade, qualidade, constância de produção, uniformidade das cores, toque, maciez e aparência dos produtos serão, mais do que nunca, perseguidos por nós".[156]

O editorial segue chamando a atenção dos colaboradores para o zelo que eles devem ter com a produção, pois "nosso futuro como empresa e colaboradores depende muito de como zelamos por nossos clientes e uma forma de demonstrar isto é cuidar muito bem de nossos produtos, da tecelagem à embalagem, que deve chegar ao cliente perfeita, limpa e organizada".[157]

O "novo desafio" significa para os trabalhadores mais compromisso, mais atenção, mais empenho e zelo em suas atividades. São os novos ingredientes que dão um novo sentido às relações de trabalho: meta, produção, empenho, tudo isso faz com que o trabalhador busque ser mais comprometido, visando garantir o seu trabalho, sobretudo porque vivemos um momento em que a oferta de emprego está aquém da mão de obra disponível, ou seja, os postos de serviço não são suficientes para atender a população. Hoje, para fazer parte dos quadros de funcionários dessa empresa, o trabalhador é submetido a uma prova de conhecimentos gerais, mesmo que seja para ocupar uma função considerada simples, como no setor de limpeza. Por isso que o comprometimento de cada tecelão pode ser muito bem traduzido nos compromissos que

---

[154] MACIEL, M. J; HENRIQUE, J. J. C. Um novo desafio. **Informativo Coteminas**. Montes Claros abr/mai/jun, 2008, Editorial, ano II, n. 08, p. 1.
[155] Idem, ibdem.
[156] Idem, ibdem.
[157] Idem, ibdem.

cada trabalhador tem fora da empresa, como nos disse uma ex-funcionária "lá fora tem pessoas que depende dele".

Essa nova realidade alterou profundamente a vida dos trabalhadores. Ao longo da pesquisa e em contato com as fontes, percebemos em alguns momentos que as pessoas quase sempre associam as transformações no trabalho às inovações tecnológicas, e essas mudanças alteram o cotidiano. Portanto, nosso interesse aqui recai sobre as transformações ocorridas dentro da fábrica e que muito afetaram a vida dos trabalhadores fora do ambiente fabril. Por isso, vale registrar nesse enfoque uma pergunta que fizemos a alguns entrevistados e que se refere à forma como eles percebiam as mudanças ao longo do tempo trabalhado. Quase todas as respostas apontavam para a mesma direção, embora apresentassem observações muito particulares. Para o Senhor Márcio, a pergunta foi: o que mudou no seu trabalho desde que você entrou? Sua resposta.

> Mudou muita coisa. Quando eu cheguei aqui o sistema de trabalho era um. A gente trabalhava quatro dias e folgava dois. A tecelagem era de um tamanho, tinha 78 teares só quando eu cheguei aqui. Aí depois mudou o sistema pra... não lembro mais quando mudou também não. Já tinha aumentado a tecelagem pra 140 máquinas. Aí depois começou a mudar, aumentou a tecelagem mais, colocou mais um tear, __ que é mais moderno. Então vai... mudou muita coisa e, hoje, com certeza, tá mudando ainda. Porque a indústria têxtil é o seguinte, eu vou falar de indústria têxtil que eu tenho certeza. A empresa que não moderniza ela fecha, não tem jeito ela tem que acompanhar. Ela tem que acompanhar a evolução e a Coteminas sempre foi fábrica moderna assim, quando eu cheguei aqui em 1979... o que tinha de mais moderno na tecelagem. _ hoje já não é mais, hoje já tem jato de ar, máquinas mais modernas que produzem muito mais, praticamente tudo eletrônico. Quando a máquina pára ela acusa que tá parada, tudo é mais moderno e eu acompanhei essa evolução dentro da fábrica e fazia parte dela, não tinha jeito de não acompanhar, né?[158]

A mesma questão foi apresentada para Maria: _ mudou muita coisa desde que você entrou?

> _Não mudou não. Lá nunca foi de mudança. A única mudança que teve foi assim pra pior, porque quando eu entrei em 95 a gente folgava

[158] RIBEIRO, M. R. D. R. 18 dez. 2008. Montes Claros, formato mp3, (59 min). Entrevista concedida à autora.

> dois dias por semana, era o verdadeiro seis por dois. Aí em 96, que foi dia 12 de fevereiro de 1996, já mudou cinco por um, então aí não é melhora, né? E o salário continua a mesma coisa. Então, quando cê folgava dois dias por semana era bom. Aí dava procê trocar, dava procê passear, viajar, igual eu era de lá, toda semana eu ia, né? Agora um dia só de folga é atrapalhado.[159]

Maria chama a atenção para as mudanças negativas que alteraram o seu dia a dia. Para ela, mudanças querem dizer melhorias para os funcionários e, como afirma, não foi isso que aconteceu. A mudança no horário dificultou seus momentos de lazer e "o salário continua a mesma coisa". O interessante é que, mesmo tendo acontecido há muito tempo, ela ainda se recorda com precisão da data "12 de fevereiro de 1996 já mudou, cinco por um." De fato, essas mudanças tiveram um significado muito negativo para todos os trabalhadores.

A narrativa do Senhor Márcio caminha em outro sentido. A sua percepção de mudança recai sobre as transformações tecnológicas que a empresa se viu obrigada a fazer. Mudanças nas máquinas e as constantes ampliações da fábrica e ele se posiciona como parte dessa evolução. Assim, em alguma medida, esses trabalhadores se sentem parte da empresa em que trabalham. Quando falava sobre o seu trabalho, o Senhor Joanes mencionou que "a gente acostuma tanto a trabalhar numa empresa que a gente sente... parece a casa da gente". Por isso, muitas vezes, quando se referem à empresa, se colocam como parte dela.

Percebemos que, ainda que as questões abordadas sejam as mesmas, existe uma individualidade nas respostas. A maneira como cada um percebe as transformações tem muito a ver com o lugar que ocupam dentro da empresa. O Senhor Márcio tem uma visão voltada para as questões específicas de sua função na empresa. Maria está falando a partir da produção, com todas as dificuldades e limites de um tecelão.

A fala de José Adão também é significativa nesse ponto. O senhor Dedé foi um dos que, em sua narrativa, apontou as transformações no trabalho e as associou ao tempo dedicado ao trabalho, assim como Maria. Perguntei ao senhor José Adão: em 1980, quando o senhor começou a trabalhar lá, depois mudou alguma coisa? A resposta foi direta.

---

[159] SILVA, M. S. 27 apr. 2009, Montes Claros, formato mp3, (1 h 40 min). Entrevista concedida à autora.

> Dois dia de manhã, dois dia a tarde, eu trabaiava dois de seis da manhã as duas da tarde. Dois dia de duas da tarde a dez da noite. Dois dia de dez da noite a seis da manhã, e folgava dois dia, porque tinha uma turma que trabaiava de manhã de seis as duas, uma turma que trabaiava de duas as dez, e uma turma de dez as seis, intão eu trabaiava folgano essas turma. Eu trabaiava dois de manhã folgava de manhã, trabaiava dois a tarde folgava a tarde, trabaiava dois a noite folgava a noite, era ótimo, eu gostava desse horário, apesar, mas tinha dois dia de folga, eu chegava aqui hoje de manhã... eu trabaiava à noite, né? Chegava aqui hoje de manhã, eu folgava hoje, amanhã e ia pegar depois de amanhã de manhã. Eu gostava, e nisso foi ficano, ficano, eles foi... a firma foi só subino, subino, cresceno, é... mais firma, né? Que tem, ni Cariuna, tem na Paraíba, tem num sei pra onde aí, e um dia eles resolveu isso aí, mexer no horário, trabaiá cinco turno, trabaiá cinco dia e folgá um, ofereceu nós varias coisa, que nós tinha o sacolão, mais outro sacolão pra nós, e que dava oito dias pra nós no fim do ano, e nós foi nessa, e aceitô e acabô nós teve prejuízo. Porque era ruim dimais, seis por dois era mio.[160]

Diante da pergunta que questionava possíveis transformações, o que lhe veio à memória foi a maneira como aproveitava o seu tempo. As mudanças interferiram em seu dia a dia, afastando-o mais de sua casa, de sua esposa e filhos e possivelmente da construção de sua casa, que era adiantada nos dias de folga. Essas transformações foram associadas ao crescimento do Grupo Coteminas, “a firma foi só subino, subino, cresceno, mais firma, né”?

A mudança no horário de trabalho foi um acontecimento marcante na vida desses trabalhadores. O seu dia a dia foi alterado significativamente, pois passaram a trabalhar cinco dias para ter uma folga, ao passo que antes eles trabalhavam quatro dias e folgavam dois. Nesse sistema que eles chamam quatro por dois “dava procê trocar, dava procê passear, viajar, igual eu era de lá, toda semana eu ia. Agora um dia só de folga é atrapalhado”,[161] ficou “ruim demais”.

As transformações sociais trouxeram mais trabalho, mais tempo no local de trabalho e menos tempo em casa com a família. Durante as conversas com trabalhadores, muitos foram os que reclamaram do serviço estressante e da cobrança excessiva. Estas reclamações foram feitas com mais ênfase pelos trabalhadores que não eram mais funcionários da empresa, como foi com Laura e Maria. Respondendo a pergunta: como você se sentia trabalhando na Coteminas, Laura afirmou:

---

[160] ADÃO, J. 31 de jul. 2008, Montes Claros, formato mp3, (1h 30 min). Entrevista concedida à autora.
[161] SILVA, M. S. 27 apr. 2009, Montes Claros, formato mp3, (1 h 40 min). Entrevista concedida à autora.

> No início é como eu falei pra você, no início eu até que num reclamava não, mais depois é igual eu te falei, foi vindo aquela coisa do cansaço, o estresse, sabe, tinha dia que eu saía de lá cansada, estressada, por causa da cobrança que era demais. Por mais que você se doava, por mais que você, ó tinha dia que eu vou falar com cê, tinha dia que eu num tinha tempo nem pra respirar, tinha dia que eu num tinha tempo nem pra ir no banheiro, e ainda não tava bom. Chegava no final do horário, encarregado chamando lá na sala, pra te reclamar, sabe quando cê trabalhava, que cê falava assim: ó hoje eu dei meu sangue, e aí chegava no final do horário faltando dez, quinze minutos, encarregado te chamava lá na sala: ó, seu serviço num tá bom, ó, seu serviço não foi satisfatório.[162]

Ao recordar-se do ambiente de trabalho, as lembranças vêm à tona e os sentimentos se manifestam de maneira intensa. Muito por conta do tratamento dispensado a eles e também pelo não reconhecimento do empenho e dedicação. Na sequência, Laura fala de como se sentia no dia a dia e como o desgaste afetava suas relações sociais:

> Tinha dia que um colega de trabalho vinha conversar com a gente, cê queria bater nele, uma coisinha que acontecesse lá dentro, daí a pouco quando cê saía lá fora, cê falava assim: gente, mas às vezes eu alterei com fulano, me estressei com fulano, num tinha nem motivo, mas cê ficava tão estressada. Ó, juntava a poluição sonora, a poluição que tinha lá dentro, encarregado em cima da gente. Então, é igual eu tô te falando, aí a pessoa ainda vira procê e fala assim: ó, tá pouco, cê tá fazendo, mais tá pouco, cê tem que fazer mais, então cê chega num ponto que eu fui desgostando sabe, eu levantava, eu ia chateada. Clarice uma vez, Clarice conversando comigo assim: Laura eu já cheguei a chorar, chorar mesmo indo pro serviço, no caminho do serviço, e ela disse que quando ela chegava lá na porta da empresa, que ela descia do ônibus, que ela olhava pr'quilo, que ela chegava dá uma tristeza. E eu já me senti muitas vezes assim sabe.[163]

A narrativa de Laura é muito forte, é dita com extrema convicção e em tom de revolta e denúncia. Em todos os momentos de sua narrativa ela deixa transbordar esse ressentimento e essa revolta. De todas as pessoas que entrevistamos Laura e Maria foram aquelas que mais expressaram revolta e indignação, talvez porque ambas não

---

[162] SANTOS, L. A. 30 jan. 2009. Montes Claros, formato mp3, (39 min). Entrevista concedida à autora.
[163] SANTOS, L. A. 30 jan. 2009. Montes Claros, formato mp3, (39 min). Entrevista concedida à autora.

tenham mais vínculo com o antigo trabalho, e, por isso, se sintam livres para falar. Foi nesse sentido que Maria, falando sobre os acidentes de trabalho (alguns já relatados neste trabalho) que ela presenciou na empresa, denunciou a negligência e o descaso da diretoria para com os funcionários. Segundo ela, são nesses momentos que "você vê o quanto você não tem valor nenhum, nenhum, nenhum dentro da empresa".

Na sequência, ela conta todos os fatos ocorridos com um colega que teve o braço tragado por uma máquina, começando pelas dificuldades enfrentadas para que a empresa lhe desse assistência, até o momento de sua volta quando a Coteminas começou a descontar em seu contracheque os gastos com o hospital, fato resolvido, segundo ela, na justiça. Por isso "que eu falo com cê, moça, cê é ninguém lá dentro, eles quer seu suor e seu trabalho, entendeu, se adoeceu, se machucou lá, se vira, se vira, se vira, [...] lá é assim". Sobre o mesmo assunto, Laura enfatiza que: "cê não pode adoecer nunca pra Coteminas, uma máquina lá dentro quebra, né, dá um problema, troca uma peça, agora o ser humano, o funcionário ser humano, ele num pode adoecer, ele num pode ter um atestado".

Essas narrativas são muito fortes e saíram carregadas de decepção, de ressentimento, de revolta, evidenciando que esses trabalhadores sentem ao máximo essa exploração. As mudanças sobre as quais Maria e Laura reclamam aconteceram durante a década de 1990 e vão desde as perdas financeiras, com os subsídios até as mudanças no gerenciamento das relações com os funcionários, em que o trabalhador afastado por doença perde alguns dos benefícios. A greve deve ser entendida nessas dimensões, deve ser compreendida como a maneira que esses trabalhadores perceberam essas transformações e se colocaram diante delas.

Mas os trabalhadores têxteis possuem estratégias para lidar com essa exploração diária dentro da fábrica. Embora isso não tenha sido mencionado por nenhum dos entrevistados, sabemos que sempre há uma alternativa para se livrar da sobrecarga de serviço. A demora no banheiro, o sono que é recuperado em meio aos fardos de tecido, a máquina que para de funcionar e só o mecânico pode dar jeito, aí são horas esperando e descansando. As estratégias são muitas e, mesmo que nenhum trabalhador tenha falado sobre o assunto, sabemos que elas existem e fazem parte do cotidiano desses trabalhadores.

O corte de funcionários ocorrido em fevereiro de 2008 afetou muitas pessoas. Algumas tentaram recuperar o trabalho, outras seguiram adiante, mas continuaram com suas vidas e, dentro de seus limites, continuaram disputando um

espaço na cidade. Continuaram se constituindo como sujeitos sociais que conduzem a sua história. A fala de Maria é significativa nesse sentido, ao nos dizer o que fez após sua saída da Coteminas. Ao falar sobre isso, concluiu que:

> Aí, hoje eu tô aqui. Tô bem graças a Deus. Mexo com minhas costura, antes eu já mexia também, sabe, por que eu sempre fui aquela lutadora. Não é por que eu tô ganhando um salário ali que eu vou me cruzar os braços e esperar só por ele. Toda vida eu trabalhei lá, toda vida eu costurei... toda vida. O primeiro salário que eu peguei de dentro da Coteminas eu corri e comprei uma máquina pra mim, que era o meu sonho comprar uma máquina. Mãe tinha uma máquina velha lá na roça e eu andava malinano nela e costurano e ela brigano comigo. Falei: um dia eu vou trabalhar e comprar uma da boa. E foi o que aconteceu, toda vida eu trabalhei, toda vida eu costurei pra mim e pras colegas. Então quando cê sai, quando cê tem duas função, quando cê tem cabeça pra fazer alguma coisa, quando cê perde uma cê tem o seguimento da outra. Eu sempre falava pros colegas lá dentro... moço, arruma alguma coisa procê fazer, cê não sabe o dia de amanhã.. ah mais eu sou bom funcionário... moço, não existe bom funcionário, o dia que a empresa der de botar ocê pra fora eles põem, deixou de saber se ocê é bom ou ruim, cê tem que ver o seu lado. Sempre eu falava, falava, falava, falava, e até hoje. Antes de cê chegar aqui tinha um me ligando, perguntano como é que eu tava, falei: tô fofinha, moço, engordei uns oito quilos. Então é sempre isso aí que eu falo, não só pros colega de trabalho, mas pra todo mundo, cê tá entendendo? Cê é formada numa coisa? Tem uma profissão boa? Tá dando bem naquela? Cê arruma uma beira doutra, entendeu? Por que cê não sabe se aquela vai ficar sempre. É o que aconteceu comigo, já pensou se eu não soubesse costurar, se eu não soubesse escovar um cabelo, se eu não soubesse mexer com nada? E fosse viver dependentemente do marido? Eu não. Se ele ganha seus dois mil pra lá dirigindo, eu tenho que ganhar pelo menos meus 800 aqui costurando, entendeu?[164]

Ela nos diz muito sobre como eles estão se percebendo nessa cidade e quais são as suas opções para seguir adiante. Assim, o trabalho se apresenta na vida dessas pessoas como uma necessidade e é por ele que os sonhos são realizados, como enfatizou Maria: “o primeiro salário que eu peguei de dentro da Coteminas eu corri e comprei uma máquina pra mim, que era o meu sonho comprar uma máquina”.

Assim sendo, enquanto uns sonham com a possibilidade de voltar a trabalhar no grupo Coteminas, como é o caso do senhor Firmino, que tenta de tudo para voltar a ser funcionário da empresa, outros têm a certeza de que a vida deve seguir

[164] SILVA, M. S. 27 apr. 2009, Montes Claros, formato mp3, (1 h 40 min). Entrevista concedida à autora.

adiante. Foi assim com muitos dos funcionários demitidos ao longo do tempo. Foi o que fez Vilson Cardoso de Faria quando foi demitido da empresa tempos atrás. Ele conta que "depois que eu saí de lá, aí eu primeiro fui mexer Paraguai, rodei pro Paraguai.. Paraguai nós fomo, mexi com vídeo-game".[165] Atualmente Vilson é proprietário de uma pequena loja de confecções no centro de Montes Claros. Assim também fez Tonin, atualmente patrão de Mateus, filho de Joanes, morador do bairro Eldorado. Após sair da Coteminas há alguns anos atrás, Tonin montou um pequeno supermercado no bairro onde mora. Dentre aqueles que foram demitidos em fevereiro de 2008, muitos estão trabalhando como mototaxistas, como é o caso de Marcos que era mecânico na unidade matriz, ou estão no comércio local, como foi com Daniele, ex-tecelã também na unidade matriz. O próprio senhor Firmino, que ainda não conseguiu o trabalho de volta, segue a vida vendendo leite de porta em porta no seu bairro.

O que procuramos fazer neste segundo capítulo foi enfatizar as vivências dos trabalhadores que estão diretamente relacionadas com a aquisição da casa própria e as dificuldades encontradas quando vieram para a cidade; os enfrentamentos no trabalho; os espaços sociais formados a partir de parentes e amigos e que foram extremamente importantes no início. Para essas pessoas, a vinda para a cidade ocorre porque querem mudar de vida, almejam oportunidades, sonham com a possibilidade de algum conforto, de segurança material.

As lembranças (re)visitadas no momento das entrevistas expressam a saudade que sentem do lugar onde nasceram, dos amigos e dos familiares que ficaram para trás. Por isso a participação na Igreja e no bairro, em um primeiro momento, é como um refúgio, um lugar onde é possível ser útil. Mas não é só isso. Encontramos nas narrativas um envolvimento muito profundo com os problemas do bairro, com a Igreja, relatos que nos mostraram outra face de um social vivido e partilhado por todos. Essas serão as questões centrais que buscaremos tratar no terceiro capítulo.

[165] FARIA, V. C. 18 jul. 2008, Montes Claros, formato mp3, (25 min). Entrevista concedida à autora.

Capítulo III

Os trabalhadores e a cidade: por onde andam os trabalhadores têxteis

No dia 12 de junho de 1977, o repórter Jorge Silveira assinou uma matéria veiculada pelo jornal Diário de Montes Claros, em que comentava sobre as "causas da mendicância" em Montes Claros. Mesmo considerando a mendicância um problema mundial, ele ressalta que no caso da cidade foi o "crescimento industrial, exatamente ele, [...] o principal responsável pelo êxodo rural, pois é no sonho de trabalho numa fábrica que reside o "eldorado" do abandonado homem do campo". Destacou ainda, entre outras coisas, que a SUDENE também deveria atuar igualmente em projetos agropecuários, em sua opinião, tão ou mais importantes que os industriais. Assim, no entendimento de Silveira, o homem do campo teria as chances necessárias para permanecer no campo.

Durante os anos de 1970, em todos os jornais e revistas que examinamos existe uma constante necessidade em se explicar a nova dinâmica social da cidade: indústrias sendo instaladas, grandes empresários nacionais e estrangeiros visitando a cidade em busca de um local "viável" para os seus projetos, a expectativa da população pela chegada das indústrias que sempre eram anunciadas nos jornais, o aumento populacional, o surgimento de novos espaços periféricos e, consequentemente, os problemas estruturais. Montes Claros se transformava e no evolver desses acontecimentos a mídia pretendia ser a porta voz do progresso. Contudo, mesmo falando em nome da elite econômica e sendo favorável à disseminação da boa imagem de Montes Claros, os problemas estruturais enfrentados pelo município a partir da chegada das indústrias não puderam ser ocultados pela imprensa.

Percebemos nesse período que grande parte dos editoriais, reportagens, notícias e matérias publicadas nos jornais locais, ao dar notoriedade a esse processo, acabou por teorizar as relações sociais dos diversos sujeitos sociais que transitavam pela cidade. Lembrando que o considerável número de matérias dos jornais e revistas procurava propagar um determinado entendimento acerca do processo vivenciado na

cidade, o que, de certa forma, contribuiu para produzir conceitos e significados das experiências dos viveres urbanos, que em última instância dotaram de sentidos as práticas cotidianas.

Entendemos que a complexidade das relações sociais vivenciadas na cidade escapa às explicações atribuídas pela imprensa. Assim, apesar de os jornais apontarem as desigualdades sociais, quase sempre as pessoas surgem como seres passivos e incapazes de agir por conta própria. No entanto, a imprensa não é homogênea e em alguns momentos ela deixa reticências que, se bem captadas, apontam a existência de relações que vão além do êxodo rural ou do surgimento de espaços periféricos, revelando que o social é muito mais complexo do que ora foi apontado, seja com o surgimento e crescimento da periferia e mendicância, seja com a chegada de novas indústrias ou com o fechamento destas. Assim, da mesma maneira que a imprensa produz conceitos sobre esse processo, as pessoas, ao narrarem suas vivências, também produzem sentidos, mesmo que não tenham a notoriedade dos textos jornalísticos. Vale ressaltar que a linguagem de cada fonte, seja ela oral ou escrita, tem suas peculiaridades e procura sempre produzir sentidos e disseminar idéias.

Assim sendo, ao dar ênfase às mazelas sociais, a imprensa acaba por simplificar as relações sociais vivenciadas na cidade. No entanto, os textos que encontramos nos jornais e revistas não se apresentam como um conjunto articulado seguindo para uma única direção. Eles apontam outros caminhos, que podem ser percebidos através do seu conjunto. E é dessa maneira, buscando pistas, que quase sempre são pequenas indicações, que a partir da imprensa descobrimos o trânsito complexo dos sujeitos sociais pela cidade.

Isso foi possível de ser percebido através das páginas do Jornal do Norte, de 12 de outubro de 1989. Nessa edição, encontramos uma pequena nota na coluna cidade, informando sobre as eleições da nova diretoria da associação dos moradores do bairro Eldorado e Santa Eugênia. A nota diz o seguinte:

> Será eleita no próximo domingo dia 15, a nova diretoria da Associação dos moradores dos bairros Santa Eugênia e Eldorado. Concorrem ao pleito duas chapas, uma encabeçada por José Adão Francisco dos Reis, que participa da atual direção como terceiro tesoureiro, e a outra por Sebastião Ribeiro. Atualmente existem 1160 pessoas associadas à entidade, e a previsão é de que mais da metade vote domingo. As urnas ficarão das 8 as 16 horas na sede da

> Associação, sendo o resultado conhecido no mesmo dia. A posse da nova diretoria acontecerá no dia 3 de dezembro. José Adão salienta que sua principal proposta é desenvolver o setor esportivo nos bairros, além do que irá lutar pela implantação da rede de esgoto, benefício que ainda falta em algumas ruas. É intenção também do tesoureiro buscar a implantação de mais uma escola de primeiro grau naquela região.[166]

Essa pequena nota, colocada estrategicamente no fim da página, talvez por que nada "representasse ou significasse" para aqueles que compram os jornais, nos dá pistas de como essas pessoas, neste caso, os trabalhadores têxteis, estão vivendo e quais espaços estão disputando e construindo na cidade.

Foi conversando com o Senhor Joanes, funcionário do grupo Coteminas desde 1977 e morador do bairro Eldorado desde a mesma data, que soubemos sobre o Senhor Sebastião Ribeiro. O mesmo Sebastião Ribeiro que, na nota transcrita acima, surge como um dos candidatos de uma das chapas que pleitearam a presidência da associação dos moradores do bairro Eldorado em 1989. Segundo o Senhor Joanes, "ele saía da Coteminas [...], e ia prá lá (prefeitura) pra pedir ele (o prefeito) as melhoria pra cá... e ele conseguia as coisa".[167] Ainda se referindo à Sebastião Ribeiro, o Senhor Joanes ressaltou que pessoas como ele:

> [...] _marcaram história aqui...Zé Nunes, que mora lá na rua O, também foi um homem que trabalhou na Coteminas [...] era um homem de luta aqui na comunidade, batalhador, entendeu? Seu Vicente... são moradores velhos que...
> _ Foram todos colegas do Senhor na Coteminas?
> _ É... só que era bastante novo na época, mas eu sei porque eu cheguei a participar, e eles deixaram história e essa história começou gravar na nossa memória, né, que a gente não esquece, né, então... são pessoas que trabalharam, que fez alguma coisa pro bem comum. A gente vai vendo as histórias, né, acho que a gente tem... por isso a gente tem que contar... a semente para que bons frutos venham.[168]

Como ressaltou o Senhor Joanes, essas pessoas "deixaram história e essa história começou gravar na nossa memória". As práticas sociais desenvolvidas por essas

---

[166] Moradores elegem nova diretoria de Associação. **Jornal do Norte.** Montes Claros, 12 ago. 1989, pg. 4. Arquivo particular do Senhor Américo Martins Filho.
[167] JOANES. 15 jan. 2009, Montes Claros, formato mp3, (1h 20 min). Entrevista concedida à autora
[168] JOANES. 15 jan. 2009, Montes Claros, formato mp3, (1h 20 min). Entrevista concedida à autora

pessoas fazem parte do bairro onde moram, deram forma à cidade que temos hoje e, por isso mesmo, são parte de suas vidas. Aqui é possível perceber que os trabalhadores, para além do ambiente onde vivem e trabalham, se reconhecem pelos problemas que enfrentam diariamente, pelos ideais que partilham, e também pelo seu estilo de vida e lazer. Assim estão se constituindo como classe. Portanto, hoje, buscar por essas pessoas para trazer à tona memórias esquecidas referentes às suas vivências tanto na militância dentro das associações quanto na fé vivida nas igrejas faz parte deste trabalho, que é reconstruir os modos de viver desses sujeitos sociais. É igualmente perceber como eles estão se articulando nesse ambiente, transformando-o em sua nova casa. Assim, quando nos propomos a falar sobre os lugares por onde andam os trabalhadores têxteis, estamos privilegiando as relações construídas, seja nas igrejas ou nas associações de bairro, onde, em conjunto, construíram os seus templos, as sedes comunitárias, com as rendas provenientes de bingos, leilões, doações e suas muitas formas de sociabilidades.

Seguindo uma tendência nacional, as associações de bairros e sindicatos formados em Montes Claros durante a década de 1980 tiveram uma estreita ligação com a ala progressista da Igreja Católica. As Comunidades Eclesiais de Base – CEBs – juntamente com as Pastorais, principalmente a Pastoral Operária, foram responsáveis pela formação de lideranças entre os trabalhadores e isso possibilitou a eles uma ação conjunta que resultou na formação de associações de bairros e sindicatos de classe. Foram várias as associações e os sindicatos surgidos a partir das reuniões da Pastoral Operária nos salões paroquiais ou mesmo nas residências de trabalhadores. Constantemente a igreja promovia debates e estudos sobre a bíblia, a história dos trabalhadores, além de formar quadros para o movimento popular. Portanto, temos entre religião e as questões sociais um diálogo constante e particularmente fecundo nesse período.

É importante mencionar que o tema CEBs não foi abordado junto aos entrevistados, portanto, nada podemos dizer especificamente sobre o modo como a compreendiam. Mas é certo que, em Montes Claros, nessa época, a paróquia de Todos os Santos Reis, de onde falam os nossos entrevistados neste momento, foi uma das paróquias mais ativas em termos de CEBs.[169] Mesmo não tendo abordado esse assunto

[169] Neste terceiro capítulo, ao tratar da atuação dos trabalhadores nas associações de moradores e na igreja, privilegiaremos a região do grande Santos Reis, que engloba vários bairros. O Santos Reis está localizado no extremo norte do município de Montes Claros, a mais ou menos 5 km do centro. O seu crescimento foi verificado mais intensamente durante as décadas de 1960 e 1970, e hoje é um dos bairros mais populosos da cidade. Atualmente chamamos de região do grande Santos Reis o conjunto de bairros

com os entrevistados, sabemos que o discurso que se fazia presente na igreja católica em fins da década de 1970, 1980 e boa parte da década de 1990 estava direcionado a um novo jeito de ser igreja. Um discurso vinculado à Teologia da Libertação, que privilegiava as camadas menos favorecidas da sociedade, não só em tese, mas de maneira muito ativa na prática. Assim, temos as Pastorais Operária e da Terra contribuindo de maneira efetiva para a união e organização dos trabalhadores rurais e urbanos em Montes Claros nesse período.[170]

Portanto, os ensinamentos cristãos e católicos fazem parte da vida dessas pessoas. E isso está presente em suas narrativas, sobretudo nas narrativas do Senhor Joanes e do Senhor Humberto. Mesmo que atualmente a paróquia esteja voltada para o discurso carismático (o que em alguma medida gerou uma tensão entre alguns moradores), ainda é possível perceber em suas palavras e ações muito do que foi aquela época, um momento em que todas as forças eram despendidas na luta para que o Reino de Deus se efetivasse aqui neste mundo, para que a sociedade fosse mais justa e menos desigual. Foi para isso que muitas pessoas trabalharam, para fazer "alguma coisa pelo bem comum". A conversa com o Senhor Joanes começou assim:

> _ Quando o Senhor começou a trabalhar?
> _ Eu comecei trabalhar... na verdade eu sou paranaense... sou de um lugar por nome Cruzeiro do Sul. Eu trabalhava mexendo com lavoura de café, até a idade de 16 anos eu vivi no Paraná. Aí devido a meus pais são daqui da região de Coração de Jesus, aí os familiares foram morrendo eles achou por bem vim pra cá pra Minas Gerais. Em 1974 veio pra cá, só que Minas Gerais é um pouco diferente do Paraná porque... já chama Gerais né? Lá é uma região um pouco fértil e a situação não tava muito boa e a gente veio embora pra Montes Claros. Em 1977, em março de 77, eu vim pra cá. O primeiro emprego que eu trabalhei foi na Somai Nordeste, trabalhei cinco meses, devido a questão de saúde eu fui obrigado a sair e logo um mês após, no dia 08 de setembro de 77, eu entrei no grupo Coteminas, no qual eu tô até hoje trabalhando, vai fazer 32 anos, né? Me aposentei lá, trabalho até hoje.[171]

---

situados na região norte da cidade, entre eles estão os bairros Santos Reis, Eldorado, Nova Morada, Jardim Brasil, Vila Atlântida, São Francisco de Assis, entre outros. Na divisão da igreja católica, o Santos Reis é uma paróquia que agrega várias igrejas, entre elas temos a igreja de São José Operário no bairro Eldorado e a igreja de Santa Mônica no bairro Nova Morada. São essas igrejas de que trataremos mais de perto.

[170] MENDES, L. A. **O Partido dos Trabalhadores em Montes Claros-MG:** Fundação e Consolidação na década de 1980. 77 f. Monografia (graduação em História) Centro de Ciências Humanas. Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2004. Agradecemos a Leandro pelas muitas conversas que tivemos sobre o assunto.

[171] JOANES. 15 jan. 2009, Montes Claros, formato mp3, (1h 20 min). Entrevista concedida à autora.

É interessante notar que antes de responder diretamente à pergunta o Senhor Joanes sente a necessidade de se identificar e também de ressaltar as condições de vida no seu local de origem. Acreditamos que essa é uma maneira de determinar o seu espaço na entrevista. Dessa forma, ele tem como trazer para a narrativa elementos que lhe conferem autoridade para falar. Toda a sua narrativa é construída com firmeza, o que acreditamos seja uma forma de se afirmar como sujeito. Ao falar sobre o pai e a família, há o reconhecimento da dignidade de ser um trabalhador, que luta, que não desiste, que sempre busca por alternativas: "e a nossa situação não estava muito boa e a gente veio embora pra Montes Claros". Conversamos por mais de uma hora com o Senhor Joanes em sua casa no bairro Eldorado. Falamos sobre o seu trabalho no grupo Coteminas, sobre como se engajou na igreja e o trabalho desenvolvido enquanto esteve à frente da coordenação do conselho e, especialmente, com relação à construção da igreja de São José Operário. Ao falar sobre esse momento o faz com satisfação e com orgulho do trabalho desenvolvido:

> Eu comecei a trabalhar na construção dessa igreja aí, ela era pequeninha, cabia mais ou menos umas 160 pessoas... 200 pessoas. Eu peguei e falei... reunimos o pessoal e fizemos a equipe: vamos aumentar essa igreja. [...] Aí quando a gente começou esse trabalho tinha 5.650,00 em caixa, não dava pra comprar nem as ferragens direito. [...] Não sei se você já viu a igreja daqui. A igreja cabe mil pessoas [...] é 37 por 20 m de largura. [...] Aí a gente começamos a trabalhar em cima disso aí. [...] Aí comprou ferragens e começamos... aí formou equipe de carnezin e fomos de casa em casa, um podia dá cinco reais, podia dá dois reais e assim foi. Aí nós começamos... de cara quando nós começamos trabalhar... quando o pessoal viu, chegou um tanto de material lá, a gente não sabia de onde tava chegando, o pessoal anonimamente doava, caminhão de brita e tal. Eu fui na Lafarge e nós conseguimos lá através da equipe nossa, nós conseguimos cento e oitenta saco de cimento, conseguimos mais cinco caminhões de brita, essas coisas nós conseguimos. E mandei uma carta pra Alemanha através de D. Geraldo pra que eles nos ajudasse de alguma forma, como a gente fazia a cobertura, se era de telha galvanizada e, esse telhado ficava em 22.840,00 reais, só o telhado, porque a base de baixo a gente já tinha conseguido o material. Procê vê... não tinha nada e trabalhando só nós mesmo, nos finais de semana, todo mundo juntava, tinha vez que juntava cem pessoas pra trabalhar, aí a gente mandou essa carta pra lá. D. Geraldo falou que não sabia se conseguia não, mas ia tentar. Aí chegou um dinheiro, chegou o dinheiro pra nós certim, nós tivemos que tirar foto do bairro

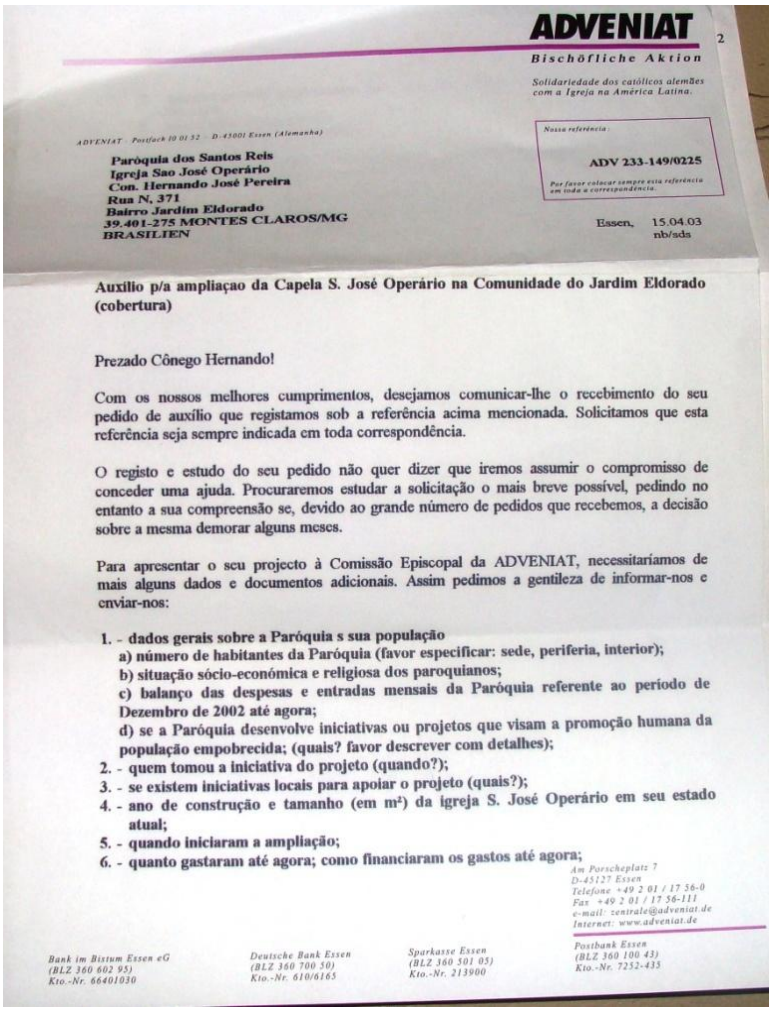
> inteirim pra mandar pra eles. [...] Então a gente conseguiu, mandou o dinheiro pra nós através, pelo nome de padre Osvaldo, que era o padre na época. Assim, né, ele veio, esse dinheiro, e tiramos e colocamos o telhado. Ai foi passano e pensamos em colocar o piso, um piso comum, que pra colocar um granito... esse granito... como é que chama? É granitin... é um que passa uma máquina, todo supermercado tem né, nós colocamos. A minha preocupação maior que sempre falava que nós tinha que fazer uma capela. A capela tinha que caber pelo menos um grupo, um grupo grande, né, a capela nossa cabe quarenta pessoas, só a capela e o vaozão... fora o vão que eu tô falando com cê, que cabe esse tanto de gente, né, capela muito grande né, e quando assim, com o passar do tempo que eu assumi a coordenação eu sempre falava com o coordenador que é o mesmo coordenador na época, eu falava: ó, Joel, quando eu saí da coordenação você tem que ter em mente uma coisa, forrar a igreja e depois que terminar de forrar a igreja, pintar, essas coisa, cê tem que pegar esse prédio que tem telha comum e subir mais um pavimento pra cima, pra que quando chegar um padre, uma pessoa de fora chegar, gente da igreja que não tem local pra ficar, é de ter um local. Aí tudo isso foi concluído... um depósito muito grande em cima, tem.. forrou ela todinha de PVC, toda forrada.. igreja toda forrada, uma coisa muito bonita, em termos de pobre, desses bairro pobre... fizemo uma pracinha muito bonitinha, muito organizadinha. Uma coisa muito... pra quem gosta da comunidade, do bairro é um trabalho muito bem feito, tem a pastoral familiar, pastoral da criança, tem um trabalho muito bom que é das irmã.[172]

Aqui é possível perceber que a vida desses trabalhadores se faz muito dentro do bairro onde moram. A vida é vivida dentro de um espaço conhecido e partilhado por muitos, em uma vida de grupo muito intensa e ativa, com as reuniões da Associação e da Igreja. Ao falar sobre suas atividades à frente da coordenação do conselho de pastoral da Igreja de São José Operário, o Senhor Joanes externa isso com muita satisfação. A construção da Igreja é um desses feitos levados a cabo com a participação de todo o bairro. Em prol da construção da igreja todos se uniram formando "equipe de carnezin e fomos de casa em casa, um podia dá cinco reais, podia dá dois reais e assim foi". Normalmente os grupos se dividem em várias equipes com funções diferentes para angariar fundos, conseguir donativos. "Eu fui na Lafarge e nós conseguimos lá através da equipe nossa, nós conseguimos cento e oitenta saco de cimento, conseguimos mais cinco caminhões de brita, essas coisas nós conseguimos."

Entretanto, para levar ao fim a construção de uma igreja que cabe aproximadamente mil pessoas é necessário mais empreendimento, mais ação. Por isso, "mandei uma carta pra Alemanha através de D. Geraldo pra que eles nos ajudasse de

[172] JOANES. 15 jan. 2009, Montes Claros, formato mp3, (1h 20 min). Entrevista concedida à autora.

alguma forma”. A carta a que o Senhor Joanes se refere foi escrita solicitando a ajuda de uma entidade ligada à igreja católica alemã para a cobertura do telhado. Abaixo apresentamos a resposta dada por essa entidade, a Advenat.



ADVENIAT 2

Bischöfliche Aktion

Solidariedade dos católicos alemães com a Igreja na América Latina.

ADVENIAT · Postfach 10 01 52 · D-45001 Essen (Alemanha)

Paróquia dos Santos Reis
Igreja Sao José Operário
Con. Hernando José Pereira
Rua N, 371
Bairro Jardim Eldorado
39.401-275 MONTES CLAROS/MG
BRASILIEN

Nossa referência:

ADV 233-149/0225

Por favor colocar sempre esta referência em toda a correspondência.

Essen, 15.04.03
nb/sds

Auxilio p/a ampliaçao da Capela S. José Operário na Comunidade do Jardim Eldorado (cobertura)

Prezado Cônego Hernando!

Com os nossos melhores cumprimentos, desejamos comunicar-lhe o recebimento do seu pedido de auxílio que registamos sob a referência acima mencionada. Solicitamos que esta referência seja sempre indicada em toda correspondência.

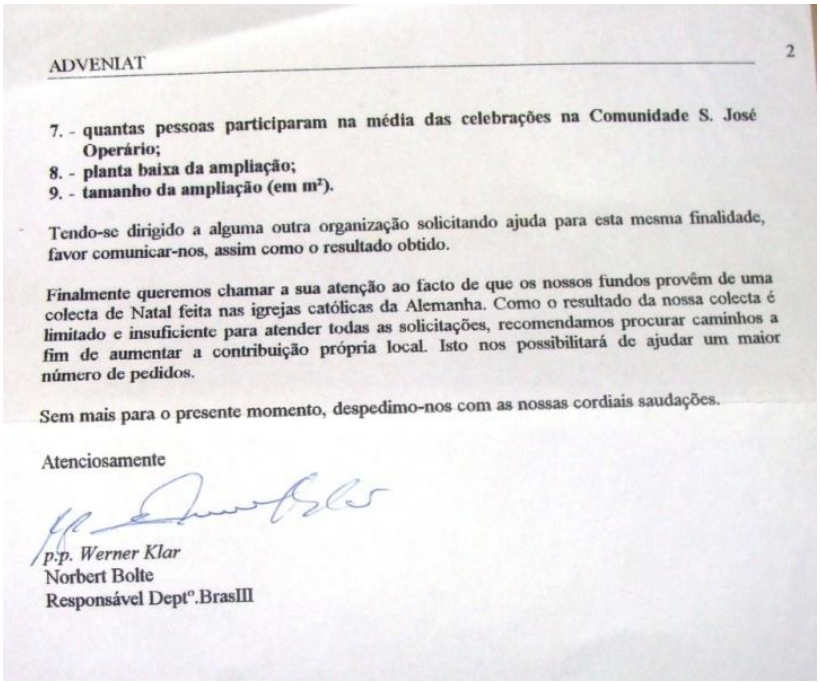
O registo e estudo do seu pedido não quer dizer que iremos assumir o compromisso de conceder uma ajuda. Procuraremos estudar a solicitação o mais breve possível, pedindo no entanto a sua compreensão se, devido ao grande número de pedidos que recebemos, a decisão sobre a mesma demorar alguns meses.

Para apresentar o seu projecto à Comissão Episcopal da ADVENIAT, necessitaríamos de mais alguns dados e documentos adicionais. Assim pedimos a gentileza de informar-nos e enviar-nos:

1. - dados gerais sobre a Paróquia s sua população
a) número de habitantes da Paróquia (favor especificar: sede, periferia, interior);
b) situação sócio-económica e religiosa dos paroquianos;
c) balanço das despesas e entradas mensais da Paróquia referente ao período de Dezembro de 2002 até agora;
d) se a Paróquia desenvolve iniciativas ou projetos que visam a promoção humana da população empobrecida; (quais? favor descrever com detalhes);
2. - quem tomou a iniciativa do projeto (quando?);
3. - se existem iniciativas locais para apoiar o projeto (quais?);
4. - ano de construção e tamanho (em m²) da igreja S. José Operário em seu estado atual;
5. - quando iniciaram a ampliação;
6. - quanto gastaram até agora; como financiaram os gastos até agora;

Am Porscheplatz 7
D-45127 Essen
Telefone +49 2 01 / 17 56-0
Fax +49 2 01 / 17 56-111
e-mail: zentrale@adveniat.de
Internet: www.adveniat.de

Bank im Bistum Essen eG (BLZ 360 602 95) Kto.-Nr. 66401030
Deutsche Bank Essen (BLZ 360 700 50) Kto.-Nr. 610/6165
Sparkasse Essen (BLZ 360 501 05) Kto.-Nr. 213900
Postbank Essen (BLZ 360 100 43) Kto.-Nr. 7252-435



ADVENIAT 2

7. - quantas pessoas participaram na média das celebrações na Comunidade S. José Operário;
8. - planta baixa da ampliação;
9. - tamanho da ampliação (em m²).

Tendo-se dirigido a alguma outra organização solicitando ajuda para esta mesma finalidade, favor comunicar-nos, assim como o resultado obtido.

Finalmente queremos chamar a sua atenção ao facto de que os nossos fundos provêm de uma colecta de Natal feita nas igrejas católicas da Alemanha. Como o resultado da nossa colecta é limitado e insuficiente para atender todas as solicitações, recomendamos procurar caminhos a fim de aumentar a contribuição própria local. Isto nos possibilitará de ajudar um maior número de pedidos.

Sem mais para o presente momento, despedimo-nos com as nossas cordiais saudações.

Atenciosamente

p.p. Werner Klar
Norbert Bolte
Responsável Deptº.BrasIII

Figura 2: Carta resposta da Adveniat aos moradores do bairro Eldorado.

O dinheiro veio, mas depois de muito trabalho. As exigências da entidade católica alemã foram trabalhosas, como é possível observar na carta resposta, mas nada que desanimasse os fiéis. Determinações cumpridas, "chegou o dinheiro pra nós certim, nós tivemos que tirar foto do bairro inteirim pra mandar pra eles". Dessa maneira, a construção da igreja foi avançando, Seu Joanes salienta que "não tinha nada e trabalhando só nós mesmo, nos finais de semana, todo mundo juntava, tinha vez que juntava cem pessoas pra trabalhar".

O Senhor Joanes é uma pessoa que, de acordo com ele mesmo, sempre gostou de "ser obediente em tudo que faço, em algum superior, eu sempre gostei de ser obediente, não sei se eu aprendi isso foi na empresa, de seguir retim as coisa, né". Suas primeiras atividades no bairro estão relacionadas ao futebol, "eu na verdade, eu mexia com time de futebol. Eu tinha um time aqui chamado Associação Olímpica Industrial". A participação na igreja veio através do convite do seu "cumpade", que mora no mesmo bairro, em uma rua próxima.

> Aí eu tava lá e ele me chamou e falou assim: ô cumpade, vamo lá na igreja? Eu fiquei com vergonha, até puxei a cerveja prum lado, que a gente fica, né, a pessoa chamano, eu falei: ó, eu não vou não, mas na próxima sexta eu quero, [...] aí quando chegou na sexta-feira, eu

> também já tinha combinado com ele de ir, aí eu fui, [...] aí pegamos e comecei a participar, nesse grupo eu fiquei durante dois mês.[173]

As primeiras atividades desenvolvidas na igreja foram como coordenador do grupo de oração "Anunciando Jesus", em que ficou por dois meses. Em seguida, Seu Joanes tornou-se coordenador do conselho de pastoral e passou a participar ativamente de todas as realizações da igreja. É relevante notar que o Senhor Joanes, dentro da fábrica, é, como ele mesmo fez questão de ressaltar, aquele funcionário "que tem obediência", ressalta ainda que "lagartixa sabe onde bate a cabeça". Assim ele nos dá pistas de que suas ações na empresa são minuciosamente calculadas e é exatamente por saber até onde pode ir e quais serão as consequências que se mantém afastado de algumas questões dentro da fábrica. Por isso não se associa ao sindicato da classe e nem se une aos colegas para reivindicações, mas tem nas atividades do bairro, sobretudo nas atividades relacionadas à Igreja, sua maior satisfação. Podemos dizer então que sua identificação de classe está direcionada para as atividades na comunidade.

A narrativa transcrita a seguir é significativa nesse ponto:

> _ O Senhor falou que ajuda na igreja também?
> _É... até agora eu tô afastado um pouco, devido meu tempo, né, porque na verdade fica dois anos na coordenação, eu fiquei seis. Fiquei seis anos porque o padre foi mudano... nós fizemos umas mudança muito radical aqui na nossa comunidade, porque quando eu passei a ser coordenador eu tinha uma missão na qual no momento nós tava trabalhando a campanha da fraternidade de 1998. E a campanha da fraternidade falava contra as drogas e o álcool e baseado naquilo que a gente tava trabalhando eu achei por bem... eu falei... eu aceito a coordenação numa condição: nas nossa festa nós tirar bebida alcoólica, tirar essas música mundana. Não é que eu sou radical não, mas eu vi que não tava batendo. A gente tava trabalhando uma campanha e fazendo outra diferente, quer dizer... não batia, né, então eu achei por bem, falei, aí o pessoal deu aquele choque, porque o pessoal... a festa aqui era aquele movimento, aquela coisa toda e de repente vem uma cabeça pensando diferente, era complicado, né? Aí pegou... tá na hora de cês pensar aí, tem gente mais pra ser eleito, pode ser eleito... então eu na minha opinião tem que ser isso aí. Aí o padre ficou... padre Ivo... o pessoal ficou num silêncio com medo de falar, mas ninguém queria assumir a responsabilidade porque era muito complicado. Era trinta e duas pastorais e movimento pra uma pessoa coordenar não é fácil. É responsabilidade muito grande, em termos de igreja é muita responsabilidade, que não tem tempo muito

[173] JOANES. 15 jan. 2009, Montes Claros, formato mp3, (1h 20 min). Entrevista concedida à autora.

> pra sua família, é dedicar nos períodos de folga, cê tem que tá dedicado à igreja, né. Aí então o padre: bom, cês não falaram nada então eu vou bater o martelo, sim. Aí foi uma luta muito grande. Eu tenho isso gravado em vídeo, né, esse primeiro momento foi uma parte da coordenação, de pessoas que não queria, que falou que nós não ia arrumar dinheiro, pagar o som, que coisa e tal, que ia dá um prejuízo danado, que nós tirou a bebida da festa. [...] Aí foi... eu tava trabalhando e a tardezinha eles me chamaram, falou: ó, as coisa não tá funcionando, nada tá dando certo. Eu falei: vamo com calma, tenha calma que as coisa dá certo. Aí quando foi umas seis hora foi encaixano, encaixano, encaixano tudo... o som que não tinha arrumado, arrumei sem dinheiro, o pessoal não queria ceder o dinheiro pra pagar, o pessoal da igreja mesmo, eu arrumei um patrocinador. Aí nós fizemo essa festa, quando eu cheguei lá, por volta de oito horas... não tinha ninguém seis horas, não tinha ninguém. Quando foi oito horas num vi... tanto de gente que tinha, chein, as famílias todas reunidas nas mesas tomando refrigerante e comendo, só comendo, alimentando... é pastel, espetinho, vaca atolada... essas coisas, e assim pegou o ritual. [...] Hoje na paróquia nenhuma comunidade vende cerveja.[174]

É notável o empenho em realizar as atividades da igreja. Lá ele enfrenta as vozes dissonantes e enfrenta as incertezas. Diante disso, o questionamento torna-se inevitável: o que leva uma pessoa a um envolvimento tão grande com a comunidade ou com a igreja? Sobre isso ele diz que: “trabalhar na comunidade [...] é uma coisa que eu aprendi a gostar e, é bom, a gente se sente bem, se sente amigo das pessoas, se sente assim... faz bem”.[175] Nota-se pelas palavras de Joanes que o sentimento de pertencimento a um grupo, a sensação de calor humano e, em alguma medida, um sentimento de segurança estão presentes nessas relações.

No mesmo caminho de Joanes, Humberto segue desenvolvendo atividades na associação de moradores do bairro Nova Morada, bem como no Conselho de Pastoral da igreja Santa Mônica. Nossa conversa com o Senhor Humberto aconteceu em sua casa, no bairro Nova Morada. Conforme já foi dito anteriormente, quando cheguei a sua casa pela primeira vez, em janeiro de 2009, encontrei-o sentado no chão, com um caderno na mão, formando uma chapa para concorrer às eleições para a nova diretoria da Associação do bairro.[176]

Algumas semanas depois, em 08 de fevereiro de 2009, voltei novamente ao bairro Nova Morada para participar da eleição da associação, bem como da apuração

---

[174] JOANES. 15 jan. 2009, Montes Claros, formato mp3, (1h 20 min). Entrevista concedida à autora.
[175] JOANES. 15 jan. 2009, Montes Claros, formato mp3, (1h 20 min). Entrevista concedida à autora.
[176] Semanas depois voltei no bairro para participar dessas eleições. Nessa ocasião tirei fotos e filmei o momento da apuração dos votos.

dos votos. A eleição e apuração dos votos transcorreram de forma tranquila e contou com a participação de 244 pessoas, dentre as quais duas votaram em branco. A chapa de Humberto era única, para ele foi surpreendente o fato de sua chapa conseguir levar esse número de moradores a participarem de uma eleição. Ressaltou com orgulho que "muitos aí me admira, né, devido o trabalho meu [...] então devido isso as vez eu tenho retorno, assim... um fala uma coisa, outro fala outra e, pelo jeito da gente trabalhar também, pela sinceridade, então eu acho isso muito bom, muito importante".[177]

O retorno enfatizado por Humberto não é um retorno financeiro, como poderíamos esperar que fosse, embora a questão financeira seja muito importante. Mas nesse momento, trata-se do reconhecimento, da amizade e do respeito dos seus amigos e vizinhos. Igualmente interessante foi notar como as pessoas participam ativamente das questões do seu bairro, comparecendo à eleição, mesmo sendo somente uma chapa. No período em que estivemos no bairro, observei que muitos aproveitaram a ocasião para uma conversa com um ou outro que encontravam pelo caminho, enquanto outros chegavam apressados com receio de terem perdido a hora.

Falando sobre as atividades desenvolvidas na igreja de Santa Mônica, Humberto ressalta que a construção da igreja foi um empreendimento levado a cabo por todos. Sua ajuda foi "na mão de obra, trabalhando, pegando tijolo... um mutirão". Humberto ainda enfatizou que:

> Aí... a gente pegou a igreja já... eu falo assim, quando a gente começou a administração nossa do conselho, que tava na mão de outros, que tava em outra coordenação, nós recebemos a igreja pronta, já de pé, rebocada por dentro, quase já dada acabamento, mas porém não tinha a capela, não tinha a sacristia, o piso da igreja tava no piso bruto ainda, grosso como a gente fala, num tinha feito o principal... hoje só falta o presbitério pra gente terminar, a maior parte já foi feita, o piso, pintamo janela, colocamo porta, a sacristia foi feita... a reforma todinha que tinha levantado as parede num tinha rebocado nem nada... já marcamo fez o trabaio todo arrumou pedreiro, servente e colocou pra trabalhar, fez o acabamento todin, colocou porta e janela e tudo... hoje ainda tem lá o presbitério lá pra gente terminar. [...] Aí, só isso aí, só esse trabalho que nós fizemo até hoje, além desse movimento dessa dimensão que entra, nós fizemo promoção, teve muitas prendas, teve uma novilha, teve bicicleta, teve geladeira, que a Lafarge doou pra nós... que é uma empresa que ajuda a gente demais. Então, além do conselho a gente correr atrás, a Associação também é presente nisso aí. [...] Então, devido esse trabalho.... a gente tem festa, todo ano a gente tem festa no mês de junho, tem no mês de agosto, a gente

[177] LEAL, H. 18 jan. 2009, Montes Claros, formato mp3, (1 h 40 min). Entrevista concedida à autora.

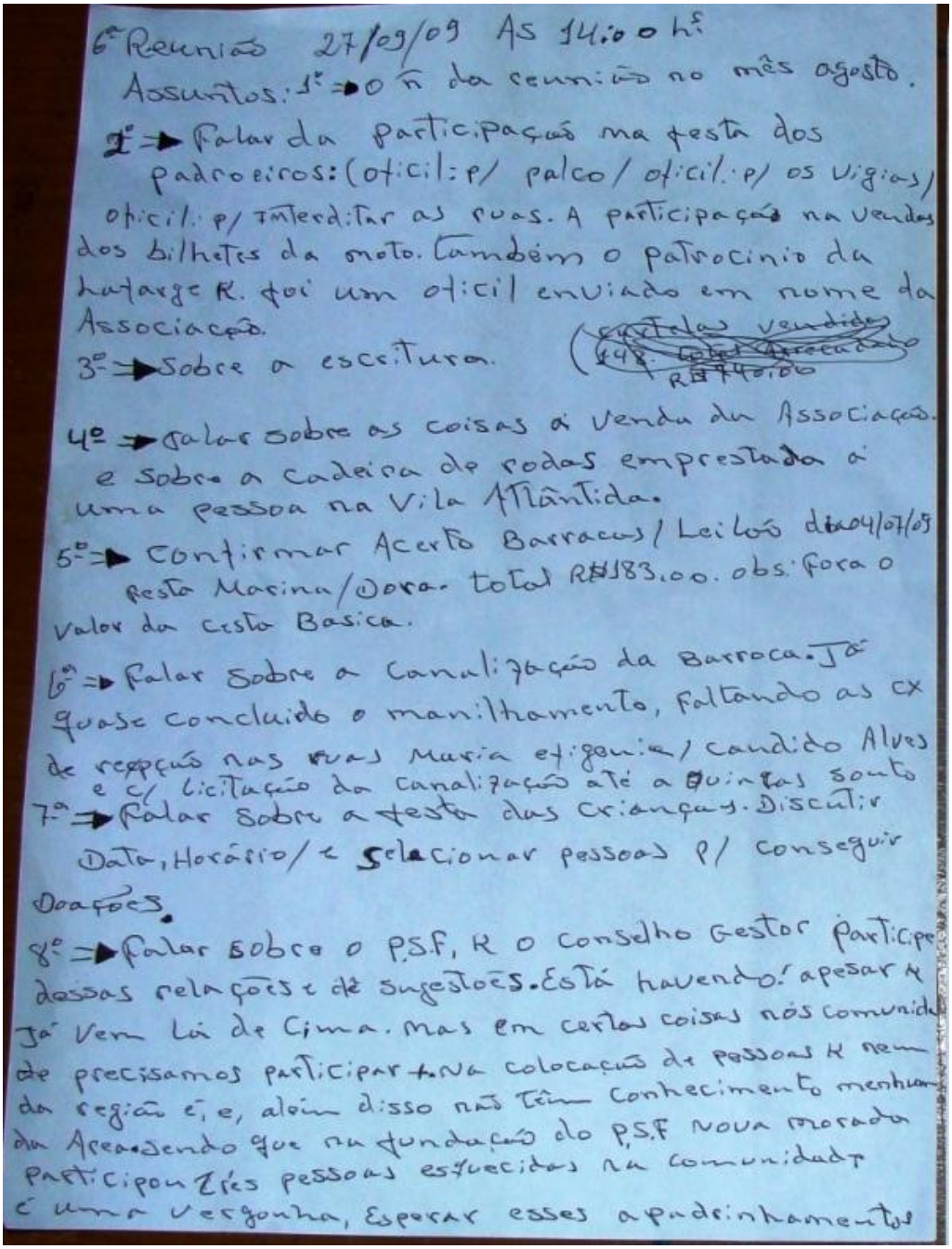
> promove no mês de maio e com essas renda, essas soma que vai tendo a gente conseguiu chegar até onde tá hoje a igreja, pôs piso nela todinha só o piso ficou em treze mil reais, foi de doze a treze e hoje tem esse presbitério que é pra ser feito, tem a capela também pra acabar que tá colocando moldura lá, tá colocando moldura por dentro pra dar acabamento, mas já fez o piso, já colocou a porta e tá prontin. E só esse que já foi gasto tá nesse valor, já agora depois tem que fazer outras promoção, mas essa outra dimensão que entra... esse valor que entrar agora a gente vai gastar no presbitério como eu tô te falando e esse restante da capela que tá pra acabar. E esse valor que tá hoje pra acabar só a área lá do presbitério e do altar deve tá ficando uma faixa de quase oito mil, então... é uma coisa muito difícil, mas se a gente procurar organizar e montar equipe pra trabalhar, pra buscar recurso a gente consegue fazer, porque a estrutura antes pra montar ela foi vinte e oito mil e nós conseguimo de um por um... cada um hoje a igreja tá do jeito que tá lá tem o dedo de um por um, de cada um da comunidade. Todo mundo fez parte... eu costumo dizer assim, né... que ali tem o dedo de cada um, ali não quer dizer que foi eu que fiz, como a coordenação passada tinha esse costume de falar: eu fiz aquilo... eu fiz aquilo outro. Eu acho que não é por aí... né? Se a gente busca o povão... não é eu, é nós... né... somos nós. Acho que isso é muito importante, essa união e essa busca e, através disso aí tá o resultado aí.[178]

As trajetórias nas associações também são marcadas pelos desacordos. Ao longo de suas narrativas, Humberto e Joanes nos deram pistas de como essas relações podem, muitas vezes, se apresentar sob tensões e conflitos. Tanto a igreja, quanto a associação tendem a acolher a todos, mas isso não significa que as pessoas que nelas atuam formem um conjunto homogêneo e unificador. Longe disso. Tanto na igreja quanto nas associações estão presentes modos de agir e pensar atuantes e conflitantes. As cédulas em branco nas eleições de Humberto, bem como o ressentimento com a administração passada, assim como a resistência dos membros do conselho da igreja de São José Operário onde Seu Joanes implantou mudanças radicais são evidências de que as vozes dissonantes também se fazem ecoar pelos salões paroquiais e pelas sedes das associações, afinal a classe não se dá em termos ideais. Pelas narrativas que vimos, podemos perceber como esses espaços de sociabilidades são importantes para os trabalhadores, mas também como os conflitos surgem e por vezes são intensos. E essas divergências também acontecem na vivência dentro do bairro. As relações são intensas, mas muitas vezes existem discórdias, brigas e confusões entre vizinhos ou moradores do bairro.

---

[178] LEAL, H. 18 jan. 2009, Montes Claros, formato mp3, (1 h 40 min). Entrevista concedida à autora.

Falando especificamente de Humberto, ele atua na igreja e na associação de moradores com dedicação e empenho. Em 22 de setembro de 2009, voltamos a sua casa para uma nova conversa e ele estava preparando a pauta da reunião da Associação. Em uma folha simples, ele anotava tudo que já havia sido executado ou encaminhado. Foi isso o que mais chamou a atenção com relação ao Senhor Humberto, já que boa parte do seu tempo livre é direcionada para tentar resolver os problemas do bairro e para participar das atividades da igreja e, como ele mesmo ressalta, as necessidades são muitas. Abaixo transcrevemos a pauta:



6ª Reunião 27/09/09 As 14:00 hs
Assuntos: 1º ⇒ o ñ da reunião no mês agosto.
2º ⇒ Falar da participação na festa dos padroeiros: (oficil: p/ palco / oficil: p/ os vigias / oficil: p/ interditar as ruas. A participação na vendas dos bilhetes da moto. Também o patrocinio da Lafarge R. foi um oficil enviado em nome da Associação.
3º ⇒ Sobre a escritura. (~~cartelas vendidas 148. total arrecadado R$740,00~~
4º ⇒ Falar sobre as coisas à venda da Associação. e sobre a cadeira de rodas emprestada à uma pessoa na Vila Atlântida.
5º ⇒ Confirmar Acerto Barracas / Leilão dia 04/07/09 festa Marina / Dora. total R$183,00. obs: fora o valor da cesta Basica.
6º ⇒ Falar sobre a canalização da Barroca. Já quase concluido o manilhamento, faltando as cx de recepção nas ruas Maria efigenia / Candido Alves e c/ licitação da canalização até a Quintas Souto
7º ⇒ Falar sobre a festa das crianças. Discutir Data, Horário / e selecionar pessoas p/ conseguir Doações.
8º ⇒ Falar sobre o P.S.F, K o conselho Gestor participe dessas relações e dê sugestões. Está havendo: apesar K já vem lá de cima. mas em certas coisas nós comunidade precisamos participar + na colocação de pessoas K nem da região é, e, além disso não têm conhecimento menhum da Area. Sendo que na fundação do P.S.F Nova morada participou três pessoas esquecidas na comunidade é uma vergonha, Esperar esses apadrinhamentos

Figura 3: Pauta da reunião da associação dos moradores do bairro Nova Morada.

Os problemas vividos no bairro são muitos e exigem uma extrema dedicação, não somente do presidente da Associação, mas de todos os moradores. Por isso, paralelamente às melhorias desejadas, o Senhor Humberto busca suscitar nos demais moradores um maior interesse pelas questões da comunidade. Isso é mais visível quando observamos um dos tópicos da reunião que diz respeito ao Programa de Saúde da Família. Nesse momento, Humberto observa questões importantes e solicita que os outros moradores se engajem nessa luta, que não é de um, mas de toda a comunidade. Vejamos o que ele escreve:

> Falar sobre o PSF: k o conselho gestor participe dessas relações e dê sugestões. Está havendo apesar k vem já vem lá de cima. Mas em certas coisas nós comunidade precisamos participar +. Na colocação de pessoas k nem da região é, e, além disso não têm conhecimento nenhum da área. Sendo que na fundação do PSF Nova Morada participou três pessoas esquecidas na comunidade. É uma vergonha, esperar esses apadrinhamentos.[179]

A atuação na Associação passa primeiro pelo reconhecimento de seus limites "apesar k já vem lá de cima", para em seguida tentar superá-los: "nós comunidade precisamos participar +". A luta se faz presente no bairro, em meio aos seus pares, à sua família, aos seus vizinhos, aos companheiros de trabalho. A identidade de classe é reforçada diariamente através das atividades realizadas com os companheiros, as festas organizadas na igreja, as barraquinhas, os bingos, os leilões que, além de servirem para arrecadar fundos é também o momento de socializar com os seus pares. Isso é emblemático se notarmos que, tanto Joanes como também são aqueles funcionários que se mantém afastados das movimentações dos seus colegas no local de trabalho. O comportamento de ambos dentro da fábrica é de renúncia em relação às reivindicações dos trabalhadores. Tanto Humberto como Joanes não se envolveram com a greve, não se envolvem com as questões sindicais, contudo, exercem, cada, um no seu bairro, um papel muito importante na comunidade e na Igreja. Podemos dizer então que o sentimento de pertencimento a uma determinada classe, ou melhor, a sua expressão de

[179] LEAL, H. Pauta da 6 reunião da associação dos moradores do bairro Nova Morada. 27 set. 2009.

classe vai ser evidenciada em outra dimensão de sua vida, neste caso, na associação e na igreja. Portanto, em seus bairros são homens ativos, que lutam e que agem em prol do bem comum.

Na esfera do trabalho as ações são limitadas, não há envolvimento com o sindicato, não há envolvimento com a movimentação dos colegas. Isso porque a identificação de classe vai se perdendo no local de trabalho, e isso, acreditamos, está estritamente relacionado às transformações nas relações de trabalho. Ali no ambiente fabril a grande preocupação é se as metas serão atingidas, é se a produção saiu sem problemas e se os contratos com os clientes serão cumpridos para que o trabalho esteja assegurado, é se as horas extras serão suficientes no final do mês. Dessa forma, o local de trabalho se esvazia dessa perspectiva de classe que se evidencia pelas formas clássicas de luta, que temos na greve e nas reivindicações o seu ápice. Contudo, isso não quer dizer que não haja companheirismo com os colegas ou que a luta de classes não esteja presente nas relações dentro do local de trabalho.

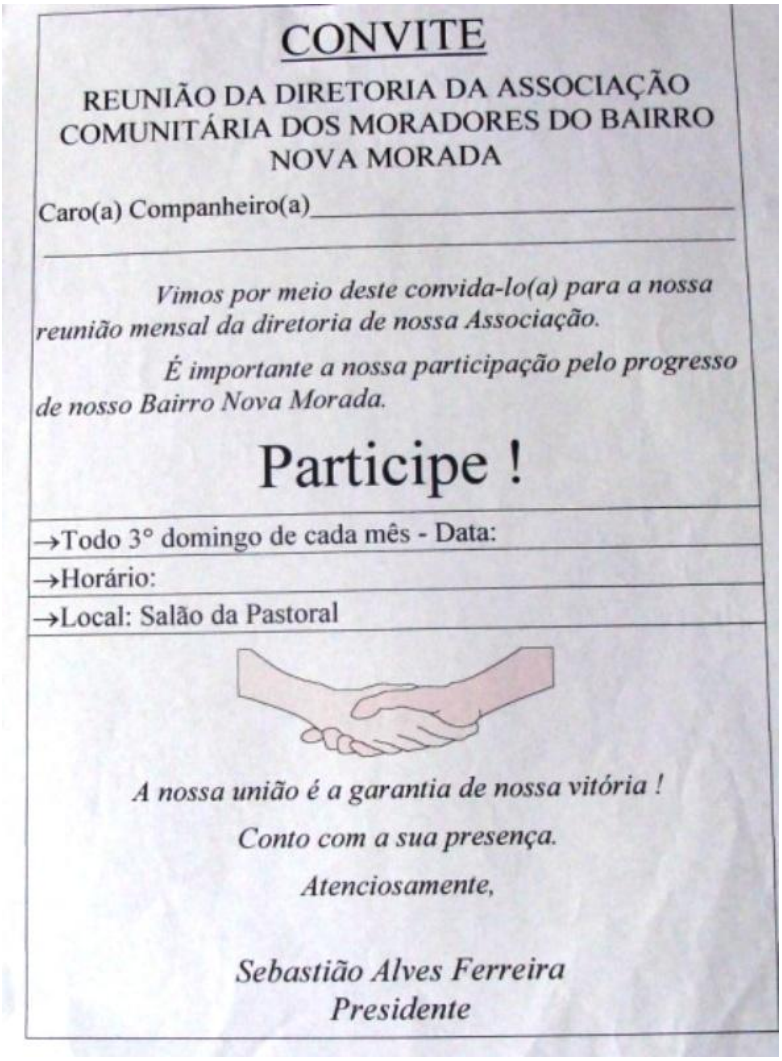
É no bairro que eles se unem com os seus pares, organizam uma festa, coordenam o conselho da igreja que é formado por "trinta e duas pastorais [...]. É responsabilidade muito grande, em termos de igreja é muita responsabilidade, que não tem tempo muito pra sua família, é dedicar nos períodos de folga, cê tem que tá dedicado à igreja". São os seus sentimentos de identidade de classe que são traduzidos nessas ações e são esses sentimentos que os levam a dedicar parte do seu tempo livre à igreja e à comunidade.

É igualmente interessante notar que na narrativa de Humberto, transcrita acima, ao falar sobre o trabalho na igreja, ele expressa de forma enfática que "se a gente busca o povão... não é eu, é nós... né... somos nós". Em outro momento, falando sobre como deve ser a participação de todos no bairro, volta a frisar que "nós comunidade temos que participar +". Queremos chamar a atenção para o fato de que são em momentos como esses que esses sujeitos sociais estão se fazendo, se construindo como classe, e isso se dá pela participação, pela união, pelos enfrentamentos diários, pelas necessidades vividas e partilhadas de cada um. Isso significa que eles se unem e articulam entre si os seus interesses comuns, com divergências e desacordos, porque, como lembra Thompson, "a classe não existe para ter um interesse ou uma consciência ideal, nem para se estender como um paciente na mesa de operações de ajuste".[180]

[180] THOMPSON, E. P. **A Formação da classe operária inglesa** I, p. 11.

Portanto, os desacordos e as vozes dissonantes que ouvimos nas igrejas e associações também fazem parte desse processo, fazem parte do fazer-se da classe.

Entre os vários documentos produzidos pela Associação de moradores, encontramos o convite produzido por eles, em que a associação conclama a população a participar das reuniões mensais. É significativa a frase "a nossa união é a garantia de nossa vitória". Explicita de forma mais clara como que a ideia de união, de ajuda mútua, de uns pelos outros está muito viva nos bairros operários.



CONVITE

REUNIÃO DA DIRETORIA DA ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DOS MORADORES DO BAIRRO NOVA MORADA

Caro(a) Companheiro(a)_____

Vimos por meio deste convida-lo(a) para a nossa reunião mensal da diretoria de nossa Associação.

É importante a nossa participação pelo progresso de nosso Bairro Nova Morada.

Participe !

→Todo 3° domingo de cada mês - Data:

→Horário:

→Local: Salão da Pastoral

A nossa união é a garantia de nossa vitória !

Conto com a sua presença.

Atenciosamente,

Sebastião Alves Ferreira
Presidente

Figura 4: Panfleto desenvolvido pela Associação de moradores do bairro Nova Morada

Assim, a vida do trabalhador é construída nas relações sociais que se processam no bairro e os problemas enfrentados nele são muitos. Em geral, a vida em bairros operários, como o Eldorado e o Nova Morada em Montes Claros, é muito diferente da vida nos bairros de classe média. Naqueles as pessoas compartilham

informações e hábitos; de uma maneira geral têm um mesmo modo de viver e são mais próximas umas das outras.

Quando conversávamos com o seu Dedé percebemos como a vida no bairro é construída, quase sempre, a partir de uma relação amigável entre os vizinhos e, principalmente, da condição de classe dessas pessoas. É nesse sentido que se constroem e se intensificam as relações sociais dentro do bairro, de ajuda mútua, de companheirismo, da ajuda nos finais de semana para terminar a casa. É, pois, também uma relação de classe. Ele nos disse assim:

> [...] eu lembro como hoje... tinha uma moça que morava ali ó, eu tava drumino, ela me chamou, o relógio num dispertô. Ô Dedé cê num vai trabaiá hoje não? Falei: tá na hora. Saí doido na carrera... eu lembro disso até hoje, por que o relógio num dispertô direitim... mais já sufri... perdi sono. Ó.. cê levanta, vai levantá, vamo supor, levantá cinco hora pra trabaiá, cê acorda quatro, cê vai drumi que presta mais? A gente durmi... o relógio num dispertá, cê fica naquela, né.... atrasava não... teve um dia que eu atrasei.[181]

São nesses momentos que percebemos um sentimento de identificação com os seus iguais. É porque são vizinhos, porque têm as mesmas necessidades, porque partilham as mesmas dificuldades, ou seja, porque vivem as mesmas condições de desigualdade. E é dessa noção de identidade de classe que surge uma necessidade de assumir uma postura de colaboração e camaradagem com relação aos seus pares. E esse sentimento de classe não está condicionado à coordenação ou ocupação de um determinado cargo dentro da comunidade, ele se estende a todos.

É por esta boa relação que muitos conseguem uma carta de recomendação para um trabalho que surgiu onde o vizinho trabalha ou é informado primeiro sobre as vagas que irão surgir. Foi assim que Jaqueline conseguiu trabalho depois de cinco anos desempregada. Ela conta como foi: “ah foi um vizim meu que era encarregado lá. Aí eu conversando com ele, né, eu tava desempregada, cinco anos que eu tava desempregada, aí ele me deu a carta de apresentação, aí eu fui lá”.[182] A carta de apresentação é um documento pelo qual alguém indica outra pessoa, de boa reputação, ordeira e afeita ao trabalho. Também foi se valendo dos amigos que o Senhor Vilson de Cardoso Faria

[181] ADÃO, J. 14 jan. 2009, Montes Claros, formato mp3, (1h). Entrevista concedida à autora.
[182] SOUZA, J. R. 31 jul. 2008, Montes Claros, formato mp3, (20 min). Entrevista concedida à autora.

conseguiu trabalho quando ficou desempregado: “pra mim conseguir o trabalho lá foi através de um colega meu que trabalhava lá. [...] Aí quando eu saí lá da Transnorte, deixei meu currículo lá com ele, aí ele arrumou a vaga pra mim”.[183]

Portanto, esses espaços se configuram como espaços de identificação muito importantes, porque são neles que a vida acontece. São no bairro os momentos de lazer, as festas em conjunto com a comunidade e percebemos isso conversando tanto com Joanes quanto com Humberto e os outros moradores. Assim, os amigos e vizinhos compõem uma vasta rede de sociabilidades com que, devido à camaradagem e companheirismo, buscam ajudar-se uns aos outros, seja indicando para um trabalho, seja se solidarizando em momentos difíceis. Os laços de solidariedade e companheirismo se solidificam ao se unirem para fazer um bingo com a finalidade de arrecadar verba para custear o velório da mãe de Milton, um vizinho. Veja cartaz abaixo:

[183] FARIA, V. C. 18 jul. 2008, Montes Claros, formato mp3, (25 min). Entrevista concedida à autora.

Figura 5: Panfleto sobre bingo beneficente – Associação dos moradores do bairro Nova Morada

As experiências comuns e os valores partilhados são traduzidos na consciência de que precisam se ajudar uns aos outros. São em momentos como esses que conseguimos identificar uma consciência de classe, uma identificação em relação aos problemas e às necessidades dos seus pares.

Assim sendo, os bairros são os locais onde se formam os espaços de sociabilidades dos trabalhadores. Normalmente nos bairros encontramos um pouco de tudo, desde papelarias, mercadinhos, açougues, salões de beleza, as lojinhas de 1,99 que vendem produtos do Paraguai. Os proprietários desses pequenos comércios têm sempre uma estreita relação com os moradores do bairro, pois são vizinhos, são amigos, são companheiros de classe, mesmo que alguns deles tenham um faturamento maior. Muitas vezes fiam as mercadorias mesmo que o cartaz dentro do estabelecimento diga o contrário. Alguns apresentam dizeres até engraçados: *Promoção: peça fiado e ganhe um*

Não. Entretanto, sabemos que a "caderneta" é uma prática muito comum nos bairros operários e nela os produtos são anotados para posteriormente serem pagos ao fim de cada mês ou no adiantamento do dia 20. Muitos desses pequenos comerciantes foram funcionários das indústrias da cidade e com o dinheiro recebido no acerto conseguiram montar seu próprio negócio, tornando-se patrão de si mesmo. É o caso do Senhor Tonim, ex-funcionário da Coteminas. Como já dissemos anteriormente, o Senhor Tonim montou o seu supermercado no bairro onde mora, o Eldorado, e hoje emprega Mateus, o filho mais novo do Senhor Joanes.

É nesse sentido que a vida em comunidade é importante para essas pessoas. Para o Senhor Humberto, a participação teve início nos anos de 1990, através das atividades na associação de moradores do bairro Nova Morada. Foi para essa associação que ele formou uma chapa e concorreu às eleições do bairro e mesmo sendo chapa única conseguiu que muitos dos moradores participassem das eleições. Atualmente desempenha um papel ativo no bairro como presidente da associação e como "vice-tesoureiro do Conselho de Pastoral e qualquer tipo de movimento aqui no bairro eu tô sempre participando".[184] Em determinado momento de sua entrevista ele ressalta que:

> Eu, nem ne Miralta que é a minha terra, eu nunca tive um envolvimento assim tão grande e com tanta vontade como eu tenho por esse bairro aqui. E é de admirar por que desde o início do bairro até hoje, o que passou de bom e de ruim a gente tá envolvido no meio.[185]

Um dos questionamentos que fizemos ao Senhor Humberto foi com relação à sua caminhada na Associação:

> Uai isso aí através de convite, né... um colega meu participava com meu irmão que é muito envolvido com essas coisas, né... o mais novo do que eu um ano, mas sempre acordou mais cedo... então... ele vem trabalhando há muito tempo, há muitos anos. É tanto que foi o que deixou nós na roça, eu fiquei por último ele veio primeiro... hoje faz Direito na Santo Agostinho e já candidatou pra vereador tanto como duas vez. E através de tudo que ele aprendeu, eu me espelho em muitas coisas nele e através disso aí eu fui me envolvendo nas coisas.

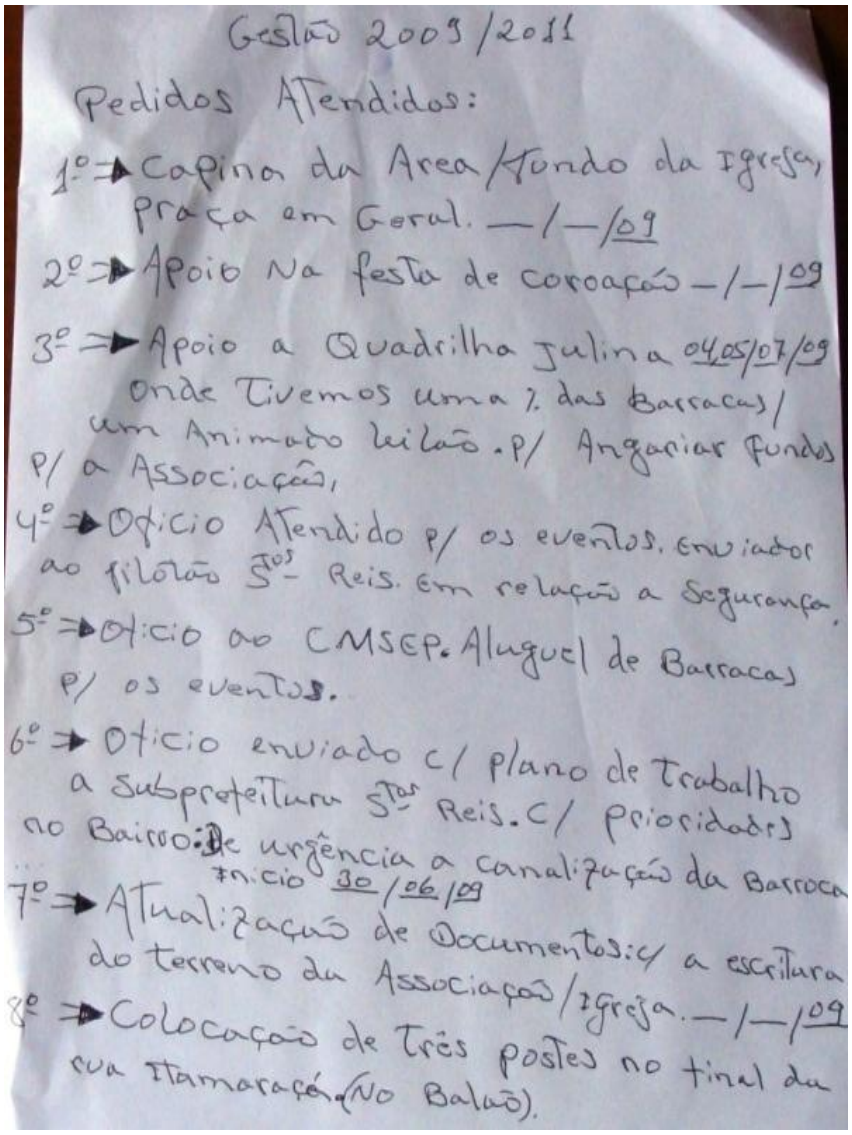
[184] LEAL, H. 22 set. 2009, Montes Claros, formato mp3, (1 h). Entrevista concedida à autora.
[185] LEAL, H. 22 set. 2009, Montes Claros, formato mp3, (1 h). Entrevista concedida à autora.

> E durante esse tempo de movimento, como ele era presidente de associação, coordenador de conselho e presidente de associação, outra ora coordenador de conselho ou presidente de associação, então com esse movimento eu fui engajando nas coisas de vagarzin com o tempo aí eu fui trabalhando junto com ele, né. [...] Aqui foi a primeira comunidade que nós começamos a trabalhar foi aqui. [...] Aí eu fui chamado pra participar da Associação... foi a primeira coisa que eu fui chamado pra participar dentro do bairro e aí eu fui como secretário. Nisso eu fiquei dois anos, depois tornou me reeleger como tesoureiro, aí eu fiquei mais dois anos. Aí depois eu candidatei a presidente e perdi com diferença acho que de 35 votos, eu tive duzentos e oitenta e pouco e o rapaz trezentos e pouco, uma coisa assim, a diferença foi mínima, mas eu não consegui. Aí a gente foi trabalhano, foi desenvolveno, né, e devido a gente tá participano dentro da igreja, né, aí já fui encaixano mais nas coisas, né? E aí voltei de novo a candidatar e candidatura essa que não apareceu, não apresentou uma outra chapa e já esse presidente anterior que foi Tião, uma pessoa muito boa, mais chegou um ponto que ele ficou só dentro da comunidade, sem poder fazer nada. É tanto que essa obra ele lutou tanto pra conseguir na gestão dele e não conseguiu, devido à maneira de trabalho dele que acabou afastano, não foi bateno com as outras, né? Ai vinha a perseguição e com isso ele foi só caino. Então quando foi agora que surgiu a oportunidade, ele não quis mais encarar, já também não tinha nem como, o tempo que ele tinha de participação, né, já tinha sido presidente, tornou ser vice-presidente, voltou a presidente de novo, então tava naquela mesmice toda vida. Então ele achou por bem e por lei também, pelo estatuto não pode mais do que dois anos e ele já tava passano, tava estourano já. Então eu peguei e entrei chapa única, essa chapa única foi composta de 18 pessoas.[...] E com isso eu obtive 244 voto, acho que teve dois em brancos e foi de surpresa porque não esperava que ia acontecer isso, por incrível que pareça foi de admirar, porque eu não esperava que ia chegar o tanto que chegou, devido o... acho que pelo trabalho que a gente presta na comunidade, a amizade que a gente vem cativano, chegou a esse ponto.[186]

A presença de Jenival é marcante em toda a narrativa de Humberto. O irmão mais novo que "sempre acordou mais cedo" significa a possibilidade de vencer em meio às adversidades da cidade; ele é, portanto, aquele que luta por seus sonhos e que nuca desiste, pois hoje faz "Direito na Santo Agostinho e já candidatou pra vereador tanto como duas vez". Foi através de Jenival que Humberto se envolveu com a igreja e com a comunidade. É se espelhando nas atividades desenvolvidas pelo irmão na comunidade que Humberto segue adiante com o seu trabalho, tendo como base as vivências e experiências do seu irmão.

[186] LEAL, H. 22 set. 2009, Montes Claros, formato mp3, (1 h). Entrevista concedida à autora.

À frente da associação de moradores, Humberto já conseguiu realizar inúmeros feitos. Em suas anotações, que transcrevemos abaixo, constam algumas referências do que a sua administração já conseguiu efetivamente.



Gestão 2009/2011

Pedidos Atendidos:

1º ⇒ Capina da Area/Fundo da Igreja, praça em Geral. —/—/09

2º ⇒ Apoio Na festa de coroação —/—/09

3º ⇒ Apoio a Quadrilha Julina 04/05/07/09 onde Tivemos uma 7. das Barracas/ um Animado leilão. p/ Angariar fundos p/ a Associação,

4º ⇒ Oficio Atendido p/ os eventos. enviado ao pilotão 5tos Reis. Em relação a Segurança.

5º ⇒ Oficio ao CMSEP. Aluguel de Barracas p/ os eventos.

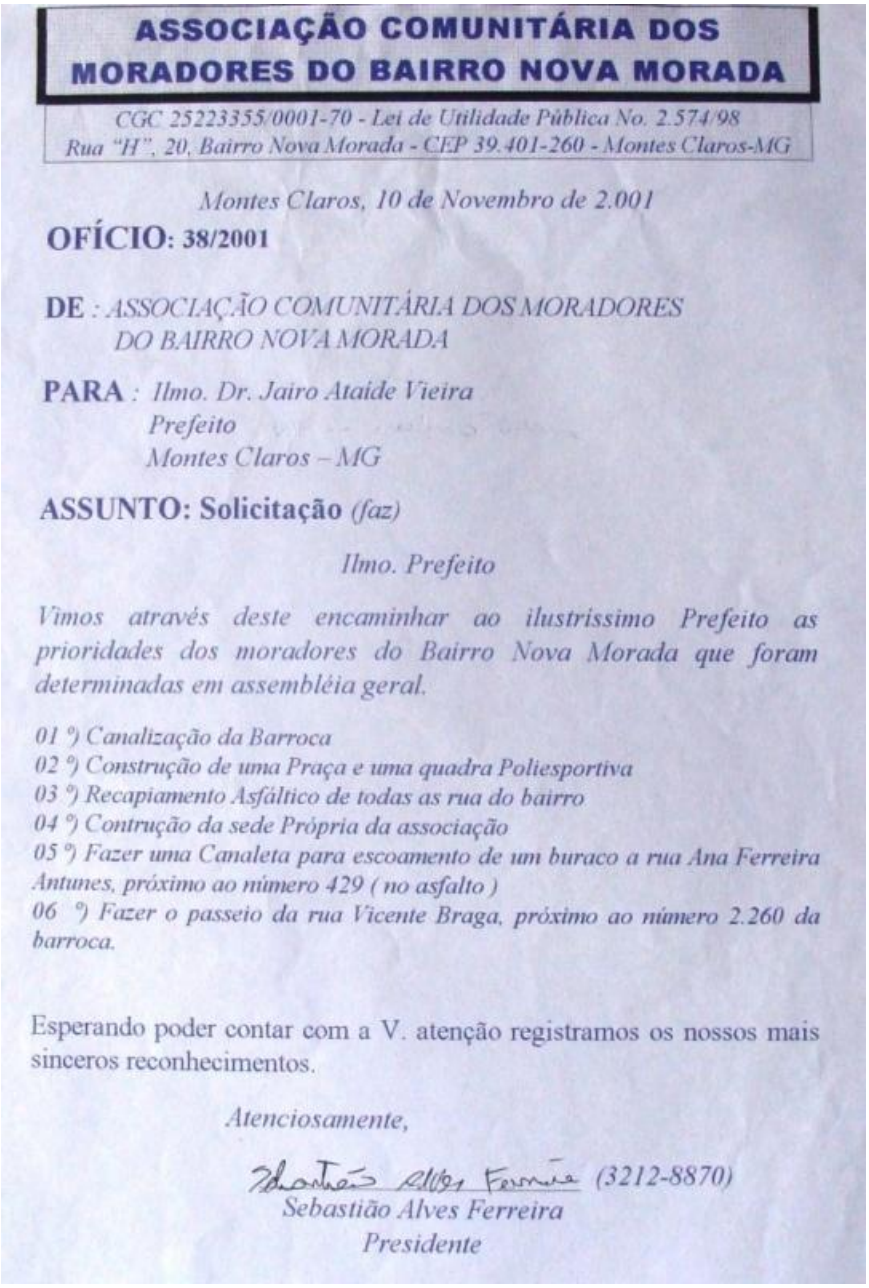
6º ⇒ Oficio enviado c/ plano de Trabalho a Subprefeitura 5tos Reis. C/ prioridades no Bairro: de urgência a canalização da Barroca Inicio 30/06/09

7º ⇒ Atualização de Documentos: c/ a escritura do terreno da Associação/Igreja. —/—/09

8º ⇒ Colocação de Três postes no final da rua Itamaraçá. (No Balão).

Figura 6: Documento feito por Humberto - Associação de moradores do bairro Nova Morada

A principal realização da administração de Humberto é a canalização da barroca, obra iniciada em 30 de junho de 2009, mas reivindicada desde 1992. Através do ofício 38/2001, de 10 de novembro de 2001, o então presidente da associação Sebastião Alves Ferreira solicita do Senhor Jairo Ataíde, o prefeito da cidade naquele ano, que sejam cumpridas “as prioridades dos moradores do bairro Nova Morada que foram determinadas em assembléia geral”, como consta abaixo:



ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DOS MORADORES DO BAIRRO NOVA MORADA

CGC 25223355/0001-70 - Lei de Utilidade Pública No. 2.574/98
Rua "H", 20, Bairro Nova Morada - CEP 39.401-260 - Montes Claros-MG

Montes Claros, 10 de Novembro de 2.001

OFÍCIO: 38/2001

DE : *ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DOS MORADORES DO BAIRRO NOVA MORADA*

PARA : *Ilmo. Dr. Jairo Ataide Vieira*
Prefeito
Montes Claros – MG

ASSUNTO: Solicitação *(faz)*

Ilmo. Prefeito

Vimos através deste encaminhar ao ilustrissimo Prefeito as prioridades dos moradores do Bairro Nova Morada que foram determinadas em assembléia geral.

01 °) Canalização da Barroca
02 °) Construção de uma Praça e uma quadra Poliesportiva
03 °) Recapiamento Asfáltico de todas as rua do bairro
04 °) Contrução da sede Própria da associação
05 °) Fazer uma Canaleta para escoamento de um buraco a rua Ana Ferreira Antunes, próximo ao número 429 (no asfalto)
06 °) Fazer o passeio da rua Vicente Braga, próximo ao número 2.260 da barroca.

Esperando poder contar com a V. atenção registramos os nossos mais sinceros reconhecimentos.

Atenciosamente,

(3212-8870)
Sebastião Alves Ferreira
Presidente

Figura 7: Ofício produzido pela Associação de moradores do bairro Nova Morada

Humberto explica com detalhes:

> Esse canal aí é aquela barroca... uma barroca que traça o bairro da Quinca Souto que é uma rua que tem ali embaixo, daí até o final do muro da Fábrica de Cimento. Ela passa de frente a Igreja e segue em direção a serra da Fábrica de Cimento. Então é uma água que deságua dentro do bairro, que vem da Fábrica de Cimento, então quando chove tem uma lagoona lá dentro e ela transborda pra cá. Aí eles tão fazendo essa canalização... já colocou o manilhamento todin, aí vai fazer a terraplanagem, né, tá fazeno as boca de lobo, as caixa pra drenagem

> da água e, aí vai fazer o asfalto em seguida. Isso aí é uma obra que, desde 92 a gente vem lutano pra conseguir e agora por satisfação nossa, né, de tanto... tanto... insistência, nós conseguimo tirar agora porque facilitou o trabalho, por causa de Jê, aquele que te falei (o irmão Jenival), ele tá na subprefeitura do Santos Reis.[187]

Reiteramos que as trajetórias e memórias desses trabalhadores são dissidentes e alternativas. Estão disputando um lugar no espaço público à medida que lutam por expressividade. Portanto, as fontes que ora apresentamos são entendidas por nós como práticas sociais desenvolvidas por sujeitos sociais, que disputam a cidade e constroem a cidade em que vivem.

Humberto ressalta que nos primeiros momentos as coisas eram mais difíceis, mas com o tempo "a gente foi trabalhano, foi desenvolveno, e devido à gente tá participano dentro da igreja, né, aí já fui encaixano mais nas coisas". Da igreja para a associação, foi esse o caminho trilhado por Humberto. Pela participação na igreja e atuação na associação ele foi se constituindo na cidade, foi disputando um espaço e se construindo como sujeito. Atualmente, por estar à frente da associação, tem condições de juntamente com o irmão Jenival, sua referência, lutar por melhorias para o bairro.

Ressaltamos que as relações sociais entre os trabalhadores têxteis são intensificadas nos bairros onde vivem. Nesse ambiente, eles se conhecem, partilham as desigualdades, as dificuldades e se unem para combatê-las. Os festejos e as comemorações também são feitos com a participação de todos e as festas estão sempre acontecendo, sejam elas da igreja ou não, pois, durante o ano, acontecem várias mobilizações para angariar fundos para a igreja ou para a associação. Os bingos e leilões são os mais comuns. Nesses momentos, todas as pessoas que participam e frequentam a igreja católica se unem para preparar e para participar, pois esses também são momentos de socialização, de confraternização com os demais.[188] A festa religiosa mais conhecida no bairro é a festa de Santos Reis. Sobre ela Humberto conta que:

---

[187] LEAL, H. 22 set. 2009, Montes Claros, formato mp3, (1 h). Entrevista concedida à autora.

[188] Privilegiamos as ações desenvolvidas na Igreja Católica, porque é nessa instituição que os nossos entrevistados atuam. No entanto, sabemos que nos bairros mencionados existem inúmeros trabalhadores têxteis que congregam em outras instituições religiosas e, portanto, procedem de outras maneiras.

> _ O Senhor ajuda na festa de Santos Reis também, né?
> _ Ajudo, porque a paróquia é formada por... quem alimenta a matriz, a paróquia é as comunidade... tem aqui a São Francisco, São Pedro, São José Operário, Santo Augustinho e Santa Mônica que é essa daqui... então todas elas quando tem a festa lá na matriz, a gente tem que ir ajudar... e aí que forma aquele grupo e com união as coisa vão acontecendo... de forma... pelo visto é de agrado de todos. É uma coisa muito bonita e muito bem organizada... é tanto que a gente já recebe gente de muito longe, né, de fora, que vem pra participar... e cada um tem o dia certo, o dia de cê participar... tem as escalas, um dia é um, um dia é outro... igual aqui no bairro nosso mesmo, nós ficamos... às vez fica encarregado de uma barraca de biscoito ou uma barraca de qualquer outra coisa... né, então... outros fica em apoio de caixa... outros fica no caixa igual eu mesmo, eu participei cinco dias da festa, meu irmão também, o tesoureiro do conselho também participou e, assim todo mundo movimenta, né... e é muito bom porque... não por causa de retorno assim, de um modo geral, mas pela participação e envolvimento... essa união que cria entre todos os grupos e comunidade. Isso é muito importante... eu acho que pra fazer uma coisa, uma festa dessa acontecer, da forma que é falada não é pra qualquer um... e também não é assim tão fácil montar uma equipe e organizar ela pra que seja... não é cem por cento, mas eu acho que o que a gente pode fazer é feito.[189]

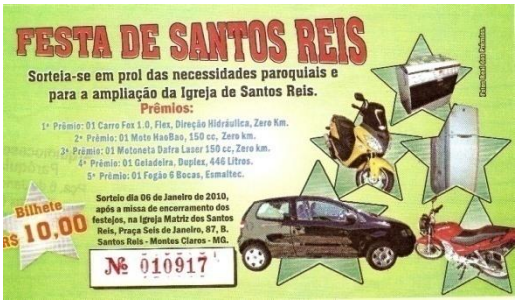


Figura 8: Bilhete de rifa em prol da festa da paróquia de Todos os Santos Reis

A organização da festa de Santos Reis começa ainda em setembro quando têm início as reuniões dos conselhos e as equipes são montadas. Todos os membros ativos no Conselho de Pastoral participam de alguma forma, e, como ressaltou Humberto, uns correm atrás de brindes para serem rifados, outros vão às empresas pedir doações e todos os participantes da igreja vendem os bilhetes. As celebrações, os ternos de folia, as pastorinhas, são o ápice da festa que acontece no bairro de Santos Reis com a participação de todas as comunidades da paróquia, entre os dias 24 de dezembro e 06 de janeiro. Portanto, os membros da comunidade de São José Operário e da comunidade de Santa Mônica, assim como as outras também estão contribuindo com os seus

[189] LEAL, H. 22 set. 2009, Montes Claros, formato mp3, (1 h). Entrevista concedida à autora.

serviços em várias frentes, seja em barracas de comidas típicas, biscoitos, bebidas ou na tesouraria cuidando das finanças, ou cuidando de uma coisa ou outra que surge, e todos se empenham na venda das rifas. A venda desses bilhetes se apresenta como uma prática social desses sujeitos. Nesse período que antecede o fim dos festejos, todos os participantes da paróquia se mobilizam para a venda dessas rifas. Os prêmios quase sempre são custeados pela própria paróquia, "tudo é feito na fé" nos disse Emerson, um jovem do bairro Eldorado muito ativo na igreja. Ao fim e ao cabo, toda essa movimentação faz com que se sintam parte do bairro onde moram e, consequentemente, da cidade, ou seja, estão construindo o seu espaço.

Ao falar sobre toda a movimentação na igreja durante os festejos de Santos Reis, Humberto salienta que "é muito bom porque... não por causa de retorno assim, de um modo geral, mas pela participação e envolvimento... essa união que cria entre todos os grupos e comunidade. Isso é muito importante".

O retorno financeiro certamente é importante, até porque é com os recursos angariados com as promoções que são feitas as melhorias nas igrejas. Contudo, nas palavras de Humberto não é somente ele que interessa, também importa "a participação e envolvimento" de todos, porque é por isso que se forma um espírito de união "entre todos os grupos e comunidade" e isso, ressalta ele, "é muito importante". São nesses valores, ressaltados por Humberto, que uma consciência de classe se projeta.

As festas são momentos de alegria e descontração para as pessoas. As festas religiosas, para aquelas pessoas que participam e que fazem parte delas, significam muito mais. A Folia de Reis é uma dessas festas que ainda hoje acontecem em inúmeras cidades brasileiras. Para os foliões, a folia é o momento de externar sua fé e sua devoção. Entretanto, para os foliões e todas as pessoas envolvidas, essa festa não se inicia e nem se encerra com ela mesma, mas faz parte da vida dessas pessoas, que desde crianças já acompanham os pais nos cortejos e aprendem as cantigas. Muito mais que expressar a religiosidade e a fé, a Folia de Reis é parte da vida daqueles que a fazem acontecer, é uma das muitas formas de pertencimento ao bairro, é a disputa e a construção do seu espaço. Entretanto, isso não significa que não haja divertimento por parte desses foliões e de todos os demais. Foi o Senhor Dedé quem também nos falou sobre a folia de reis em seus tempos de jovem. Seu Dedé relembra daquela época em que tinha "moçaiada, festa, [...] folia, o povo armava presépio, aqueles folião". Perguntei se ele foliava, ao que ele respondeu:

> _ Não. Eu era derruba reboque. Cê sabe o que é derruba reboque?
> _ Não.
> _ Acompanhava os folião. É pra namorar sozinho. Era bão... chama derruba reboque. Os folião vai cantar e vai aquele povão né? Tinha uma vez que tinha uma menina, hoje eu conto pro povo, povo morre de rir. Ela gostava mesmo de mim, mais o pai dela era assim, não deixava não, eu não podia nem chegar perto, eu tinha uma vontade de chegar perto dela. Então ele era folião, hora que ele ia cantar folia, nós ia namorar, a hora que ia terminano a folia... mas era bom, era bom.[190]

Mesmo para aqueles que não fazem parte do cortejo, a folia de reis faz parte da vida, como forma de divertimento, como alternativas e estratégias para conseguir alguma coisa, principalmente, no caso dos jovens, um namorado ou namorada. Era, certamente, um momento esperado, um momento vivido com intensidade. As relações se transformam com o tempo, mas mesmo hoje a festa é aquele momento em que os jovens saem para namorar e também fazem a sua festa, uma festa à parte. Ao mesmo tempo em que acontecem as comemorações da igreja, em que os foliões e as pastorinhas entoam cânticos de adoração ao menino Jesus, os muitos jovens do bairro e dos bairros vizinhos se divertem ao som do *funk* em uma festa própria. Essas práticas, que muitos associam às manifestações que envolvem "o profano e o sagrado", são por nós entendidas como práticas sociais de sujeitos que disputam seu espaço no bairro e que também estão se constituindo como sujeitos, da mesma forma que aqueles que o fazem dentro da igreja.

Dessa forma, a vida no bairro segue sua rotina. Para aqueles que estão de folga do trabalho, o domingo é dia de ir à missa, jogar futebol, comer um churrasco, tomar uma cerveja, participar de algum leilão ou bingo. Humberto, desde os tempos de sua juventude, sempre foi um fã do futebol, tanto que hoje tem o joelho operado devido às inúmeras disputas de bola nas várias partidas de que participou. Em 28 de abril de 1977, encontramos no Diário de Montes Claros a informação de que o "Santos Reis trabalha em silêncio e tem campeonato do bom".[191] Conversando com o Senhor Joanes, soubemos que ele também era um apreciador do futebol, tanto que:

---

[190] ADÃO, J. 31 de jul. 2008, Montes Claros, formato mp3, (1h 30 min). Entrevista concedida à autora.
[191] Santos Reis trabalha em silêncio e tem campeonato do bom. **Diário de Montes Claros.** Montes Claros, 28 abr. 1977. Esportes. Arquivo particular do Senhor Américo Martins Filho.

> Na verdade, eu mexia com time de futebol. Eu tinha um time aqui chamado Associação Olímpica Industrial e eu aprendi a simpatizar com esse time. Esse time, eu fiquei lá, não jogando eu era apenas roupeiro, carregava roupa dos jogador, era um marcador de campo, depois tornei presidente do time. [...] Então eu fiquei durante dois anos.[192]

Nas páginas do caderno de esportes do Diário de Montes Claros, do dia 03 de maio de 1977, encontramos a informação de que o Industrial havia empatado com Coroinha em 1x1, pelo campeonato amador da cidade, e, por isso, o jornal ressaltava que no dia do trabalho, o "trabalhador teve (...) um péssimo futebol"[193]. Recordo-me de sempre ouvir as conversas dos homens que diziam ir ao campo do "Social", ou do "Juventus", e o mais famoso de todos, o campo do "Delfino Magalhães", de onde mais tarde foi revelado Bentinho, um jogador que se tornou famoso tendo jogado na Portuguesa e no São Paulo Futebol Clube.

O futebol amador é um dos assuntos mais frequentes nos jornais da cidade naquele período, sendo que em quase todos os jornais que pesquisamos encontramos referências a ele. É também nesse momento que a mídia reconhece o bairro Santos Reis. Nessa mesma edição de 03 de maio de 1977, o Diário de Montes Claros segue informando que "em diversos campos, espalhados pelo bairro (Santos Reis), estarão se debatendo: San Remo x Ouro Preto; Pop x Santa Eugênia e União x Colorado"[194], ao passo que o Jornal do Norte de 01 de fevereiro de 1985 informava que a "Taça Santos Reis divulga tabela da primeira rodada".[195] Foram em campeonatos como esse que Humberto participou durante anos enquanto ainda morava na zona rural de Montes Claros. Entre 1982 e 2001, ele disputou muitos campeonatos rurais no campo do Ateneu, um dos times locais. Em um desses jogos teve o joelho machucado, foi obrigado a se submeter a uma cirurgia e teve de deixar os campeonatos. Atualmente ele afirma que:

---

[192] JOANES. 15 jan. 2009, Montes Claros, formato mp3, (1h 20 min). Entrevista concedida à autora.
[193] Trabalhador teve no seu dia um péssimo futebol. **Diário de Montes Claros**. Montes Claros, 03 mai. 1977. Esportes. Arquivo particular do Senhor Américo Martins Filho.
[194] Santos Reis trabalha em silêncio e tem campeonato do bom. **Diário de Montes Claros**. Montes Claros, 28 abr. 1977. Esportes. Arquivo particular do Senhor Américo Martins Filho.
[195] Taça Santos Reis divulga tabela da primeira rodada: domingo. **Jornal do Norte**. Montes Claros, 01 fev. 1985. Esportes. Arquivo particular do Senhor Américo Martins Filho.

> eu brinco, mas é só futebol de salão. [...] Dia domingo, foi 25 pra 26, os minino lá marcou um torneio e disse que era pra mim ir jogar, aí eu peguei e fui lá na quadra do Destak, final de ano, aí eu peguei e fui, cheguei lá e joguei. Nós ficamo em segundo lugar no torneio, aí no outro dia, não agüentei foi no outro dia, quase que precisava era me panhar da cama, durim, amanhã tem outro, amanhã eu vou lá de novo. (risos).[196]

No entanto, para além do divertimento e do lazer que o futebol proporciona, entendemos que, com ele, esses sujeitos sociais estão também disputando um lugar na cidade. O direito ao lazer, seja ele através do futebol ou das festas religiosas ou dos bingos e leilões, é também uma forma de pertencimento à cidade em que moram. Nos jogos de futebol dos fins de semana as amizades são fortalecidas, o companheirismo e a camaradagem são evidenciados. Isso porque muitas das amizades construídas ali não duram somente noventa minutos, elas extrapolam o tempo do jogo e se fazem presentes no dia a dia dessas pessoas. São também esses amigos que ajudam no mutirão para colocar a laje da casa, são eles que informam sobre uma vaga de trabalho, ou seja, são eles que também ajudam em um momento de necessidade. Assim, o futebol é apenas mais uma das frentes em que esses trabalhadores estão se constituindo como sujeitos. Assim, estão se construindo historicamente na cidade e, de certa forma, estão também lutando, por pertencimento e por espaço.

Por tudo isso que falamos, podemos inferir que os trabalhadores encontram no bairro um dos espaços de sociabilidades mais importantes. No bairro eles estão em casa e estão próximos de sua gente. Nesse sentido, as transformações vividas nesse ambiente são importantes, pois são também parte das mudanças em suas vidas, já que, afinal, uma boa moradia não se restringe somente à casa, mas a uma soma de elementos básicos como transporte, energia elétrica, água, esgoto, entre outros itens básicos. Ao se referir ao início de sua vida no bairro e de como era difícil o transporte, seu Dedé avalia as transformações e as mudanças positivas a partir de suas experiências de vida.

> Num tinha nem ali que dirá aqui. [...] Agora tem a lotação 111, de 15 em 15 m ela passa subino na farmácia aí e vai na avenida. E tem essa 101, 131. E antigamente só tinha lá em baixo no asfalto. Ônibus pra nós trabaiá nós tinha que pegá lá no trevo... é... passava era lá, num vinha aqui não e hoje não. Hoje eu tava sentado ali ó e esse cara que

[196] LEAL, H. 18 jan. 2009, Montes Claros, formato mp3, (1 h 40 min). Entrevista concedida à autora.

> mora aí do lado desceu na porta da casa dele... o ônibus para na porta da casa da gente... tudo melhorou... e o povo custuma falar que antigamente era melhor. Quantas vez eu já vim de lá da roça, nós vinha pra cá de apé trazeno peso... trazeno coisa [...] Num tinha condução, num tinha... a gente vinha de cavalo, papai vinha de a cavalo né... hoje, igual eu fui pra lá (para roça) de bicicleta porque eu quis, por que tem o ônibus, só que do ponto de ônibus lá é uma distancinha assim dois quilometro.[197]

Ao se referir ao bairro hoje, ele enfatiza que:

> Posto de saúde muito bom... escola, foi aqui que meus filho formou segundo grau. Agente de saúde que passa aí na casa da gente de mês em mês medindo a pressão da gente, de mês em mês passa aqui... esse cartão aqui... medindo a pressão, olhando tudo, se precisar já marca a consulta com eles... antigamente tinha isso? Num tinha e hoje não, hoje é uma maravilha.[198]

O ato de recordar traz à tona as dificuldades iniciais vividas em um momento difícil. A vida no campo sempre foi uma vida "sofrida demais", mas mesmo sendo sofrida era "bom demais". Contudo, o viver e o pertencer à cidade foram questões muito importantes para as muitas famílias que vieram para Montes Claros, por isso a paciência, a espera e a crença em melhorias. Seu Dedé fala com satisfação dessas melhorias no seu dia a dia, pois se sente parte da vida da cidade, pois o "agente de saúde passa aí na casa da gente, de mês em mês medindo a pressão da gente". Muitas dessas melhorias foram resultados da luta incessante da Associação de Moradores. Como enfatizou o Senhor Humberto, "é muito difícil, porque cê tem que procurar angariar recursos, correr atrás de prefeitura pra fazer as coisas".[199] O ofício apresentado abaixo é um desses momentos de luta para conseguir melhorias para o bairro visando ao bem comum.

---

[197] ADÃO, J. 14 jan. 2009, Montes Claros, formato mp3, (1h). Entrevista concedida à autora.
[198] ADÃO, J. 14 jan. 2009, Montes Claros, formato mp3, (1h). Entrevista concedida à autora.
[199] LEAL, H. 18 jan. 2009, Montes Claros, formato mp3, (1 h 40 min). Entrevista concedida à autora.

Montes Claros, 04 de Agosto de 2009

OFÍCIO Nº 11/2009/ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DOS MORADORES DO BAIRRO NOVA MORADA

ILMO
DR. LUIZ TADEU LEITE
PREFEITO DE MONTES CLAROS

A **ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DOS MORADORES DO BAIRRO NOVA MORADA**, representada pelo seu diretor presidente HUMBERTO **LEAL RODRIGUES** e atendendo à solicitação dos moradores, vem respeitosamente solicitar de V. Sa., **o asfaltamento ou espalhar brita no beco entre os nºs 1554 e 1654 da Avenida Vicente Braga no Bairro Nova Morada, sendo que a extensão do beco é de aproximadamente sessenta (60) metros.**

Certo de Vossa atenção, desde já agradecemos e colocamo-nos à disposição para quaisquer esclarecimentos que se fizerem necessários.

Atenciosamente,

HUMBERTO LEAL RODRIGUES
DIRETOR PRESIDENTE
FONE: 38-9121-6485

Recebi

Figura 9: Oficio feito pela Associação de moradores do bairro Nova Morada

No entanto, as transformações também acontecem de forma negativa. O Senhor Joanes, quando falava sobre suas atividades na igreja de São José Operário no bairro Eldorado, externou a sua preocupação com o aumento dos índices de violência na cidade e em seu bairro. A criminalidade em Montes Claros só fez aumentar com o passar dos dias e a violência está muito presente entre nós e, em alguma medida, essa violência transforma hábitos e costumes no bairro e na cidade. Ao falar sobre isso, o

Senhor Joanes revela todo um processo de transformações sociais que são percebidos e sentidos no dia a dia. As medidas adotadas durante os festejos de São José Operário são uma das consequências dessa violência que altera modos de viver, o que, consequentemente, implica uma nova maneira de se relacionar com os demais, de se divertir, de trabalhar.

> _ Cê sabe porque começou tudo isso? (o corte de bebidas alcoólicas nas festas da igreja). Vou explicar o seguinte detalhe: eu tava na reunião na associação e tinha uma festa num salão que tinha uma luz negra que ficava... ficava... aí...
> _ Era uma boate?
> _ Era uma boate, tipo uma boate, só nas festa que fazia. Tava tudo claro e de repente eu saí de uma reunião, saí de outra porta, aí vi um rapaz saindo com a mão assim, (com a mão do lado) andando devagarzin e tal, o cara apunhalou ele, deu uma punhalada nele.
> _ Nesse cara que tava com a mão do lado?
> _ É... eu até pensei na hora, que tava meio claro, eu vi um negócio assim correndo no chão assim, eu até pensei que era lama, mas não era poça, era porque tava saindo sangue na perna dele, e o sangue escorrendo... eu vi ele morrer, na verdade. Então tudo isso, eu fiquei assim preocupado com essas atitudes de violência, essas coisa que não tava batendo assim... a igreja não tava batendo com aquilo, que eu tava vendo gente morrendo, as pessoas não tinham amor próprio entendeu? Aí eu falei assim: poxa, isso é um absurdo, né, falei assim: não, parar com isso, aí paramos. Paramos de trabalhar nessa linha e começamos a ter essa nova forma de festa, né, o qual acho que isso tá pegando até em Montes Claros, acho que em muitos lugares aí já tá. É lógico... logicamente que muitas pessoas talvez não entendem o ponto de vista da gente, né, mas será... o pessoal bebe lá e vem pra festa? Vem mesmo, mas pelo menos o pessoal da igreja tem que dar testemunho pra que os de fora veja e siga o exemplo.[200]

A violência sempre foi noticiada pela mídia. Nos primeiros dias de fevereiro de 1985, o Jornal do Norte informava que "depois de três dias de busca a polícia prende criminosos" e ressaltava ainda que "número de furtos aumenta muito na cidade". Somamos a isso inúmeros assassinatos, crimes passionais e um crescimento assustador do tráfico de entorpecentes e temos em 2009 Montes Claros ocupando a posição 142 na lista de violência contra jovens no Brasil.[201] A violência é uma questão complexa que envolve um conjunto de fatores e, portanto, não temos como discuti-la aqui. Esse que é

[200] JOANES. 15 jan. 2009, Montes Claros, formato mp3, (1h 20 min). Entrevista concedida à autora.
[201] Em lista de violência contra jovens, Montes claros aparece na posição 142 no Brasil. **Montesclaros.com**. Montes Claros, 25 nov. 2009. Disponível em: http://montesclaros.com/noticias.asp?codigo=46673. Acesso em 31 dez. 2009.

um dos mais graves problemas do país. Todavia, o que queremos ressaltar ao falar sobre isso é que a violência afeta sobremaneira os modos de vida de uma sociedade. Um dos motivos apontados pelas autoridades está relacionado ao fato de que Montes Claros possui o segundo maior entroncamento rodoviário do país, o que faz com que uma população flutuante muito carente permaneça na cidade sem perspectiva de vida. É com esse clima de insegurança e medo que os trabalhadores da cidade são obrigados a conviver.

Buscando minimizar os efeitos negativos da violência no bairro e dentro de suas limitações, a associação de moradores do bairro Nova Morada busca realizar um trabalho voltado para as crianças do bairro, promovendo atividades esportivas e de lazer, com o objetivo de afastá-los do "mundo da marginalidade". Em documento entregue a subprefeitura do bairro Santos Reis, no ano de 2009, a Associação ressalta que está buscando auxilio junto às autoridades para construir um "centro de capacitação" no bairro. Dessa forma, terão condições de realizar um trabalho mais efetivo junto aos jovens, principalmente porque "ficam expostos no mundo das drogas e da criminalidade". O documento ainda consta que "é sabido que em nossa região tem essa carência, pois se trata de uma região muito periférica e de alto índice de criminalidade".[202]

Dessa forma, a associação pretende dar a sua contribuição, por menor que seja, para minimizar os problemas da violência e das drogas que crescem principalmente entre as crianças e jovens da cidade. Porém, sabemos que essa é uma situação complexa e que exige mais de toda a sociedade, mas, mesmo sendo medidas tímidas, são, contudo, dignas de serem mencionadas e aplaudidas.

[202] Associação dos moradores do bairro Nova Morada. Documento apresentado a sub-prefeitura do grande Santos Reis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitas mudanças aconteceram entre a execução do projeto e o desenvolvimento deste trabalho. Essas mudanças foram extremamente significativas, sobretudo no que concerne ao entendimento do que vem a ser o social, termo por demais complexo e muitas vezes não compreendido. Este trabalho é fruto dessas transformações e surgiu a partir de questões enfrentadas ainda na graduação: a vontade de desenvolver um trabalho que seja de alguma forma útil para a sociedade e comprometido com as questões de nosso tempo. Principalmente em uma época em que a produção historiográfica está cada vez mais distante da sociedade e que nós, historiadores, estamos cada vez mais escrevendo para nós mesmos. Assim, a opção por escrever sobre os modos de vidas dessas pessoas foi uma tentativa de fazer um trabalho em que tais pessoas pudessem também se reconhecer nele e saber que isso é História.

Nesse sentido, tratar dos modos de vidas desses trabalhadores significou deixar para trás supostos preconcebidos e partir para uma investigação que privilegiou ir além das denúncias de exploração de classe, para tentar compreender como essa relação de classe se apresenta na vida em todas as suas dimensões. Assim, esta investigação pautou-se na busca por momentos que privilegiassem a formação de trabalhadores como sujeitos históricos e como classe.

Por isso foram privilegiados os modos de vida dos trabalhadores têxteis em Montes Claros e escolhemos as unidades fabris do grupo Coteminas para ser o ponto de partida. Especificamente partimos da greve protagonizada pelos funcionários da unidade Cotenor, em maio de 2008. Esse momento foi o ponto inicial para apreender relações mais complexas que são construídas por esses sujeitos. No entanto, essa greve tem um significado muito maior que, certamente, não se iniciou ou tampouco se encerrou com o fim das manifestações.

Consideramos importante trazer à tona as memórias e lutas dessas pessoas no que se refere aos primeiros anos na cidade, principalmente porque grande parte delas é migrante. Isso significou compreender a maneira como se organizaram na cidade para ter acesso à moradia e trabalho, ou seja, a forma encontrada para construir seu espaço nesse novo lugar. Acreditamos que essas são questões importantes quando optamos por colocar em discussão a dinâmica das relações sociais.

A partir disso foi possível trazer, no terceiro capítulo, essas pessoas nos espaços que elas mesmas construíram. Nas festividades da igreja que foi levantada com a ajuda de toda a comunidade, durante os fins de semana quando todos se uniam para adiantar o trabalho. Ou nas atividades da Associação de Moradores que busca, junto aos órgãos oficiais, uma maneira de melhorar o bairro onde moram, ou nos muitos bingos e leilões feitos para angariar fundos para a mesma Associação. Ou nos campos de futebol, nas praças, nas ruas que eram constantemente interditadas para ali acontecerem as festas da Associação. Assim, buscamos compreender como esses trabalhadores estão se constituindo como sujeitos e como estão se percebendo na cidade que ajudaram a construir.

Entendemos a greve como um momento na vida dessas pessoas. E os depoimentos fizeram emergir toda uma historicidade desse momento, apontando um conjunto de transformações vividas e partilhadas por elas. Nesse sentido, a greve foi uma percepção dessas transformações. Portanto, o desenvolvimento deste trabalho nos levou a inferir que aquele momento só faz sentido dentro de uma agenda maior, em que o que está em jogo é também a preservação dos direitos já adquiridos por esses trabalhadores.

Por isso buscamos nas memórias desses sujeitos resquícios de suas vivências, de suas lutas para conseguirem na cidade o seu espaço, e o que encontramos foi um social que se apresentou de forma ampla e contraditória. Foi observando esse social, complexo, diverso, amalgamado e contraditório que compreendemos como os sujeitos se fazem como classe. Todas essas percepções contribuíram para que amadurecêssemos nossa noção de política. Esta é muito mais que o horário eleitoral gratuito. É a forma como a sociedade é organizada e governada.

Em outra direção, o desenvolvimento deste trabalho significou uma reconfiguração dos nossos supostos. Buscar compreender a dinâmica das relações sociais de Montes Claros foi muito importante na medida em que me aproximou e me permitiu conhecer mais sobre sua história. A História da cidade na qual nasci e cresci e que vi se transformar sem entender o que se passava. Significou falar de pessoas que, como eu, sempre tiveram de trabalhar para correr atrás dos sonhos. Significou falar de uma cidade que é muito mais que ruas e avenidas e indústrias, pobreza e desigualdade. Significou, portanto, mudar o nosso olhar e enxergar outras histórias e outras memórias. Não histórias diferentes, mas tratou-se de enxergar os outros sujeitos sociais que fazem parte dessa história.

Enfim, espero que através deste trabalho seja possível refletirmos um pouco mais sobre o que venha a ser esse social e a dinâmica das relações engendradas no seu interior, para que assim possamos passar do capital ao capitalismo e então compreendermos como as relações capitalistas transformam as relações entre as pessoas.

Sobretudo, espero podermos refletir mais acerca dos valores, dos sonhos, dos comportamentos, das perdas, das derrotas e dos embates de pessoas comuns e reconhecer que eles estão presentes nessas relações com interesses próprios, muitas vezes contraditórios. Portanto, não se trata de dar voz a essas pessoas, e sim de reconhecer que eles fazem história.

FONTES

1) JORNAIS IMPRESSOS (ARQUIVO PARTICULAR DE AMÉRICO MARTINS FILHO)

Casas populares serão sorteadas. **Diário de Montes Claros.** Montes Claros, 12 abr. 1977.

Conjunto habitacional para favelados. **Diário de Montes Claros.** Montes Claros, 14 ago. 1977.

FAGUNDES. M. M. É este o progresso que Montes Claros queria? **Diário de Montes Claros**. Montes Claros, 01 abr. 1979. Segundo Caderno, industrialização.

Moc continuará no programa mineiro cidades de porte médio. **Diário de Montes Claros.** Montes Claros, 09 out. 1977.

SILVEIRA, O. Ressonância e dissonância da reunião da SUDENE. **Diário de Montes Claros**. Montes Claros, 2 jun. 1977.

SILVEIRA. J. As causas da mendicância. **Diário de Montes Claros**. Montes Claros, 12 jun. 1977. Flashes e comentários.

_____. Todos devem conhecer a Coteminas. Para se orgulhar depois de ser montesclarense. **Diário de Montes Claros**. Montes Claros, 28 fev. 1975. Caderno especial.

SUDENE: A redenção do Norte de Minas. **Jornal do Norte.** Montes Claros, 27 out. 1989. Caderno especial.

2) JORNAIS IMPRESSOS ATUAIS:

COTEMINAS aceita dialogar com funcionários. **Jornal de Notícias**. Montes Claros, 07 jun. 2008, Cidade, pg. 7.

PREFEITO recebe diretores da Coteminas. **Jornal de Notícias**. Montes Claros, 09 de fev. 2008, Cidade. pg. 7.

3) REVISTA MONTES CLAROS EM FOCO: (CÓPIAS)

COTEMINAS: um exemplo dos novos tempos. **Montes Claros em Foco**. Belo Horizonte, n. 36, p. 41, ago. 1979.

MACHADO, S. G. Sudene: Qual a tua culpa? **Montes Claros em Foco**. Desenvolvimento. Belo Horizonte, 17-20, out. 1981.

4) INFORMATIVO COTEMINAS

MACIEL. M. J; HENRIQUE. J. J. C. **Um novo desafio**. Informativo Coteminas. Montes Claros abr/mai/jun, 2008, Editorial, ano II, n. 08, p. 1.

5) MEIOS ELETRÔNICOS:

AUDIÊNCIA na câmara para discutir demissões na Coteminas. **O Norte.net**, Montes Claros. 14 fev. 2008. Política. Disponível em: http://www.onorte.net/noticias.php?id=13111. Acesso em: 7 set. 2009.

BRASIL, E. Demissões da Coteminas chegam a Brasília. **O Norte.net**, Montes Claros. 16 fev. 2008. Política. Disponível em: http://www.onorte.net/noticias.php?id=13111. Acesso em: 7 set. 2009.

_____. Sessão especial na Câmara Municipal deixa clara posição de empresa no processo de demissão coletiva. **O Norte.net**. Montes Claros, 16 fev. 2008. Política. Disponível em: http://www.onorte.net/noticias.php?id=13111. Acesso em: 7 set. 2009.

CASTANHEIRA. J. **Coteminas vai aos EUA**: como e porque a companhia brasileira uniu-se com a americana Springs. Disponível em: http://www.terra.com.br/istoedinheiro/423/negocios/coteminas.htm Acesso em 07 set. 2009.

Coteminas ameaça demitir. Trabalhadores ocupam sindicato. 30 jan. 2009. Disponível em http://ramonjrfonseca.blogspot.com/2008/06/coteminas-ameaa-demitir-trabalhadores.html. Acessado em 04/06/2009.

6) MAPAS

Mapa 1: localização de Montes Claros em relação aos grandes centros.

Mapa 2: localização de Montes Claros na da área mineira da SUDENE.

Mapa 3: Regiões de planejamento de Montes Claros

Mapa 4: Montes Claros e a localização de alguns bairros em relação ao centro.

7) FIGURAS

Figura 1: Correspondência cedida por Lourival Soares Ribeiro

Figura 2: Carta resposta da Adveniat aos moradores do bairro Eldorado.

Figura 3: Pauta da reunião da associação dos moradores do bairro Nova Morada.

Figura 4: Panfleto desenvolvido pela Associação de Moradores do bairro Nova Morada

Figura 5: Panfleto sobre bingo beneficente. Associação dos Moradores do bairro Nova Morada

Figura 6: Documento feito por Humberto. Associação de Moradores do bairro Nova Morada

Figura 7: Ofício produzido pela Associação de Moradores do bairro Nova Morada

Figura 8: Bilhete de rifa em prol da festa da paróquia de Todos os Santos Reis

Figura 9: Ofício feito pela Associação de Moradores do bairro Nova Morada

8) ENTREVISTADOS

Élcio Cícero Ferreira: nasceu em Montes Claros no ano de 1972. Trabalhou no grupo Coteminas de 1990 a 2004. É casado e tem dois filhos. Atualmente trabalha na Nestlê e mora no bairro Dr. João Alves.

Humberto Leal Rodrigues: nasceu em Miralta, zona rural de Montes Claros no ano de 1966. Chegou a Montes Claros no ano de 1988. Trabalha no grupo Coteminas desde 1990. É casado e pai de três filhos. Mora no bairro Nova Morada, região do grande Santos Reis.

Ivani: nascida em Montes Claros no ano de 1969. Trabalhou no grupo Coteminas de 1996 a 2001. É casada com Valdomiro Ferreira, tem dois filhos. Mora no bairro Santo Antônio. Atualmente trabalha em uma cooperativa.

Jaqueline Ramos de Souza: nasceu em Montes Claros no ano de 1968. Trabalha no grupo Coteminas desde 1998. É separada e tem dois filhos. Mora no bairro Sagrada Família.

Joana Isabel Ferreira: nasceu em Ermidinha, zona rural de Montes Claros no ano de 1961. Chegou a Montes Claros no ano de 1977. Trabalhou no grupo Coteminas de 1977 a 1980, de onde saiu para se casar. É separada e tem cinco filhos. Atualmente trabalha no comércio de Montes Claros. Mora no bairro Vila Atlântida, região do grande Santos Reis.

Joanes: nasceu em Cruzeiro do Sul no Paraná no ano de 1959. Em 1974 seus pais resolveram voltar para Coração de Jesus no Norte de Minas, de onde haviam saído na década de 1950. Joanes chegou a Montes Claros em 1977. Trabalha no grupo Coteminas desde então, onde se aposentou. É casado e pai de três filhos. Mora no bairro Eldorado, região do grande Santos Reis.

João Batista Ferreira da Silva: nasceu em Ermidinha, zona rural de Montes Claros em 1975. Chegou a Montes Claros em 1977 junto com a família. Trabalhou no grupo Coteminas de 1994 a 2001. É casado e tem uma filha. Atualmente trabalha como eletricista na Vilma, indústria alimentícia em Belo Horizonte.

José Adão: [Seu Dedé] nasceu na Fazenda Cabeceiras no município de Montes Claros no ano de 1944. É casado e tem três filhos. Trabalhou no grupo Coteminas de 1980 a 2008. Atualmente é aposentado. Mora no bairro Nova Morada, região do grande Santos Reis.

José Mendes Sobrinho: nasceu em São Francisco no ano de 1952. Chegou a Montes Claros em 1993 depois de uma temporada em São Paulo. Até 1995 trabalhou em um bar montado por ele no bairro Santos Reis. Trabalhou no grupo Coteminas de 1995 a 2006. Atualmente é aposentado e mora no bairro Santos Reis.

Laurilene Aparecida Santos: nasceu em Montes Claros no ano de 1982. Trabalhou no grupo Coteminas de 2003 a 2008. É casada e tem dois filhos. Atualmente está desempregada. Mora no bairro Monte Carmelo. O seu esposo também trabalha no grupo Coteminas.

Lourival Soares Ribeiro: nasceu em Salinas, município do Norte de Minas, no ano de 1978. Chegou a Montes Claros com a família entre 1984 e 1986. Trabalha no grupo Coteminas desde 1996. É solteiro e tem uma filha. Mora no bairro Independência. Liderou a paralisação parcial na unidade Cotenor e as manifestações posteriores acontecidas no ano de 2008. Em virtude disso, trabalha por determinação judicial.

Márcio Roberto Domingos Ribeiro: nasceu em Corinto no ano de 1954. Quando criança, sua família se mudou para Diamantina. Chegou a Montes Claros no ano de 1979. Trabalhou no grupo Coteminas de 1979 a 2008. É casado e pai de três filhos. Atualmente é aposentado e trabalha na Cia. Industrial de Estamparia próxima a Augusto de Lima. Mora no bairro Vila Ipiranga em Montes Claros.

Maria dos Santos Silva: nasceu em Claro dos Poções, município do Norte de Minas, no ano de 1976. Chegou a Montes Claros no ano de 1995. Trabalhou no grupo Coteminas

de 1995 a 2008. Tem uma filha e mora com o seu companheiro no bairro conjunto Joaquim Costa, região do grande Maracanã. Atualmente faz costuras em sua casa.

Valdirene: nasceu em Bocaiúva, município do Norte de Minas, no ano de 1975. Chegou a Montes Claros em 2004. É casada com Vinícius e tem três filhos. Trabalha no grupo Coteminas desde 2005. Mora no bairro Antônio Pimenta.

Valdomiro Ferreira: nasceu em Montes Claros no ano de 1965. Trabalha no grupo Coteminas desde 1996. É casado com Ivani e é pai de dois filhos. Mora no bairro Santo Antônio.

Vilson Cardoso Faria: nasceu em Monte Azul e veio para Montes Claros com 13 anos de idade. Trabalhou no grupo Coteminas de 1983 a 1991. Depois trabalhou vendendo produtos do Paraguai. É casado e tem dois filhos. Atualmente tem uma loja de confecções no centro da cidade. Mora no bairro Sagrada Família.

Vinícius: nasceu em Montes Claros no ano de 1975. Em 1985 sua família se mudou para Bocaiúva. Voltou para Montes Claros no ano de 2004 para trabalhar no grupo Coteminas, no setor administrativo. É casado e pai de três filhos. Mora no bairro Antônio Pimenta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALMEIDA, Paulo Roberto. “Cada um tem um sonho diferente”: Histórias e narrativas de trabalhadores no movimento de luta pela terra. *In*: MACIEL, Laura Antunes; (*et all*) **Outras Histórias: memórias e linguagens.** São Paulo: Olho d’agua, 2006. p. 44-60.

_____. Encantos e desencantos da cidade: trajetórias, cultura e memória de trabalhadores pobres de Uberlândia – 1970-2000. *In*: FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; (*et all*) **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho d’agua, 2005. p. 139-154.

_____. Os trabalhadores e a cidade: reflexões sobre o uso das fontes orais. *In*: PORTELLI, Alessandro; (*et all*). **Mundos dos trabalhadores, lutas e projetos:** temas e perspectivas de investigação na historiografia contemporânea. Cascavel: EDUNIOESTE, 2009, 140 p. (Tempos Históricos).

BRAGA, Maria Ângela Figueiredo. **Industrialização da área mineira da SUDENE**. Um estudo de caso: Montes Claros. Montes Claros: Editora Unimontes, 2008. 128 p.

CHALHOUB, Sidney. Zadig e a história. *In*: **Visões da liberdade**: uma história das últimas décadas da escravidão na corte. São Paulo: 1990, p. 17-28.

CRUZ, Heloísa de Feria E. **São Paulo em papel e tinta:** periodismo e vida urbana, 1890-1915. São Paulo: EDUC, 2000.

FENELON Déa Ribeiro. Trabalho, cultura e história social: perspectivas de investigação. *In*: **Revista Projeto História**. São Paulo: EDUC, n.5, 1984.

_____. O Historiador e a cultura popular: história de classe ou história do povo? *In*: **História e perspectivas**. Uberlândia, n. 6, p. 5-23, jan/jun. 1992.

_____. (org.) Cidades. **Programa de Estudos Pós-Graduados em História**. Série Pesquisa em História. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/Olho D’água, 1999.

_____. *et all*. (org). Muitas memórias, outras histórias. *In*: **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho d’agua, 2005, p. 5-13.

FRANÇA, Iara. **A cidade média e suas centralidades**: o exemplo de Montes Claros no Norte de Minas Gerais. 256 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) Centro de Ciências Humanas e Artes. Universidade Federal de Uberlância, Uberlândia, 2007.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. *In*: **Mitos, emblemas e Sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 143-179.

HOBSBAWM, Eric. Da História social à história da sociedade. *In*: **Sobre História.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

JOHNSON, Richard. DAWSON, Graham. Memória Popular: Teoria, Política, Método. In: FENELON, Dea Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; (*et all*) **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho d'agua, 2005. p. 282-295.

KHOURY, Yara Aun. Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história. *In*: FENELON, Dea Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; (*et all*) **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho d'agua, 2005.

_____. O historiador, as fontes orais e a escrita da história. *In*: MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto; KHOURY, Yara. (org.) **Outras Hisótias: memórias e linguagens.** São Paulo: Olho d'agua, 2006, p. 22-43.

MATTOS. **Trabalhadores e Sindicatos no Brasil**. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2002.

MENDES, Leandro de Aquino. **O Partido dos Trabalhadores em Montes Claros-MG:** Fundação e Consolidação na década de 1980. 77 f. Monografia (graduação em História) Centro de Ciências Humanas. Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2004.

OLIVEIRA, Evelina Antunes Fernandes de. **Nova cidade, velha política:** poder local e desenvolvimento na Área da Sudene. Maceió: EDUFAL, 2000.

OLIVEIRA, Marcos Fábio Martins. O processo de formação e desenvolvimento de Montes Claros e da Área Mineira da SUDENE. *In*: OLIVEIRA, M. F. M. (*et all*) **Formação Social e Econômica do Norte de Minas.** Montes Claros: Unimontes, 2000, p. 13-103.

PEREIRA, L. M. **A cidade do favor**: Montes Claros em meados do século XX. Montes Claros: Ed. Unimontes, 2002.

PORTELLI, Alessandro. “O momento da minha vida”: funções do tempo na história oral. *In*: FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; (*et all*) **Muitas memórias, outras histórias.** São Paulo: Olho d’agua, 2005. p. 296-313.

_____. As fronteiras da memória: o massacre das fossas ardeatinas. História, mito, rituais e símbolos. *In*: **História e Perspectivas**. Uberlândia, (25 e 26): 9-26, jul./dez. 2001/jan./jun. 2002. Cursos de História e Programa de Mestrado em História.

_____. História Oral e Memórias. Entrevista com Alessandro Portelli. *In*: **História e Perspectivas**. Uberlândia, (25 e 26), jul./dez. 2001/jan./jun. 2002. Cursos de História e Programa de Mestrado em História.

_____. O que faz a história oral diferente. Projeto História. São Paulo, n°14. **Programa de Pós-Graduação em História**, 1997.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena.** São Paulo: Paz e Terra, 1988.

SILVA, Ângela M; PINHEIRO, Maria Salete; FRANÇA, Maira. **Guia para normalização de trabalhos técnicos-científicos**. Uberlândia: Edufu, 2008. 131 p.

TELLES, Vera da Silva. Mutações do Trabalho e experiência urbana. *In*: **Revista Tempo Social**. USP, vol 18, n. 1, p. 173-195.

THOMPSON, Edward Palmer. **A formação da classe operária inglesa:** a maldição de adão. 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, v. 2, 1987.

_____. **A formação da classe operária inglesa:** árvore da liberdade. 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, v. 1, 1987.

_____. **A miséria da teoria ou um planetário de erros:** uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1981.

_____. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos.** Campinas: UNICAMP, 2007.

_____. **Costumes em Comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMSON, Alistair. Histórias (co) movedoras: História Oral e estudos de migração. *In*: **Revista Brasileira de História.** São Paulo, v. 22, n. 44, pp. 341-364, 2002.

VELOSO, Cândida Maria Santos. **Outros modos de viver**: pobreza urbana em Montes Claros 1960 a 1980. 189 f. Dissertação (Mestrado em História) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores. 1979.